

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

RÚBIA RICCELI PIRA SANTANA MOREIRA

OLHAR JARDINEIRO:
um passeio pelo jardim, uma imersão na paisagem

Recife

2018

RÚBIA RICCELI PIRA SANTANA MOREIRA

OLHAR JARDINEIRO:
um passeio pelo jardim, uma imersão na paisagem

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco em cumprimento as exigências curriculares para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Conservação Integrada

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Sá Carneiro

Recife

2018



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Rúbia Ricceli Pira Santana Moreira

“OLHAR JARDINEIRO: UM PASSEIO PELO JARDIM, UMA IMERSÃO NA PAISAGEM”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 20/08/2018.

Banca Examinadora

Profa. Ana Rita Sá Carneiro Ribeiro (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Maria de Jesus Britto Leite (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Onilda Gomes Bezerra (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Marccus Vinícius da Silva Alves (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

À **Gustavo Santana**, companheiro de todas as horas,
e aos **Jardineiros**

AGRADECIMENTOS

Quando meu irmão mais velho se graduou ele escreveu em seu convite de formatura uma frase atribuída à Isaac Newton: “se consegui ver mais longe é porque estava aos ombros de gigantes”. Lembrando disto, pensei que, no meu caso, ver mais longe significou perceber, por trás dos gestos cotidianos e aparentemente banais do jardineiro, a grandeza da própria vida, do que significa viver. E essa sensibilidade à vida, tal como se apresenta em um jardim, devo, principalmente, aos primeiros jardineiros que conheci: meus pais, **Marcos e Terezinha**. A eles agradeço toda minha vida, em especial, a infância feliz que tive em meio as plantas de nosso jardim, livre para sentir a natureza e, desde então, a me interessar por ela.

Mas o jardim de minha infância não me seria tão caro sem as memórias que tenho das aventuras que nele compartilhei com meus irmãos. **Guto** foi quem me mostrou o pequeno milagre da lagarta se transformar em borboleta... Com **Francis**, acordei as cinco da manhã só para ver o sol nascer... **Débora** foi minha companheira de subir na jabuticabeira e lá passar longas horas... com **Jean** brinquei de caçar tesouros escondidos sob pedras, entre árvores... Graças a eles, o jardim também significa para mim um lugar de felicidade!

Se à minha família devo o afeto pelo jardim, estudá-lo em uma pós-graduação só foi possível graças aos professores e colegas do MDU, em especial do Laboratório da Paisagem aos quais agradeço a receptividade e o conhecimento compartilhado.

À professora **Ana Rita Sá Carneiro**, minha orientadora, quero primeiramente agradecer a oportunidade de escrever sobre o tema que escolhi e a forma como me mostrou o valor desta pesquisa. Então, agradeço a paciência que teve com minhas dificuldades, o constante incentivo, todos os conselhos, as revisões, e tudo que se dispôs a ensinar com muita boa vontade. O entusiasmo com que trabalha e luta pelo que acredita é para mim um exemplo que quero lembrar e também saber praticar.

Às professoras **Onilda Bezerra e Lúcia Veras**, agradeço as contribuições que foram essenciais para que pudesse definir os objetivos e o caminho metodológico que norteiam esse trabalho.

Ao **Joelmir Marques**, sempre solícito, agradeço as preciosas sugestões, em especial a de entrevistar os jardineiros do Sítio Roberto Burle Marx, cujos depoimentos constituíram a alma desta dissertação.

Aos colegas do laboratório: **Alberto, Juliane, Luiza e Wilson**, agradeço a troca de ideias sempre construtiva, principalmente para superar as dificuldades do percurso.

À minha **turma de pós-graduação (ME 17)** agradeço os momentos enriquecedores de debate e também de descontração, além da constante disponibilidade para ajudar a esclarecer as mais variadas dúvidas.

À **Renata Cavalcanti**, agradeço a prontidão, a gentileza e a eficácia com que resolveu tudo o que precisei junto à secretaria do MDU desde que ingressei na pós-graduação.

À equipe administrativa do **Sítio Roberto Burle Marx**, em especial à **Jéssica Santana** e à **Suzana Bezerra**, agradeço a atenção com que me receberam a fim de entrevistar os jardineiros do sítio, bem como por todo suporte que me deram ao longo da realização das entrevistas.

Ao **Carlos Alberto**, jardineiro e responsável pela equipe técnica de jardineiros do sítio, agradeço a entrevista rica em detalhes e ensinamentos, bem como o cuidado de me apresentar aos demais jardineiros que entrevistei.

Aos jardineiros **Alan Alves, Aldir Sardinha, Delci Alves, Elias Verdan, Sinval Augusto, José Eli, Jorge Antônio, José Romeu, Paulo Roberto e Pedro Alves**, agradeço por terem compartilhado comigo um pouco de sua sabedoria jardineira.

Ao meu marido, **Gustavo Santana**, agradeço a paciência de me ouvir explicar, não sei quantas vezes, o meu problema de pesquisa e por não me deixar desistir nos momentos de dificuldade, sempre me apoiando com palavras motivadoras.

Agradeço também a todos os amigos que fiz e que tornaram minha estadia em Pernambuco uma experiência muito feliz, de forma especial:

À **Emerson e Fabiana Queiroz**, pela calorosa acolhida e todo carinho.

À **Iraildo e Marluce Chalegre**, pela atenção e todo cuidado.

A presença de vocês me ampara diminuindo a falta que sinto da minha família, mesmo que a saudade seja constante.

Aos amigos **Caio Nesello, David e Jamilly Melo van den Brule, Gil e Juliana Barreto, Rafael Bruto e Talita Bruto**, pelas preciosas conversas e momentos de alegria que tornaram esses dois anos mais leves e bonitos.

E a Deus, agradeço por ter colocado em meu caminho todas essas pessoas e o que eu precisei para realizar esse trabalho.

Vamos cuidar do nosso jardim, plantar as rosas com beijos, em cada canteiro. Em nosso terreiro tem amor, tão encantado e companheiro, como um beija-flor. Vamos por as mãos na terra, sentir o cheiro e a força da serra. Pra ser um bom jardineiro, é preciso entender as plantas, o saber das luas, o querer do tempo e mirar as nuvens, pra adivinhar as chuvas. (GUIMARÃES, 2007)

RESUMO

O jardim e a paisagem, conceitualmente, admitem múltiplos significados os quais muitas vezes se cruzam, apontando uma correspondência entre os mesmos. Explorando os conceitos de jardim ordinário, proposto por Anne Cauquelin, e cinco portas da paisagem, elaborado por Jean-Marc Besse, verificamos ser possível afirmar que o jardim é paisagem, principalmente porque ambos solicitam a presença de um “operador da complexidade”, papel esse desempenhado pelo jardineiro e pelo paisagista. E pela paisagem que é, o jardim responde a diversas necessidades humanas contribuindo para o bem-estar das pessoas, de forma que conservá-lo significa construir uma qualidade de vida na cidade. Porém, a conservação do jardim depende da compreensão da dinâmica do elemento vivo e exige cuidados diários, que muitas vezes são negligenciados. Por isso, ela é indissociável do trabalho do jardineiro, responsável direto pela manutenção da vida e quem, com seu gesto cotidiano, recria continuamente o jardim idealizado pelo paisagista. Todavia, observa-se que os responsáveis pela gestão não compreendem essa continuidade e ignoram a necessidade da presença constante de jardineiros capacitados nos jardins. Essa incompreensão compromete a manutenção dos jardins e coloca em risco sua conservação e preservação, principalmente no caso do jardim histórico. Diante disto, esta pesquisa buscou mostrar como o ofício do jardineiro é complexo, principalmente em razão de sua relação com o paisagista. Especificamente, exploramos as ideias dos paisagistas Burle Marx e Gilles Clément que enaltecem o artífice que o jardineiro é, bem como o depoimento de onze jardineiros em exercício. Através destes paisagistas, descobrimos o que é o olhar do jardineiro, uma maneira peculiar de ver e interpretar a vida, para então verificarmos como esse olhar é desenvolvido e expresso pelos jardineiros em sua prática. Assim, foi possível deduzir que o jardineiro é um profissional de sabedoria e sensibilidade singulares que, por articular diversos conhecimentos e profissionais, é indispensável na gestão de jardins.

Palavras-chave: Jardim. Paisagem. Jardineiro. Paisagista. Gestão de jardins.

ABSTRACT

The garden and the landscape, conceptually, admit multiple meanings that often intersect, pointing out a correspondence between them. Exploring the concepts of ordinary garden, proposed by Anne Cauquelin, and landscape's five doors, elaborated by Jean-Marc Besse, we find it possible to state that the garden is landscape, mainly because both request the presence of an "operator of complexity", role played by both the gardener and the landscaper. And because of the landscape that it is, the garden responds to diverse human needs contributing to the well-being of the people, so that conserving it means building a quality of life in the city. However, garden conservation depends on understanding the dynamics of the living element and requires daily care, which is often neglected. Therefore, it is inseparable from the work of the gardener, who is directly responsible for the maintenance of life and who, with his daily gesture, continually recreates the garden idealized by the landscaper. However, it is noted that those in charge of management do not understand this continuity and ignore the need for the constant presence of trained gardeners in the gardens. Such incomprehension compromises the maintenance of the gardens and jeopardizes their conservation and preservation, especially of the historic garden. In view of this, this research sought to show how the gardener's trade is complex, mainly because of its relationship with the landscaper. Specifically, we explore landscapers Burle Marx and Gilles Clement's ideas that extoll the craftsman the gardener is, as well as the testimony of eleven practicing gardeners. Through these landscapers, we discover what the gardener's look is, this peculiar way of seeing and interpreting life, so that we can see how this look is developed and expressed by the gardeners in their practice. Thus, it was possible to deduce that the gardener is a professional of singular wisdom and sensibility that, because articulates diverse knowledge and professionals, is indispensable in the management of gardens.

Keywords: Garden. Landscape. Gardener. Landscaper. Garden management.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PAISAGEM E JARDIM, CONCEITOS QUE SE CRUZAM	15
2.1	O JARDIM EM SUA FORMA MAIS SIMPLES	19
2.1.1	O conceito de jardim	29
2.2	PAISAGEM, UM CONCEITO PLURAL	31
2.3	CINCO PORTAS, UM JARDIM QUE SE ABRE À PAISAGEM	36
3	A COMPLEXIDADE DO OFÍCIO DO JARDINEIRO	40
3.1	BURLE MARX : UM JARDIM COERENTE	42
3.2	GILLES CLÉMENT : UM JARDIM EM MOVIMENTO	52
3.3	OLHAR JARDINEIRO	61
4	RETRATO JARDINEIRO	65
4.1	A VIDA DO JARDINEIRO	72
4.1.1	Trajetória profissional e relação com o ofício	73
4.1.2	Sabedoria jardineira	80
4.1.3	Ensino e aprendizagem do ofício	86
4.1.4	Consciência jardineira	92
4.2	BURLE MARX E O SÍTIO: A VALORIZAÇÃO DO JARDINEIRO	96
4.3	SER JARDINEIRO	99
4.4	MANUAL DE BOAS PRÁTICAS JARDINEIRAS	102
5	O JARDINEIRO: PERSONAGEM INDISPENSÁVEL NA MANUTENÇÃO DE JARDINS E PAISAGENS	105
5.1	RECOMENDAÇÕES PARA UMA GESTÃO DE JARDINS CENTRADA NO JARDINEIRO	112
	REFERÊNCIAS	115
	APÊNDICE - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA DOS JARDINEIROS	119

1 INTRODUÇÃO

Segundo Besse (2014), estudar paisagem na cultura contemporânea significa aceitar “uma polissemia e uma mobilidade essenciais” deste conceito e transitar entre as diversas disciplinas das quais ela é objeto. Considerando essa multidisciplinaridade, ele identificou cinco categorias de “problemáticas paisagísticas” cada qual com uma definição específica para paisagem, a saber: “representação cultural”; “território produzido pelas sociedades na sua história”; “complexo sistêmico”; “espaço de experiências sensíveis” e “local ou contexto de projeto”.

De forma sintética, conforme o ponto de vista adotado em cada porta, a paisagem está associada às necessidades humanas de se expressar, de transformar o espaço para habitá-lo, de interagir com o ambiente vivo, de experimentar o mundo e de imaginar - projetar - realidades possíveis para si. Assim, entendemos que, em suma, a paisagem é uma necessidade humana que “constitui um elemento chave do bem-estar individual e social” conforme coloca a Convenção Europeia da Paisagem (2000).

Ao analisar a paisagem do ponto de vista da representação cultural, Berque (1994) explica que o homem de uma civilização paisagística a expressa através de uma ou mais das quatro formas a seguir: palavra, literatura, pintura e jardins. Dentre elas, o jardim é o único construído “*in situ*”. Berjman (2008), o define como um “constructo” resultante de um projeto estético que se realiza por meio do material natural para atender à necessidade humana de construir paisagens. E por ser construído com material natural, segundo Linaje (2014), ele apresenta mais “verossimilhança” com a paisagem do que a pintura ou a poesia.

Além disso, se considerarmos que a paisagem só existe quando um lugar natural se torna objeto da intervenção e/ou percepção humana (ROGER, 2011), a criação de um jardim é a criação de uma paisagem. Para Rosario Assunto (apud SERRÃO, 2013, p.79), de fato, “o jardim é paisagem em pequeno” porque ele vive na mesma interseção espaço-tempo onde vive a paisagem: “um espaço finito mas aberto, percorrido pela temporalidade circular que integra, sem as perder, todas as modificações” (op.cit.), isto é, um espaço de limites variáveis - definidos por quem o cria - onde é possível ler o passado e projetar o futuro.

Desta forma, partindo da hipótese de que o jardim é paisagem, consideramos que ele exemplifica de que maneira a mesma supre as necessidades humanas de criação, contemplação, recreação, convívio, encontro com a natureza dentre outras que, associadas, contribuem para o bem-estar do homem. Portanto, compreendemos que a conservação do

jardim histórico constitui uma importante iniciativa para a construção de qualidade de vida na cidade. E para conservá-lo é preciso entender a sua especificidade que é a matéria viva.

Segundo Berjman (2008) o jardim nunca é estático uma vez que a modificação da natureza operada pelo homem está submetida às modificações da própria natureza, do elemento vivo ao qual ele deve sua especial peculiaridade. Como sintetiza o paisagista Burle Marx, “o jardim é natureza organizada pelo homem e para o homem” (in OLIVEIRA, 2001) assim, diante da realidade dinâmica da natureza, para conseguir criar e manter a ordem que deseja, o homem faz uso de múltiplos recursos: conhecimentos botânicos, princípios artísticos, técnicas de poda e plantio, regras arquitetônicas etc. Por isso o jardim é simultaneamente uma obra de arte, uma ciência e uma técnica (BERJMAN, 2008), conseqüentemente, criá-lo é uma tarefa bastante complexa cujo sucesso depende de jardineiros capacitados.

Para Cauquelin (2005), todo jardim tem uma dimensão ordinária, isto é, simples e utilitária que nos aproxima de sua essência; e o jardim que melhor permite essa aproximação é aquele que se cultiva em casa, de dimensões modestas, cujo cuidado faz parte das tarefas domésticas e cotidianas. A partir dessa premissa, essa autora investiga o processo de criação e manutenção de um “*jardin ordinaire*” (jardim ordinário) e identifica que: (a) o ritmo de seu desenvolvimento é similar ao de uma narrativa, construída pouco a pouco conforme a condução do jardineiro (um canteiro, depois outro, uma fonte, um caminho etc.); (b) o tempo solicitado, é o de dedicação constante do jardineiro que por meio da repetição de tarefas rotineiras combate os efeitos da entropia e mantém a ordem desejada e (c) pelas experimentações práticas e observação o jardineiro está continuamente adquirindo e aprimorando a sua sabedoria.

Com base nisto, Cauquelin (op.cit. p.9) afirma que a verdade essencial do jardim é a de que ele existe para alguém: “*quelqu’un l’a voulu, quelqu’un l’a pensé, quelqu’un l’a conçu; quelqu’un continue à le soutenir jour après jour, comme Descartes le disait de la création continuée*”¹. E no jardim ordinário, este alguém é o jardineiro - seu único autor, porque nele não há a presença diferenciada de um paisagista, uma vez que suas atribuições estão compreendidas dentro do fazer e saber jardineiros. Esse exemplo devolve à figura do jardineiro e ao seu ofício uma relevância ausente no atual cenário de paisagismo, isto é, destaca o valor criativo de suas escolhas e ações.

¹ “alguém o quis, o pensou, o concebeu; alguém continua a mantê-lo um dia após o outro, como dizia Descartes sobre a criação continuada” (Tradução da autora).

Quando pensamos no jardim público, por exemplo, onde se diferenciam paisagista - como criador - e jardineiro - enquanto executor e mantenedor -, notamos uma desvalorização do jardineiro, como se o seu trabalho fosse meramente “braçal” e sem complexidade, capaz de ser feito por qualquer um sem capacitação específica. Todavia, tendo em vista que o jardim é criado cotidianamente, um dia após o outro (CAUQUELIN, 2005), entendemos que, ao lado do paisagista, o jardineiro é um co-criador porque, na verdade, a vida do jardim depende de seus gestos cotidianos. Conforme Sá Carneiro et al (2015, p.166), “considerando a importância do jardineiro para que o trabalho do paisagista se torne realidade, é fundamental que seu papel seja reconhecido, valorizado e destacado”.

Contudo, na realidade recifense, onde essa pesquisa se insere, a compreensão limitada do trabalho jardineiro impõe grandes desafios para a manutenção de jardins (op.cit.). A equipe do Laboratório da Paisagem (DAU/UFPE) - que há anos pesquisa sobre os jardins de Burle Marx no Recife, tendo inventariado e prestado consultoria para a restauração de alguns deles e que, atualmente, está à frente da elaboração de um plano de gestão para os mesmos - constatou que de maneira geral, os atores responsáveis pela gestão desses espaços desconhecem a sua importância para a vida dos jardins (op.cit.). Na maioria dos casos, suas funções são atribuídas aos técnicos de limpeza urbana que não receberam o treinamento necessário para desenvolver a sensibilidade e sabedoria que as plantas exigem.

Ainda como evidência dessa realidade, as pesquisas feitas no Laboratório da Paisagem revelam que mesmo nos jardins de Burle Marx, reconhecidos como patrimônio cultural nacional no ano de 2015², a atuação do jardineiro ainda não é um gesto cotidiano. A Prefeitura do Recife, principal responsável pela manutenção destes jardins, não possui jardineiros no seu quadro de funcionários (SÁ CARNEIRO et al, 2015). Eles atuam por meio de firmas terceirizadas que são contratadas pelos adotantes³, o que dificulta o treinamento especializado bem como o estabelecimento de uma relação afetiva entre jardineiro e jardim.

Em outras palavras, por desvalorizar o jardineiro, a gestão de jardins negligencia a sua manutenção que, conforme a Carta de Florença (1981), é uma “operação primordial e necessariamente contínua” para a conservação desses “monumentos vivos” cuja matéria prima é “perecível e renovável”. Sendo importante lembrar que a Carta de Veneza (1964) já declarava que “a conservação dos monumentos, exige, antes de tudo, manutenção

² Praça de Casa Forte; Praça Euclides da Cunha; Praça da República; Jardim do Campo das Princesas; Praça do Derby; Praça Salgado Filho e Praça Faria Neves. (SÁ CARNEIRO et al., 2013)

³ Um adotante é uma pessoa jurídica participante do programa Adote o Verde da Prefeitura do Recife (parceria público-privada para a conservação das áreas verdes) que responde pela manutenção do jardim que adota.

permanente”. De fato, uma manutenção adequada pode evitar que outras medidas de conservação - tais como restituição ou restauração – sejam necessárias. Neste contexto, a Carta de Jardins Históricos Brasileiros ou Carta de Juiz de Fora (2010) começa a valorizar o jardineiro quando recomenda o “reconhecimento, de forma clara e efetiva, da importância e singularidade do ofício do jardineiro” para “preservação e manutenção dos jardins históricos”.

Então, a fim de contribuir para este reconhecimento, buscamos demonstrar a complexidade que a planta, “um ser vivo, com necessidades e preferências” (MARX, 2004, p.64), impõe ao jardineiro que precisa saber “*vérifier, infléchir ou contrarier les capacités supposées du mouvement*”⁴ deste ser vivo (CLÉMENT, 2012, p. 76) para concretizar e dar continuidade à paisagem idealizada pelo paisagista. Assim, entendendo a manutenção como parte fundamental da conservação, **o objetivo desta pesquisa é explicitar a complexidade do ofício do jardineiro e sua relação com o paisagista visando à conservação do jardim.**

Em virtude do exposto, esta dissertação está estruturada em quatro capítulos: o primeiro “**Paisagem e jardim, conceitos que se cruzam**”, a partir de Cauquelin e de Besse, relaciona jardim e paisagem e, através desta relação, versa sobre a correspondência entre jardineiro e paisagista. O segundo “**A complexidade do ofício do jardineiro**”, discorre sobre o olhar jardineiro - voltado para a vida - presente na trajetória dos paisagistas Burle Marx e Gilles Clément a fim de revelar a complexidade do ofício jardineiro. O terceiro “**Retrato jardineiro**”, com base na entrevista de um grupo de 11 jardineiros, revela os aspectos do aprendizado e prática que tornam este ofício complexo. O quarto e último “**O valor do jardineiro pelo olhar de G. Clément e B. Marx**”, explicita de que forma a valorização deste ofício pode contribuir para a conservação de jardins e paisagens, especialmente como base da gestão.

⁴ “verificar, infletir ou contrariar as supostas capacidades do movimento” (Tradução da autora).

2 PAISAGEM E JARDIM, CONCEITOS QUE SE CRUZAM

“O jardim é paisagem em pequeno” (apud SERRÃO, 2013, p.79). Assim afirma o filósofo italiano Rosario Assunto para o qual a paisagem é o resultado de uma interseção peculiar entre espaço e tempo, caracterizada por uma “finitude aberta” e uma “temporalidade inclusiva”, tais como são encontradas no jardim e que, portanto, justificam que este seja também entendido como paisagem. Admitindo-se essa correspondência entendemos que compreender o jardim é um caminho para a compreensão da paisagem, assim como o oposto. Todavia, é necessário considerar que o conceito no qual Rosario Assunto sustenta seu posicionamento é apenas um dentre muitos outros possíveis.

Conforme Besse (2014), o conceito de paisagem é “móvel” e “polissêmico”, sobretudo por ser compartilhado por muitas disciplinas e profissões. Diante disto, ele identificou cinco “problemáticas paisagísticas” que coexistem na discussão contemporânea e as definiu como “cinco portas da paisagem”, isto é, cinco formas de abordar a paisagem:

Assim, a paisagem é considerada (1) como **uma representação cultural** (principalmente informada pela pintura), (2) como **um território produzido pelas sociedades na sua história**, (3) como **um complexo sistêmico** articulando os elementos naturais e culturais numa totalidade objetiva, (4) como **um espaço de experiências sensíveis** arreadas às diversas formas de objetivação, (5) e como, enfim, **um local ou um contexto de projeto** (BESSE, 2014, p.12; numeração e grifo nossos).

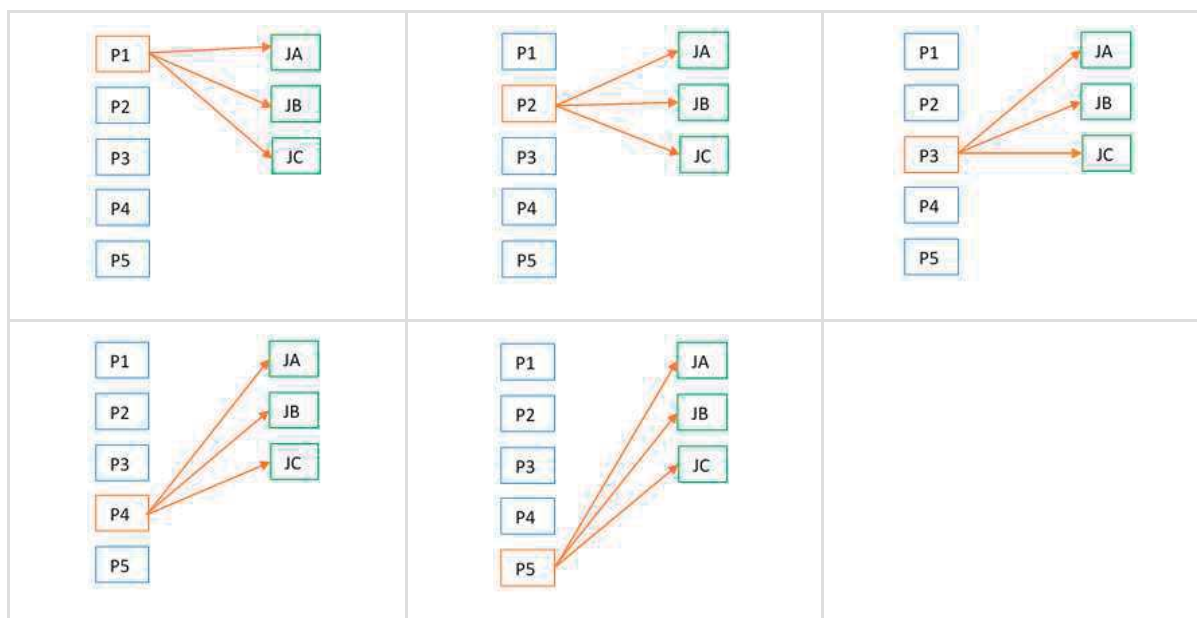
Cada uma dessas portas pode ser priorizada conforme o objetivo pretendido, sendo importante dizer que a de projeto reúne aspectos tratados nas demais e revela o paisagista como um articulador da complexidade da paisagem. Assim, com o objetivo de **verificar a existência de uma correspondência entre paisagem e jardim e, respectivamente, seu desdobramento na compreensão e aprofundamento dos mesmos**, consideraremos todas as portas e, em especial, o papel do paisagista.

Entendendo que a repetição de tal correspondência em diferentes situações evidencia uma relação mais profunda entre paisagem e jardim, isto é, não apenas contextual (circunstancial e momentânea), mas sim **fundamental ou essencial** (que se mantém independente do contexto), escolhemos verificá-la através de cada uma das cinco portas propostas por Besse (2014) as quais constituem, assim, as referências conceituais de paisagem utilizadas ao longo da pesquisa. Em outras palavras, queremos verificar se todas essas portas da paisagem nos permitem acessar o jardim, e no sentido contrário, se o jardim permite acessar a paisagem. Para tanto, precisamos, antes de mais nada, definir o jardim.

Tal como a paisagem, o jardim também pode ser definido de múltiplas maneiras, o que já configura, de certa forma, uma semelhança entre ambos. Dentro da filosofia, por exemplo, Serrão (2013, p.72) o descreve como “uma categoria sintética, ponto de confluência de múltiplas conjunções possíveis”. Porém, se optássemos por várias referências conceituais também para o jardim, dependendo do critério de escolha, estaríamos diante de pelo menos duas situações: ou uma quantidade de possibilidades de análise incompatível com o escopo de uma dissertação; ou ainda diante de uma determinação, isto é, de um jardim definido por cada porta de entrada da paisagem, restritivamente, conforme ilustrado nos diagramas a seguir.

O diagrama 1 abaixo, ilustra a diversidade de possibilidades de combinação entre as cinco noções de paisagem propostas por Besse e três noções de jardim consideradas as mais usuais de acordo com Clément (2012): como objeto estético, como espaço de amenidade climática ou como prolongação da casa. Nesse caso, haveria pelo menos 15 situações a serem analisadas a fim de verificar a correspondência entre paisagem e jardim nos diferentes contextos e esse processo poderia se tornar muito extenso para o formato da dissertação. Além disso, a quantidade de conceitos diversos poderia nos afastar de uma fundamentação teórica claramente orientada e, conseqüentemente, nos distanciar da identificação da relação entre paisagem e jardim em um nível mais essencial, como se pretende.

Diagrama 1 - Possíveis combinações entre diferentes referências conceituais de paisagem e jardim

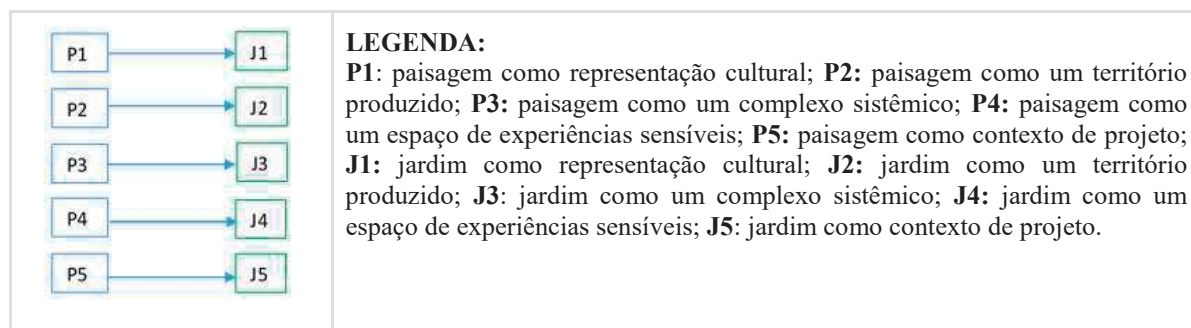


Legenda:

P1: paisagem como representação cultural; **P2:** paisagem como um território produzido; **P3:** paisagem como um complexo sistêmico; **P4:** paisagem como um espaço de experiências sensíveis; **P5:** paisagem como contexto de projeto; **JA:** jardim como objeto estético; **JB:** jardim como espaço de amenidade climática; **JC:** jardim como prolongação da casa.

Outro caminho possível seria o indicado no diagrama 2 onde o percurso de análise consistiria em verificar através de cada porta da paisagem a possibilidade do jardim, sem defini-lo anteriormente. Por este percurso, talvez alguma porta não permita a correspondência entre jardim e paisagem, mas as que permitirem o farão sempre de forma contextual, diretamente relacionada à própria noção de paisagem adotada (pela via ou estética, ou espacial, ou simbólica etc.), como consequência dessa abordagem e portanto, não necessariamente válida sob outra perspectiva. Tal verificação reforçaria a pluralidade da paisagem, e mesmo do jardim, mas não demonstraria se a relação entre os mesmos transcende as situações particulares.

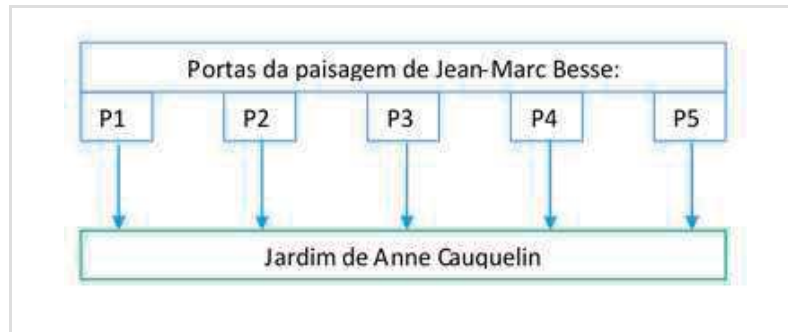
Diagrama 2 - Jardins definidos pelas portas da paisagem



Em razão do exposto, escolhemos nos apoiar em apenas um conceito de jardim elaborado, a princípio, dissociado das abordagens de paisagem propostas por Besse para só depois relacioná-los a fim de verificar, como explicitado anteriormente, a correspondência entre estes em um nível fundamental. Para isso, nos apoiamos na lógica desenvolvida por Cauquelin (2005) em seu livro intitulado *Petit Traité du Jardin Ordinaire*⁵, onde ela busca definir o jardim pela via prática, do trabalho jardineiro, isto é, investigando o que essencialmente é necessário ser feito para que ele exista. Por este motivo, ela chega à uma definição de jardim indissociável da figura do jardineiro. Podemos dizer que, da mesma maneira que Besse situa o paisagista no centro das questões paisagísticas, Cauquelin situa o jardineiro no centro das questões jardineiras, ambos protagonistas em suas respectivas práticas. Então, tendo claramente estabelecido o conceito de **jardim a partir de Cauquelin**, verificamos se é possível acessá-lo por cada uma das cinco **portas da paisagem de Jean-Marc Besse** como sintetizado no diagrama 3 a seguir.

⁵ Pequeno Tratado do Jardim Ordinário (Tradução da autora).

Diagrama 3 - Caminho da análise da relação entre a paisagem e o jardim através de Besse e Cauquelin



Como partimos de um conceito de jardim independente do conceito de paisagem, à medida que identificamos esta relação em uma, algumas ou em todas portas, recolhemos mais evidências para afirmar que ela não acontece só pontualmente, ou restrita a alguns contextos, mas sim em todos os considerados na pesquisa o que reforça a correspondência colocada por Rosario Assunto quando afirma que “o jardim é paisagem em pequeno” (apud SERRÃO, 2013, p.79). Além disso, identificamos que a centralidade das figuras do paisagista e do jardineiro, já indicada por Cauquelin e Besse, constituem peças-chave para o aprofundamento do conceito de jardim e uma maior compreensão da paisagem. Nos tópicos seguintes, demonstramos de que maneira chegamos à tal entendimento.

2.1 O JARDIM EM SUA FORMA MAIS SIMPLES

Para Cauquelin (2005, p.9), uma das verdades essenciais do jardim é a de que ele existe para alguém que “*l’a voulu, pensé, conçu*” e “*continue à le soutenir jour après jour*”⁶ de forma que a presença do **jardineiro** é o que o diferencia de uma paisagem pictórica. Aqui, é importante ressaltar que esta paisagem que Cauquelin (2005) compara com o jardim, evidenciando o contraste entre seus aspectos peculiares, é tratada pela autora como uma representação cultural, especificamente uma vista delimitada por uma abertura – por exemplo, uma janela – e que é apreendida pelo olhar da mesma forma que um quadro, mais especificamente, uma pintura da natureza ou do campo. Nesta pesquisa, uma vez que adotamos uma compreensão mais ampla do conceito de paisagem, nos referimos ao conceito utilizado por Cauquelin através do termo paisagem pictórica. Esta foi a forma que encontramos para percorrer o raciocínio da autora a fim de destacar sua compreensão sobre o jardim e o jardineiro. No entanto, na sequência, expandimos o conceito de paisagem a partir de Besse.

Isto posto, para demonstrar como o jardim se diferencia da paisagem pictórica, Cauquelin (2005) tece as reflexões que teve ao final de um dia de trabalho no jardim onde o próprio contexto exemplifica as ideias desenvolvidas: depois de cuidar de seu jardim, ela⁷ se senta para contemplar o horizonte. Então, ela descreve que se encontra dentro de um espaço fechado, seguro e íntimo onde conhece cada elemento, mas olha para colinas pelas quais nunca andou e das quais não conhece o nome. Este espaço, o jardim, é de sua responsabilidade, apresenta problemas, lhe demanda cuidados e é resultado de um trabalho cotidiano. Para ela, a paisagem pictórica, enquanto o objeto de sua contemplação, transcende a necessidade de tais cuidados e lhe parece um mundo à parte, moldado como obra do destino. Quanto mais contempla essa paisagem distante, mais Cauquelin (2005, p.11) sente a presença e proximidade do jardim e entende que “*si un lien existe entre paysage et jardin, c’est celui, paradoxal, d’un refus mutuel qui préserve et aiguise l’identité de chaque’un*”⁸.

Além de se diferenciar desta paisagem pictórica, para Cauquelin (op.cit., p.12), o jardim a antecede de muitas formas: “*par sa proximité charnelle, par les usages qu’il induit et*

⁶ “o quis, o pensou, o concebeu” e “continua a mantê-lo dia após dia” (Tradução da autora).

⁷ Cauquelin representa, neste contexto, a figura do jardineiro que observa o jardim depois de um dia de trabalho.

⁸ “se existe uma ligação entre paisagem e jardim, é essa, paradoxal, de uma recusa mútua que preserva e aguça a identidade de cada um” (Tradução da autora).

*l'utilité qu'il présente*⁹ e também por existirem na cultura grega muito antes das pinturas, às quais está associada a origem do uso corrente da palavra paisagem no ocidente. Então, centrada na questão dos usos e da utilidade, ela propõe que a busca pela forma do jardim se dê através do jardim mais comum, “*objet de soins cotidiens*¹⁰”. Isto porque tal jardim é “*d'un usage ordinaire*¹¹”, isto é, usual, intrinsecamente associado ao trabalho, e mais precisamente ao que deve ser feito, de acordo com regras que se aplicam ao menor e mais simples jardim bem como ao maior e mais complexo. Assim, percorrendo um “*jardin ordinaire*” (um jardim ordinário): simples e de dimensões modestas, Cauquelin (op.cit.) identifica “*une sorte de grammaire et de lexique de base*¹²” com os quais compõe a “*vulgate jardinière*” (vulgata jardineira), uma compilação dos “*lieux communs*” (lugares comuns) à disposição do **jardineiro**, ou em outras palavras, daquilo que é indispensável para a existência de um jardim como tal.

O **jardineiro e o uso ordinário do jardim** são, dessa forma, as bases adotadas por Cauquelin (2005, p.9) para investigar o jardim. E esse jardim ordinário não apenas é diferente, como também é o oposto da paisagem pictórica: “*la forme 'paysage', non seulement excède la forme 'jardin', mais lui est contraire, et en cache la simplicité sous ses airs de grandeur*”¹³. Portanto, ela evoca a relação entre ambos sempre no sentido de evidenciar, justamente pelo contraste, **as características específicas do jardim** em sua forma mais simples. Isto posto, apresentamos a seguir as principais ideias da **vulgata de um pequeno jardim**, desenvolvidas pela filósofa (op.cit.) bem como suas reflexões a respeito da **lógica, temporalidade e espacialidade próprias de tal jardim**.

Para construir essa vulgata, Cauquelin (2005, p.17) propõe “*un tour dans un jardin, n'importe lequel, pourvu qu'il soit de taille modeste et n'ait aucune prétention à l'originalité*¹⁴”. Então, como que descrevendo esse percurso, ela enumera e explica cada um dos elementos que compõe o jardim, especialmente os que são “*des traits les plus insistants de son caractère*¹⁵”. A fim de proporcionar essa trajetória e nela, a identificação desses elementos, recorreremos à literatura, especificamente ao livro *The Secret Garden*, da escritora

⁹ “por sua proximidade carnal, pelos usos que induz e pela utilidade que apresenta” (Tradução da autora)

¹⁰ “objeto de cuidados cotidianos” (Tradução da autora)

¹¹ “uso ordinário” (Tradução da autora)

¹² “uma gramática e um léxico de base” (Tradução da autora)

¹³ “a forma ‘paisagem’, não somente excede a forma ‘jardim’, mas lhe é contrária e esconde a simplicidade sob seus ares de grandeza”. (Tradução da autora)

¹⁴ “um passeio por um jardim, não importa qual, desde que ele seja de dimensões modestas e não tenha nenhuma pretensão à originalidade” (Tradução da autora)

¹⁵ “traços insistentes de seu caráter” (Tradução da autora)

inglesa Frances Hodgson Burnett publicado pela primeira vez em 1911, cuja trama se desenvolve no contexto da reconstrução de um jardim secreto, mantido inacessível e sem cuidados por dez anos até que é descoberto pela protagonista: a menina Mary Lennox. É justamente a descrição desse jardim, no momento em que é descoberto por Mary, que exploramos a seguir.

Era o lugar mais encantador e de aparência mais misteriosa que qualquer um poderia imaginar. Os **altos muros que o cercavam** eram cobertos por hastes desfolhadas de roseiras trepadeiras (...) [Mary] **Afastou-se da porta** (...) (BURNETT, 2012, p.59; grifo nosso)

Nesta passagem nos vemos diante do **fechamento**. Segundo Cauquelin (2005, p.18), o fechamento é “*l’élément numéro un, celui que nous rencontrons en premier, venant du dehors*”, o qual “*définit le jardin comme un ‘dedans’*”¹⁶ o protegendo do exterior, e que se faz necessário para tornar o terreno “*mesuré au labeur, à la marche, ‘au tour de jardin’*”¹⁷. Podemos dizer, assim, que o fechamento é o elemento que estabelece os limites do jardim, tanto em termos de acesso (com a entrada claramente definida, por exemplo, por uma porta) quanto em termos de dimensões (área, extensão, perímetro) percorríveis. Continuando nosso passeio guiados por Burnett (2012), nos encontramos sob o “arco elevado do céu”.

Caminhou sob um dos arcos pardos de fada, por entre as árvores, e **levantou os olhos** para as ramagens e as lavinhas que os formavam. (...) [Mary] **só conseguia enxergar as ramagens pardas e marrons** (...) Mas estava dentro do **maravilhoso jardim** (...) Sentia como se tivesse descoberto **um mundo todo seu**. O sol estava brilhando dentro dos quatro muros, e o **elevado arco do céu azul sobre aquele pedaço** de Misselthwaite era até **mais brilhante e suave** do que parecia sobre o pântano. (...) (BURNETT, 2012, p.59-60; grifo nosso)

Aqui, Mary inicialmente olha o jardim a partir de um determinado ponto e o enxerga como um **conjunto** de “ramagens pardas e marrons” ou a totalidade do “maravilhoso jardim” que é “um mundo todo seu” onde o céu parece “mais brilhante e suave”. Ela observa as qualidades da vista que se apresenta. Conforme Cauquelin (2005) o conjunto ou a vista (uma totalidade) proporcionados pela tomada de um ponto de observação, ou por alguma abertura do fechamento do jardim que favorecem a contemplação, são paisagens (pictóricas) percebidas por meio de um “*prospect*” (prospecto), que significa “*voir au loin*” (ver ao longe). Não há nenhuma abertura, além da porta, no jardim de Mary, se houvesse, revelaria como paisagem pictórica o pântano que circunda o jardim.

¹⁶ “o elemento número um, aquele que nós encontramos primeiro, vindo de fora”, o qual “define o jardim como algo ‘dentro’” (Tradução da autora).

¹⁷ “comedido ao trabalho, à caminhada, e ao ‘passeio pelo jardim’” (Tradução da autora).

No sentido contrário, quando Mary resolve dar uma volta em “torno de todo o jardim” parando para “olhar as coisas” estamos diante do “*perspect*” (perspectiva) que significa “*voir avec attention, en détail*” (ver com atenção, em detalhe).

[Mary] pensou se deveria pular corda **em torno de todo o jardim**, parando quando quisesse **olhar as coisas**. Parecia ter havido **caminhos de grama aqui e ali e, em um ou dois cantos, havia caramanchões de sempre-vivas, com assentos de pedra, ou altos vasos de flores cobertos de musgos. Quando se aproximou** do segundo desses caramanchões (...) [Mary] pensou ter visto algo surgindo da terra escura, alguns delgados pontos verde-claros. (...) — Talvez haja outras coisas brotando em outros lugares. (...) Olhava nos velhos canteiros da margem e entre a grama, **e, depois de dar uma volta, tentando não deixar escapar nada**, descobriu muitíssimos pontos verde-claros (...) (BURNETT, 2012, p.60; grifo nosso)

Ao percorrer o jardim, Mary olha “coisas” que são enumeradas descritivamente à medida que são encontradas no caminho. A **aproximação** que revela alguns brotos ilustra o direcionamento da **atenção para o detalhe**, presente ao longo de toda caminhada, como evidencia o trecho “tentando não deixar escapar nada”. A caminhada e o detalhe são próprios da perspectiva que compreende “*tout ce qui appartient à la description, au mesuré, à l'énumération*”¹⁸ (Cauquelin, 2005, p.21), e propicia, assim, a identificação da utilidade das coisas no jardim - “*chambres pour ceci et cela, édicules pour ceci et cela encore*”¹⁹ (op.cit. p.23).

Embora o prospecto (relativo à contemplação estética) e a perspectiva (relativa a utilidade) possam coexistir em um mesmo jardim, para Cauquelin (2005), cada um deles é concebido com funções e públicos diferentes, por exemplo, em razão do fator econômico. Por essa via, o prospecto seria necessário aos ricos como um “*éloignement*” (distanciamento) que preenche uma “*idée de la liberté, du loisir et de la réflexion*”²⁰. Para os pobres, a perspectiva seria suficiente, eles se satisfazem direcionando sua atenção para os “*détails du labeur quotidien*”²¹, se contentam com pouco e se alegram com suas plantações sendo “*naturellement*” (naturalmente) sábios (op.cit.). Assim, o prospecto pode acontecer no jardim mas não lhe é essencial. Por outro lado, como a existência do jardim depende do uso da terra, trabalhada pelo **jardineiro** cotidianamente, **a perspectiva** lhe é intrínseca.

Além de ser delimitado por um fechamento e construído dentro da lógica da perspectiva, o jardim é organizado através de **caminhos e bordas** que nele recortam “espaces privés” (espaços privados) definindo “*jardins internes*” (jardins internos), tipos de “*sous-*

¹⁸ “tudo o que pertence à descrição, ao medido, à enumeração” (Tradução da autora)

¹⁹ “recintos para isso e aquilo, mais edículas para isso e aquilo” (Tradução da autora)

²⁰ “ideia de liberdade, de lazer, de reflexão” (Tradução da autora)

²¹ “detalhes do seu labor cotidiano” (Tradução da autora)

jardins” (sub-jardins) (Cauquelin, 2005). O próprio jardim secreto de Mary é um dos jardins internos ao grande jardim²² de seu tio, pelos quais ela passa antes de encontrá-lo.

Quando passou pelo portão do matagal, ela se viu em grandes jardins, com extensos gramados e **caminhos que serpenteavam, com bordas recortadas**. Havia **árvores, canteiros, sempre-vivas** (...) estava se aproximando das **hortas**, onde vegetais e frutas cresciam. Foi em direção ao muro e descobriu que havia uma porta (...) **era apenas um de vários jardins murados que pareciam dar acesso a outro jardim**. Viu outra porta verde aberta, que revelava arbustos e **caminhos entre canteiros com vegetais de inverno**. (...) havia **estruturas de vidro**. (...) havia outra porta (...) ela a ultrapassou e se viu em **um pomar**. (BURNETT, 2012, p.30; grifo nosso)

Árvores, canteiros, sempre-vivas, hortalas, vegetais de inverno, estruturas de vidro (estufas), pomar: cada qual em seu lugar. “**Vários jardins**”, todos contidos dentro da área definida por suas bordas e interligados por caminhos. Sendo importante destacar que o que caracteriza esses jardins internos é a distinção ou setorização (aqui flores, ali os vegetais, ervas medicinais naquele canteiro, etc.) que produz “*séquences nettes, nourries d’interdits*”²³ (CAUQUELIN, 2005, p.29) necessárias à ordem no jardim que estrutura a caminhada no mesmo.

De volta ao interior do nosso exemplo de jardim ordinário: no jardim secreto de Mary, a encontramos em companhia de Dickon, um amigo jardineiro com o qual ela verifica se ainda há vida no lugar.

(...) [Dickon] começou a caminhar quase suavemente (...) Parou e olhou ao redor (...) — Eh! Os ninhos estarão aqui quando a **primavera** vié ²⁴ — disse ele. (...) — Há muitas árvores **mortas** que deveriam ser cortadas. — disse ele. — E há muitas árvores que **envelheceram de um ano para cá**. Aqui está uma porçãozinha **nova**. — e tocou **um broto** que tinha um tom verde acastanhado (...) — Essa aí? — disse ela [Mary]. — Essa aí está totalmente viva? (...) — Está tão “viva” quanto ocê²⁵ ou eu. — disse ele (...) — Estou contente que esteja viva! — gritou ela (...) Vamos dar **a volta no jardim** e contar quantas árvores vivas ainda existem. (BURNETT, 2012, p.77-78; grifo nosso)

Tão logo o menino começa a avaliar o jardim, ele evoca **o tempo**: o que passou e deixou as árvores mortas e envelhecidas, o presente contido no broto novo, vivo, e o que virá com a primavera. “*Personne ne parle autant du temps que le jardinier. Temps de saison, temps qu’il*

²² Esse grande jardim não exemplifica “o jardim ordinário” de Cauquelin por não possuir dimensões modestas. Contudo, recorremos à sua descrição porque esta traz, de forma didática, a ideia de jardins dentro do jardim. Obviamente, dificilmente encontraríamos “jardins murados” dentro de um jardim de pequenas dimensões, mas tais muros podem aqui ser interpretados como mais um tipo de separação (borda) comum em jardins menores.

²³ “sequências claras, dotadas de interdições” (Tradução da autora)

²⁴ Expressão coloquial como no livro consultado (Burnett, 2012, trad. de José Luiz Perota e Bianca Carvalho)

²⁵ Expressão coloquial como no livro consultado (Burnett, 2012, trad. de José Luiz Perota e Bianca Carvalho)

*fait et temps que les choses mettent à pousser*²⁶” (CAUQUELIN, 2005, p.38). Ainda conforme Cauquelin (op.cit., p.33), é caminhando pelo jardim que “*nous longeons la clôture et prenons connaissance du périmètre*²⁷”. Quando Mary convida Dickon para essa caminhada, ele a conduz passo a passo produzindo a **descrição** que se segue.

Foram de árvore a árvore, de arbusto a arbusto. Dickon carregava sua faca na mão e lhe mostrava coisas que ela achava maravilhosas. — **Cresceram ao acaso.** — disse ele. — **Mas as mais fortes se desenvolveram bastante. As mais delicadas desapareceram, mas as outras cresceram e se espalharam mais e mais, até ficarem maravilhosas. Olhe aqui!** — e pegou um grosso galho cinza, de aparência seca. — **Uma pessoa poderia pensá**²⁸ **que isso pertencia a uma árvore seca, mas não creio que seja (...)** — **Quando parece um pouco esverdeada e seivosa, como essa, está viva.** — explicou ele. — **Quando o interior está seco e se quebra fácil, como este pedaço aqui que cortei, está comprometido. (...) se a árvore velha é cortada, e a terra ao seu redor é cavada e cuidada, haverá (...) muitas rosas surgindo aqui, no próximo verão.** — **Ora essa!** — gritou ele, apontando para a grama, a alguns centímetros de distância. (...) **São açafrões e anêmonas, e estes são narcisos.** — ele se voltou para o outro caminho. — **E aqui estão outros narcisos. (...) Há muito trabalho para fazer por aqui!** — disse ele de uma vez (...) (BURNETT, 2012, 78-80; grifo nosso)

Como podemos observar, a fala do jardineiro segue um ritmo cadenciado pela enumeração (as plantas mais fortes, as mais delicadas; a árvore seca, a viva; os açafrões, as anêmonas, narcisos e outros narcisos) sempre referenciando o tempo, por exemplo, relativo ao desenvolvimento das plantas (muitas rosas surgirão no verão) no qual está implícito a necessidade de cuidar da terra, o “trabalho para fazer”. Para Cauquelin (2005), justamente por ser “*planté*” (plantado) é que o jardim se faz no tempo “*syncopé, du labeur humain*” (sincopado, do labor humano) e não pode ser apreendido de uma só vez, de forma visual como uma paisagem pictórica, mas sim através de seus fragmentos cuja “*dignité et esthétique*” (dignidade e estética) residem no relato construído pelo jardineiro, porque sua expressão também solicita o transcorrer do tempo.

(...) *le jardin, il appelle plutôt la littérature, le récit, la narration. (...) Séquence après séquence, le 'je' du narrateur, le 'je' du auteur, celui qui prend la parole et vous emmène sur la ligne de son récit, est bien le 'je' du jardinier (...)*²⁹ (Cauquelin, 2005, p.38)

²⁶ “ninguém fala tanto do tempo quanto o jardineiro. Tempo da estação, tempo climático e o tempo que as coisas levam para crescer” (Tradução da autora).

²⁷ “percorremos o fechamento e passamos a conhecer o [seu] perímetro” (Tradução da autora).

²⁸ Expressão coloquial como no livro consultado (Burnett, 2012, trad. de José Luiz Perota e Bianca Carvalho).

²⁹ “ (...) o jardim, solicita privilegiadamente a literatura, o relato, a narração. (...) Sequência após sequência, o “eu” do narrador, o “eu” do autor, aquele que toma a palavra e vos leva sobre a linha de seu relato, é o mesmo “eu” do jardineiro (...). (Tradução da autora).

Assim, **o tempo** – de plantar e de cada etapa do cuidar - e **o relato** – por exemplo, de descrição do desenvolvimento das plantas – estão sempre presentes na vida do jardineiro e, conseqüentemente, em todo jardim.

O relato é a descrição de um **passeio** fisicamente percorrido, isto é, de uma caminhada. Para Cauquelin (2005, p.45), quando a descrição deste passeio se volta para o exterior, “*compare les couleurs du levant et du couchant, embrasse d’un oeil d’aigle l’ensemble du tableau*³⁰”, ela revela uma paisagem pictórica. Por outro lado, se ela é frequentemente interrompida por pausas onde o caminhante “*se penche, déchiffre une étiquette*”; “*regarde de près une plante rare*³¹” (op.cit. p.44) privilegiando os detalhes, como um jardineiro, ela revela um jardim. Por isso, o passeio no jardim constitui um “*mode de description*” (modo de descrição) que se aproxima de uma “*autobiographie*” (autobiografia), no caso, do jardineiro, que mesmo sem intenção, revela-se através de suas escolhas: “*montrant son jardin, le jardinier se montre lui-même*” porque afinal, o “*jardin ne tombe pas du ciel, sans attache, il est fait pour et par quelqu’un*³²” (op. cit. p.49). E é esse **passeio** que completa a vulgata do pequeno jardim.

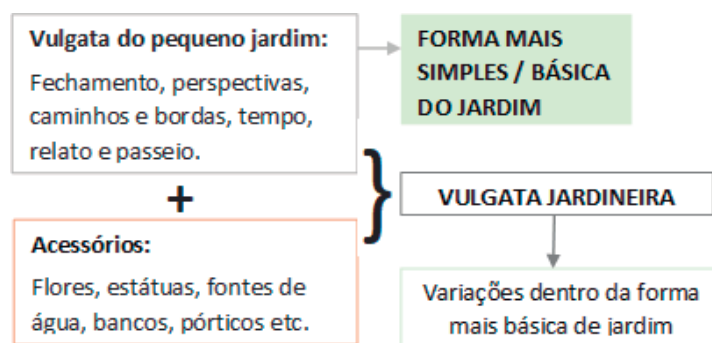
A vulgata do pequeno jardim, isto é, **o conjunto de elementos necessários** para a existência do jardim ordinário - **um pequeno jardim em sua forma mais simples** - são, portanto: o fechamento, as perspectivas, os caminhos e bordas, o tempo, o relato e o passeio. Ao lado desses, Cauquelin (2005, p.55) ainda lista e explica uma série de elementos categorizados como “*accessoires*” (acessórios) os quais “*permettent des variations quasi infinies*³³” no interior do jardim, como flores, estátuas, fontes de água, bancos, pórticos etc. Juntos, a vulgata do pequeno jardim e os seus acessórios constituem a vulgata jardineira como sintetiza o diagrama 4.

³⁰ “compara as cores do alvorecer e do anoitecer, abraça com olhar de águia o conjunto do quadro” (Tradução da autora)

³¹ “se inclina, decifra uma etiqueta” ou “observa de perto uma planta rara” (Tradução da autora).

³² “mostrando seu jardim, o jardineiro mostra a si próprio” porque afinal, o “jardim não cai do céu, sem vínculo afetivo, ele é feito por alguém” (Tradução da autora).

³³ “permitem variações quase infinitas” (Tradução da autora).

Diagrama 4 - Vulgata jardineira

Fonte: Produzido pela autora a partir de Cauquelin (2005)

As variações propiciadas pelos acessórios do jardim acontecem dentro de sua forma básica. Com base em Cauquelin (2005), podemos afirmar que estas variações acentuam uma ou outra característica desse jardim simples, mas sem negligenciar nenhuma delas ou lhe acrescentar alguma nova. Portanto, e tendo em vista o objetivo deste capítulo, continuamos a discussão mantendo como referência a vulgata do pequeno jardim, sua forma mais básica a qual corresponde uma espacialidade, uma lógica e uma temporalidade próprias. Para abordar estes aspectos do jardim propomos, inicialmente, a síntese do que foi exposto até aqui.

O jardim é composto por um fechamento dentro do qual são definidos caminhos que convidam à caminhada marcada por pausas para a observação de detalhes, de um canteiro a outro, assim como em um relato onde as coisas são enumeradas e descritas pouco à pouco. Para que possam existir, essa caminhada e esse relato convocam, por sua vez, um tempo também fragmentado, como o do trabalho do **jardineiro**. É pela repetição de tarefas rotineiras, cotidianamente, que ele constrói e mantém as coisas (fechamentos, canteiros, plantações...) que mostra a quem passeia por seu jardim e das quais fala em seus relatos; ativamente trabalhando para que a desordem natural - como de plantas crescendo ao acaso - não se instale. “*C’est à contrecarrer le destin, à lutter contre l’entropie et son empire que s’emploie l’activité du jardin*”³⁴(Cauquelin, 2005, p. 128).

Não obstante, o fechamento do jardim possui aberturas (sejam elas grandes vãos ou apenas pequenas falhas de uma cerca verde). Tais aberturas, por seu turno, permitem ver ao longe, isto é, não oferecem detalhes, mas sim conjuntos - vistas longínquas, que por sua distância, não incitam o passeio, ao contrário, favorecem a contemplação, similar à de um observador diante de uma pintura. A vista ou a pintura não são apreendidas passo a passo

³⁴ “É contra o destino, a lutar contra a entropia e seu império que se emprega a atividade ordinária do jardim” (Tradução da autora).

como o jardim, mas em um olhar, como uma totalidade, inclusive temporal, onde o passado, o presente e o futuro se apresentam sintetizados; para Cauquelin (2005, p. 127), em face de uma paisagem pictórica “*nous regardons sa lente et inéluctable dégradation; autrement dit: nous dévisageons l’entropie elle-même*”³⁵.

Logo, se por um lado o jardim é limitado, construído e apreendido ativa e gradualmente, por meio da caminhada e atenção ao detalhe, de cada fragmento, por outro ele se abre para o exterior e também propicia momentos de contemplação, onde são observados conjuntos representativos da totalidade – paisagens pictóricas. Em outras palavras, como afirma Cauquelin (2005, p.91), “*le jardin semble jouer le passage*”³⁶ entre uma série de aspectos contrários: interior e exterior; contemplação e ação; fragmentação e totalidade; tempo eterno e tempo cronológico. Então, para definir o jardim de acordo com sua especificidade, uma terceira via se faz necessária, isto é, um caminho que não privilegia nenhum dos lados das oposições mencionadas, mas se constrói entre as mesmas, conforme propõe Cauquelin (2005) pela via do “*site*” (sítio); pelo “*doxa*” e pela “*festina lente*”.

Para a filósofa (op. cit. p.101) o **sítio** - “*une forteresse souvent, ou bien une ville entière dans ses murs et châteaux*”³⁷ - é arquetizado, mas não é somente arquitetura, pois sua estrutura estratificada e caminhos evocam mapas e viagens. Todavia, Cauquelin (2005) afirma que o sítio também não é paisagem – enquanto conjunto “natural” – pois interrompe a suposta continuidade deste conjunto. De forma similar, ela entende que o jardim, apesar de estar ligado à habitação, é mais do que somente arquitetura porque se abre ao exterior, ainda que também não seja, por isso, essa paisagem passível de ser assimilada imediatamente pelo olhar como uma totalidade.

“*Le jardin est en soi-même une carte*”³⁸ (op.cit., p.106) na medida que apresenta o visível (como os canteiros) e o comentado (como indicação de plantas) de forma associada. Além disso, Cauquelin (2005) destaca que, tal como o sítio, o jardim evoca viagens, isto é, através das possibilidades de deslocamento que oferece, ele incita o passeio em seu interior com apenas uma pequena diferença em relação ao sítio, nele a viagem se limita à seu perímetro, naquele, ela pode ultrapassar os limites. Assim, a partir dessa comparação com o sítio, ela define o jardim como um **espaço paradoxal**, isto é, que integra, simultaneamente, a

³⁵ “nós olhamos sua lenta e inelutável degradação; ou expresso de outra forma, encaramos a própria entropia” (Tradução da autora).

³⁶ “parece desempenhar o papel de passagem” (Tradução da autora).

³⁷ “frequentemente uma fortaleza, ou mesmo uma cidade inteira em seus muros e castelos” (Tradução da autora)

³⁸ “o jardim é em si mesmo um mapa”(Tradução da autora).

orientação voltada para o interior e a voltada para o exterior, para a ação e para a contemplação.

Já o “*doxa*”³⁹, de acordo com Cauquelin (2005), é o tipo de conhecimento que rege a vida cotidiana, construído a partir da percepção do indivíduo e que considera adágios, provérbios e experimentações de forma que não possui uma estrutura rígida, como métodos (da ciência) ou princípios (da arte), mas sim uma “versatilidade” que permite a existência da reversão do ponto de vista a qualquer momento. Em síntese, o “*doxa*” é o conhecimento que sustenta o trabalho artesanal do jardineiro, esse saber que dialoga com a ciência e a arte, mas que se consolida entre ambos, ao longo da prática, no dia-a-dia.

Além disso, Cauquelin (op. cit.) afirma que o jardim se situa entre duas lógicas: a de fragmentação e a de fragmento. Pela lógica da fragmentação, o jardim pode ser explicado como o resultado da articulação de partes individuais no espaço e ao longo do tempo (primeiro um canteiro aqui, depois o caminho ali, etc.). Pela figura do fragmento, o jardim pode ser interpretado como um conjunto representativo de um todo: um objeto que traz em si as qualidades da totalidade a qual remete, “*un paysage du monde*”⁴⁰. Se apoiando na perspectiva abrangente do “*doxa*” Cauquelin (op.cit., p.116) diz, ainda, que “*le jardin est fragmenté et total à la fois; mosaïque et harmonie, ensemble et détails*”⁴¹.

Por fim, Cauquelin (2005) explica que o oxímoro “*festina lente*” (apressa-te devagar) traduz o contínuo recomeço característico do tempo do jardim: o tempo “*doxique*”, isto é, associado ao “*doxa*”, esse tipo de conhecimento que rege o trabalho do jardineiro de plantar e cuidar, constantemente aprendendo e se adaptando com a dinâmica da vida. Para ela, ao contrário do que acontece na paisagem pictórica, onde o tempo (eterno) remete à contemplação, no jardim, o tempo (fragmentado) leva à ação, à “*lente et paciente répétition*”⁴², de gestos e tarefas em um processo de constante reordenação em oposição aos efeitos da entropia natural.

³⁹ Silva (2016) afirma que “no plano do sensível, o máximo de conhecimento que atingimos se baseia nas opiniões (*doxai*) acerca daquilo que os sentidos captam”. Com base nisto, resumidamente, podemos dizer que o *doxa* é um conhecimento baseado nas nossas opiniões a respeito do que percebemos através dos nossos sentidos.

⁴⁰ “uma paisagem do mundo” (Tradução da autora).

⁴¹ “o jardim é fragmentado e total ao mesmo tempo; mosaico e harmonia, conjunto e detalhes” (Tradução da autora).

⁴² “lenta e paciente repetição” (Tradução da autora).

“L’herbe repousse et meurt, la tondre ne l’efface que pour la faire revivre et mourir. Sortir de l’informe et y retourner dans un mouvement permanent, telle est la voie du jardin”⁴³ (CAUQUELIN, 2005, p.133). Esse movimento, por sua vez, é percebido e vivenciado ao longo do tempo no qual acontece. Por isso, Cauquelin (op. cit.) defende que o tempo é realmente apreendido no jardim – onde o vemos e sentimos passar – mais do que em uma paisagem pictórica que evoca o infinito, tão distante de nós.

Recapitulando, o jardim em sua forma mais simples é composto por fechamentos, perspectivas, caminhos e bordas que são construídos ao longo do tempo, no ritmo do trabalho jardineiro, como um relato do mesmo que se revela à medida que passeamos por esse jardim. Sua espacialidade repete dentro de seus limites a dupla orientação interior/exterior; contemplação/ação existente no sítio. A temporalidade e lógica de organização dessa espacialidade estão fortemente relacionadas ao trabalho do jardineiro, à sua fragmentação em uma série de tarefas menores e sequenciais bem como à repetição de gestos. Claramente, a existência do jardim depende do jardineiro, logo, concluímos que o conceito de jardim associa-se estreitamente à sua presença.

2.1.1 O conceito de jardim

Com base no que foi exposto, entendemos que o jardim é definido por **limites** dentro dos quais a dinâmica espacial, lógica e temporal se estabelecem em função da fragmentação e ritmo característicos do **trabalho do jardineiro**. Portanto, o jardim é sobretudo apreendido através de uma postura ativa - o passeio, o relato - orientada aos detalhes. Simultaneamente, esse mesmo jardim **se abre para o exterior** e possibilita a apreensão de conjuntos - ele próprio podendo ser um deles, dependendo do ponto de vista do observador - que convida à contemplação, associada menos à atividade e mais à ociosidade. Como bem traduz o poeta Carlos Drummond de Andrade (2015), “o jardim, convite à preguiça, exige trabalho infatigável.” Assim, em síntese, **o jardim é um espaço limitado, mas aberto, criado continuamente pelo jardineiro**.

Esta definição, além dos aspectos já mencionados, também abarca uma dimensão ainda mais essencial do jardim: a vida, o vivo. Pela análise que fizemos de Cauquelin (2005), para quem o jardim é “*surtout planté*” (sobretudo plantado), observamos que essa dimensão viva está implícita no próprio trabalho do jardineiro, cuja necessidade e cadência se justifica

⁴³ “As ervas crescem e morrem, a poda a desmancha simplesmente para a fazer renascer e morrer. Sair do informe e a ele retornar em um movimento permanente esta é a via do jardim” (Tradução da autora).

por sua estreita ligação com o desenvolvimento das plantas. Nesse mesmo sentido, Berjman (2008) afirma que o jardim nunca é “estático” uma vez que a modificação da natureza operada pelo homem está submetida às modificações da própria natureza, do elemento vivo ao qual ele deve sua especial “peculiaridade”.

Além disso, ao dizer que o jardim é **criado pelo jardineiro** estamos nos referindo à criação continuada mencionada por Cauquelin (2005, p.9), quando ela explica, e mencionamos anteriormente, que uma das verdades essenciais do jardim reside no fato de que *“quelqu’un la voulu, pensé, conçu; quelqu’un continue à le soutenir jour après jour, comme Descartes le disait de la création continuée⁴⁴”*. Isso significa, entre outras coisas, que o jardineiro está constantemente presente no jardim, em sua idealização, materialização e, principalmente, perpetuação. Como diz Machado de Assis (1994), “para as rosas, escreveu alguém, o jardineiro é eterno”. E inversamente, enquanto houver jardineiros, existirão rosas, isto é, vida nos jardins.

Isto posto, antes de passarmos às portas da paisagem propostas por Besse (2014), faz-se necessário esclarecer que, até aqui, se admitimos a oposição entre jardim e paisagem pictórica estabelecida por Cauquelin (2005), foi a fim de explicitar sua abordagem, a qual fundamenta o conceito de jardim que apresentamos. Todavia, entendemos que a noção de paisagem pictórica presente em Cauquelin (op.cit.) - associada à pintura do campo ou natureza e definida como objeto de contemplação - é apenas uma entre outras possíveis e que, portanto, não é suficiente para diferenciar o jardim de uma visão mais abrangente de paisagem. Mesmo no sentido que Cauquelin (op.cit.) propõe, onde os conceitos de paisagem pictórica e jardim reforçam as peculiaridades um do outro pelo contraste entre si, vemos uma relação sobretudo didática, onde o jardim já favorece a vivência e compreensão desta paisagem pictórica. O que queremos verificar a partir de Besse (2014) é se este jardim também tem relação com a paisagem em seu sentido mais amplo.

⁴⁴ “alguém o quis, o pensou, o concebeu; alguém continua a mantê-lo um dia após o outro, como dizia Descartes a respeito da criação continuada” (Tradução da autora).

2.2 PAISAGEM, UM CONCEITO PLURAL

A paisagem é uma palavra que comporta “múltiplos sentidos” sobretudo quando cada ciência - como a geografia, a arquitetura, a sociologia, para citar algumas - tem algo específico para dizer sobre ela. Desde a sua origem como termo corrente na linguagem da Europa ocidental, consensualmente associada à pintura, no final do século XV, até recentemente e de forma geral, os diversos sentidos de paisagem refletem ora seu aspecto “objetivo e material”, ora seu aspecto “subjetivo e espiritual” separadamente. Atualmente, desde o ensaio “inaugural” *Filosofia da Paisagem* (publicado em 1913 por Georg Simmel), a paisagem é também considerada um problema da filosofia e debatida de forma mais ampla, com consequentes revisões de seu conceito (SERRÃO, 2011).

A revisão actual do conceito tende a repor unidades, superar dualismos e colmatar brechas, procurando reunir o que foi dividido. Esta inversão é um dos traços que justificam a importância crescente do conceito, mas sobretudo **o seu carácter abrangente de categoria sintética, ponto de confluência de múltiplas perspectivas.** (SERRÃO, 2011, p.33, grifo nosso)

Considerando essa característica plural da paisagem, e também a entendendo como este “ponto de confluência”, optamos por não adotar um conceito referencial para a mesma, mas sim um quadro de referências conceituais constituído pelas “cinco portas da paisagem” propostas por Besse (2014), a saber:

- 1 - A paisagem é uma representação cultural e social;
- 2 - A paisagem é um território fabricado e habitado;
- 3 - A paisagem é o meio ambiente material e vivo das sociedades humanas;
- 4 - A paisagem é uma experiência fenomenológica;
- 5 - A paisagem como projeto.

Cada uma dessas portas constitui em si um campo específico, rico e extenso de debate em torno da paisagem. Não é nosso propósito nos aprofundarmos em todas elas, mas sim, identificar que aspectos da paisagem se revelam a cada abordagem e assim, esboçar um quadro de referências conceituais que nos aproximem de um conceito de paisagem menos tendencioso à uma orientação tão somente objetiva ou subjetiva. Para isso, ao percorrer as cinco portas de Besse (op.cit.), procuramos explicitar suas ideias em linhas gerais, identificando as principais definições e funções atribuídas à paisagem, bem como seus desdobramentos mais importantes em termos de estudos, análises ou práticas paisagísticas.

Pela porta da **representação cultural e social**, a paisagem aparece fortemente associada à expressão humana. Conforme Besse (2014), ela é construída mentalmente pelo homem quando este a pensa, percebe e expressa, de forma que revela mais os valores humanos, internos, do que qualidades do mundo exterior. Ela não se diferencia de suas representações que podem ser mais ou menos restritivas. O modelo pictórico exemplifica o mais restritivo, onde privilegia-se a via da estética, inclusive discutindo-se o poder determinante de algumas referências picturais para que as montanhas, os campos ou o litoral fossem percebidos como paisagens que seriam reveladas por um artista (op.cit.). Em um espectro mais amplo, encontram-se as representações produzidas pela sociedade ainda com motivações estéticas, mas associadas às razões econômicas, religiosas, filosóficas, científicas e técnicas dentre outras. Essas encarnam a ideologia de um povo, representando o imaginário e a identidade nacional não só através de modelos pictóricos, mas também de parques, instalações, jardins, literatura etc. (op.cit.).

Enquanto **território fabricado e habitado**, a paisagem adquire uma escala na qual é inevitável considerar seu caráter objetivo e material. Besse (2014) explica que o jardim exemplifica bem essa necessidade: ele nasce em um sistema de ideias, logo é uma representação, mas se desdobra no espaço e adquire dimensões visivelmente objetivas, de ordem prática e produtiva. Então a paisagem é entendida, sobretudo, como uma produção - no espaço - a fim de atender necessidades humanas, ela é “uma escrita na superfície da Terra” (op.cit.,p.28). Para explicar tal abordagem Besse (op.cit.,p.29) explora duas proposições do historiador John Jackson: “a paisagem é um espaço organizado” e “a paisagem é uma obra coletiva das sociedades”. Isto é, um espaço objetivo e material produzido a partir de um projeto social, conscientemente elaborado ou não, que se realiza sobre as produções que a precede, considerando sua “espessura simbólica” em um contínuo processo de transformação de uma paisagem que não é natural ou humana, mas ambos. Independente do projeto que veicula, a paisagem por esta abordagem aparece sempre ligada às questões relativas ao bem-estar, ao desafio de “tornar o mundo habitável para o homem” (op.cit., p.36).

A paisagem como **meio ambiente material e vivo das sociedades humanas** é um desdobramento da discussão sobre a diferenciação entre o que é ecúmeno e o que é natural. De acordo com Besse (2014), considerando que é consensual a existência de um meio ambiente que se desenvolve mesmo sem a participação humana, a paisagem é admitida enquanto entidade substancial e material regida por leis próprias na qual o homem está

inserido. Descartada a visão “naturalista” de uma paisagem equivalente ao meio natural (puramente), predomina o pensamento dos geógrafos que a definem como realidade sintética e relacional onde se articulam natureza e sociedade. Em outras palavras, a paisagem é uma realidade específica e substancial passível de ser analisada logicamente, como pretendem os ecólogos (dentre outros) por meio do conceito de sistema. Tomada como um sistema, a realidade paisagística é caracterizada como uma totalidade dinâmica - atravessada por diversos fluxos (de matéria, energia etc) - que se desenvolve em um espaço-tempo específico cujas escalas podem ser mensuradas (op.cit.). Em suma, por esta porta, a paisagem é resultante da interação entre a natureza e a cultura, ou seja, ela expressa o encontro entre o que é natural e o que é produzido pelo homem.

Pela via da **experiência fenomenológica**, a paisagem é a realidade concreta da experiência humana, “primeiramente sensível, uma abertura às qualidades sensíveis do mundo” (BESSE, 2014, p.45). Esta via se baseia na relação direta do homem com os elementos físicos do mundo (água, ar, luz, terra) os quais ele percebe através dos sentidos, onde a paisagem é o próprio “acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca” (op.cit. p.47), ou em outras palavras, a experiência que permite perceber o exterior. Nesse sentido, a paisagem não pode ser apreendida pelo pensamento, ela nos “envolve e transpassa” assim como nos “desloca e transborda”, ela é vivenciada, o que dificulta descrevê-la. De maneira geral, essa discussão se dá no campo da filosofia e da poesia ou na interface destes (como na fenomenologia), sendo o poema destacado como a forma que melhor poderia se aproximar da verdade contida na paisagem enquanto experiência, no sentido não de “representá-la”, mas de “mostrá-la” guardando os segredos que contém (op.cit.).

A porta da **paisagem como projeto** nos coloca diante da presença do paisagista. Ao projetar, ele encontra-se em uma “lógica da obra e da ação sobre o mundo” (BESSE, 2014, p.56) tendo como principal preocupação as relações entre o construído e seu entorno. Atualmente, suas intervenções se desenvolvem conforme três eixos principais: o solo, o território e o meio ambiente vivo. Isso significa que ele deve entender as memórias registradas no solo, como articular diferentes escalas de intervenção e de que forma propiciar o encontro entre a cidade e a “natureza” considerando questões ecológicas e ambientais. Portanto, a ação do paisagista se define em torno desta “tecedura”, isto é, em construir com o que o contexto revela. “O pensamento da paisagem, para o paisagista, (...) é a busca dos possíveis contido no

real” (op. cit., p.60) , o que implica tanto as ações de testemunhar e descrever (conhecer o que existe), quanto de modificar e inventar (projetar) de forma que o projeto da paisagem torna visível algo que já estava presente (op.cit.).

Porta a porta, traçamos um percurso que se inicia centrado no sujeito, a partir do qual a paisagem é **“uma expressão humana⁴⁵”**, fundamentalmente subjetiva, destituída de materialidade, significando maneiras de ver o mundo. Então, nos encontramos diante da materialidade objetiva e prática das obras humanas no espaço com a finalidade de habitá-lo, onde além de interpretação do mundo a paisagem é **“uma escrita na superfície da Terra⁴⁶”**. A materialidade objetiva do mundo, por sua vez, revela-se por uma paisagem que é uma **“totalidade dinâmica⁴⁷”**, estruturada por leis claras, que sintetiza a relação sociedade-natureza. Em seguida, chegamos à paisagem enquanto realidade **“primeiramente sensível⁴⁸”** que oferece ao homem a experiência direta do mundo, através de seu próprio corpo e sentidos. E finalmente, nos vemos diante da porta projetual onde o paisagista pensa a paisagem como a **“busca dos possíveis contidos no real⁴⁹”**, os quais se tornam visíveis por meio do projeto. O quadro a seguir sintetiza essas referências conceituais e as principais ideias por trás de sua definição.

Quadro 1 - Quadro síntese das referências conceituais de paisagem

Fonte: produzido pela autora a partir de Besse (2014)

Portas	A paisagem é:	Ela é definida conforme:
Representação cultural e social	Expressão humana	Ideais estéticos ou culturais
Território fabricado e habitado	Escrita na superfície da Terra	Práticas (econômicas, políticas e sociais) e valores que simboliza
Meio ambiente material e vivo	Totalidade dinâmica	A relação entre as decisões humanas e o conjunto das condições materiais
Experiência fenomenológica	Realidade sensível	Vivências sensoriais diretas
Projeto	Busca dos possíveis no real	Os elementos existentes combinados pelo paisagista .

Abertas e articuladas, todas essas portas revelam a complexidade da paisagem que não exclui nenhuma das possibilidades expostas, mas reside em sua coexistência, em seu “modo de ser específico”, como expõe Serrão (2011):

⁴⁵ BESSE, 2014, p.14

⁴⁶ ibid., p.28

⁴⁷ ibid., p.43

⁴⁸ ibid., p.45

⁴⁹ ibid., p.60

Há um modo de ser específico da paisagem, que é sujeito e objeto, permanência e movimento, mutabilidade e persistência. Material, propicia todas as sensações sem deixar de ser intangível. (SERRÃO, 2011, p.34; grifo nosso)

Consequentemente, como Besse (2014) conclui, cada uma das possíveis abordagens de paisagem é privilegiada por um campo do conhecimento - história, arte, geografia, ecologia etc. - mas elas também se encontram e se sobrepõem sobretudo no campo projetual, o que faz do paisagista um “operador da complexidade”, isto é, de múltiplas variáveis que se relacionam, sendo significativa sua intervenção em espaços onde a questão gira em torno da possibilidade de ordenar encontros “entre o urbano e o não urbano, entre o edificado e o não edificado, entre o fechado e o aberto, entre o mundo humano e o mundo natural e, talvez, mais radicalmente, entre o ‘dentro’ e o ‘fora’” (op.cit. p.59).

Diante do exposto, assim como encontramos **o jardineiro** no centro da questão conceitual do jardim, também encontramos **o paisagista** no centro da questão conceitual de paisagem, sendo ambos articuladores dos múltiplos aspectos identificados em cada caso. Em razão disso, na análise que se segue, além da comparação entre o conceito de jardim - definido a partir de Cauquelin - com o quadro de referências conceituais de paisagem - definido a partir de Besse - também consideramos a relação entre paisagista e jardineiro como etapa verificadora da correspondência entre jardim e paisagem.

2.3 CINCO PORTAS, UM JARDIM QUE SE ABRE À PAISAGEM

Como vimos, o jardim é um espaço limitado, mas aberto, criado continuamente pelo jardineiro. Essa definição, embora seja válida para os jardins de forma geral, foi construída a partir de Cauquelin (2008) tendo como objeto o jardim em sua forma mais simples - como um pequeno jardim doméstico, comum - o qual revela uma forma básica, essencial, que permanece em diferentes contextos. Portanto, continuando pelo mesmo raciocínio, mantivemos esse jardim doméstico como objeto da análise que se segue.

Na história dos jardins, é comum a identificação de estilos como o francês, o inglês e o italiano, para citar os mais conhecidos. Cada um desses estilos corresponde a uma série de princípios formais que regem a organização do espaço de acordo com uma determinada intenção, coerente com os ideais, crenças, valores e técnicas da época e lugar. Logo, esses jardins expressam o ideal estético de um momento e representam a cultura no qual foram criados (NIEMEYER, 2011). Um jardim doméstico embora não seja classificado em termos de estilo, ele é, antes de mais nada, idealizado pelo jardineiro conforme sua intenção. E este jardineiro pertence a uma cultura, da qual assimila uma série de referências, por exemplo o que Alain Roger denomina “modelos latentes”.

O nosso olhar, mesmo quando o julgamos pobre, é **rico e está como que saturado de uma profusão de modelos latentes**, inveterados e, portanto, insuspeitos: pictóricos, literários, cinematográficos, televisivos, publicitários, etc., que trabalham em silêncio para, a cada instante, modelar a nossa experiência, perceptiva ou não. (ROGER, 2011, p.156; grifo nosso)

Assim, enquanto expressão do jardineiro, o jardim doméstico também representa, ainda que de forma menos categórica, aspectos culturais, inclusive estéticos. Lembrando que, para Cauquelin (2005), o jardim é uma continuidade do próprio jardineiro, do que ele traz em si e revela por meio de suas escolhas, ou seja, ele é uma representação sobretudo dos valores internos do homem, tal como a paisagem que encontramos pela porta da representação.

Para fazer a transição da paisagem enquanto representação para tratá-la no âmbito do território, Besse (2014) elege justamente o exemplo do jardim porque este, além de ser uma expressão humana, representada, é também um espaço objetivo, material e construído. Em síntese, como visto, a paisagem enquanto território é o espaço organizado, conforme práticas de uma dada sociedade, para atender as necessidades humanas, sobretudo a de habitar o mundo. Nesse sentido, ao afirmar que “o jardim é natureza organizada pelo homem e para o homem”, Burle Marx (in OLIVEIRA, 2001) contribui para reforçar a aproximação entre

paisagem e jardim evidenciada por esta porta. Além disso, uma das principais características do jardim doméstico é a sua dimensão utilitária que o situa ao lado de tarefas cotidianas, como algo que deve ser feito, que é construído e organizado pelo trabalho e cuidados praticados pelo jardineiro. Sendo relevante destacar que, conforme Cauquelin (2005), a espacialidade desse jardim é a mesma presente na unidade territorial definida pelo sítio. Enfim, o jardim também é um espaço produzido pelo homem a fim de atender suas necessidades, isto é, uma paisagem que acessamos pela porta do território.

Há vida no jardim, isso significa movimento constante. O jardim é, portanto, resultante do encontro entre as decisões do jardineiro e o movimento característico da vida presente (BERJMAN, 2008; CAUQUELIN, 2005; CLÉMENT, 2012). No jardim ordinário - por exemplo, o jardim doméstico - Cauquelin (2005) expõe como o movimento do ciclo das estações, das variações da incidência de luz, das etapas de desenvolvimento das plantas, dentre outros aspectos do ambiente material e vivo definem o ritmo de trabalho do jardineiro. Em contrapartida, a organização deste ambiente, evidencia a presença e a capacidade transformadora das ações do jardineiro. Desta maneira, à semelhança da paisagem pela porta do meio ambiente, o jardim é uma totalidade dinâmica decorrente da interação homem-natureza, ou em outras palavras, uma produção cultural. Como Besse (2014) explica, esta porta da paisagem atende sobretudo a visão sistêmica dos ecólogos. Compartilhando desta visão, o paisagista Gilles Clément (2012) defende que a sabedoria do jardineiro reside justamente em compreender a dinâmica da vida para que possa trabalhar com ela e não contra ela. Seu pensamento reforça, assim, a relação jardineiro-natureza característica deste jardim que é uma paisagem enquanto totalidade dinâmica.

Para Cauquelin (2005, p.87), antes mesmo de ser pensado em termos de espaço, tempo e lógica, *“le jardin paraît aller de soi et ne poser aucune question quant à son appartenance à l’ordre du sensible, à ce qu’il nous échoit de voir, toucher, sentir et entendre en sa présence⁵⁰”*. Isso significa que o jardim também propicia, como a paisagem concebida pela fenomenologia, uma experiência direta do mundo que é, sobretudo, vivenciada pelo corpo e pelos sentidos. Como Besse (2014) pontua, por se estabelecer de forma tão fundamental, “no acontecimento do encontro”, essa experiência não se traduz facilmente, sendo a poesia a forma considerada como a mais apropriada para “mostrar” a sua realidade. Do mesmo modo, Cauquelin (2005) defende que a melhor forma de falar do jardim é através da literatura - o fio

⁵⁰ “o jardim parece evidente e não questiona seu pertencimento à ordem do sensível, ao que nos transmite ao ver, tocar, sentir e escutar em sua presença” (Tradução da autora)

do relato -, de fato, ela nos revela seu “jardim ordinário” recorrendo à descrições como as de Plínio e Horácio⁵¹, e apresenta um poema⁵² de Verlaine como síntese das características deste jardim. Em razão do exposto, entendemos que o jardim é uma paisagem também pela porta da experiência.

Enquanto projeto, a paisagem é revelada pelo paisagista. Para tanto, ele precisa primeiro conhecer as possibilidades que o solo, o território e o meio ambiente apresentam para, em seguida, as articular com base em seus ideais e valores, dentro de uma forma conveniente ao contexto. Por isso, Besse (2014) o definiu como “operador da complexidade”. Como profissional, ele é requisitado a trabalhar em diversas escalas, dentre as quais, a do jardim. Todavia, no jardim doméstico proposto por Cauquelin (2005), a complexidade é “operada” pelo jardineiro: suas escolhas são pautadas nas possibilidades definidas pelo tamanho do lote, pelos recursos disponíveis, pelas propriedades do solo, pela incidência do sol, pela relação com a casa e com os vizinhos, pelo seu próprio gosto, pelas ferramentas e técnicas disponíveis dentre tantas outras variáveis que precisa coordenar. Além disso, tanto a paisagem em Besse (2014), quanto o jardim em Cauquelin (2005) colocam o paisagista e o jardineiro diante do encontro entre aspectos contrastantes como o aberto e o fechado, o construído e o não construído etc. Assim, pela presença de um “operador da complexidade” e pela questão dos contrastes, o jardim doméstico também é uma paisagem pela porta do projeto.

Além da correspondência entre jardim e paisagem, esta porta evidencia uma proximidade entre paisagista e jardineiro de forma que consideramos ambos como “operadores de complexidade”. Todavia, essa aproximação foi possível graças ao destaque que Cauquelin (2005) dá ao jardineiro. Atualmente, pelo menos na realidade brasileira, o paisagista é reconhecido como criador do jardim ao passo que o jardineiro é visto como um técnico sem tanta importância, muitas vezes pouco instruído. Porém, na prática, nenhum jardim se constrói e mantém sem a presença constante do jardineiro. Enquanto criação continuada, mesmo que ele seja idealizado pelo paisagista, sua construção e vida dependem do gesto diário do jardineiro. Além disso, quando entendemos que o jardim é paisagem, podemos dizer que o jardineiro constrói paisagens sendo, nesse sentido, um paisagista. Da mesma forma, se admitimos, como Cauquelin (2005), que o jardineiro é quem quer, concebe, pensa e mantém o jardim, nesse sentido, por projetar jardins, o paisagista é um jardineiro.

⁵¹ Poetas romanos

⁵² *Après trois ans*, escrito pelo poeta francês Paul Verlaine (1866)

Como verificamos, o jardim é paisagem por cada uma das portas que Besse propõe. Assim, entendemos que a correspondência entre ambos de fato ultrapassa contextos específicos e se estabelece em função de características fundamentais comuns, fortalecendo a ideia de que o “o jardim é paisagem em pequeno” como disse Rosario Assunto (apud SERRÃO, 2013, p.79). Sendo importante destacar que, por isso, o jardim reúne em si múltiplos e diversos aspectos da paisagem e não apenas os apresentados por uma ou outra abordagem em particular. Nesse sentido, ele favorece a apreensão e compreensão da paisagem de forma mais abrangente, em sua complexidade, sobretudo pela presença do jardineiro e do paisagista.

Por esta perspectiva, a presente pesquisa busca contribuir para reestabelecer a relação que, historicamente, já existiu entre jardineiro e paisagista. Feitosa Júnior (2017), a partir da análise de tratados de arquitetura e jardins dos séculos XV, XVII, XVIII e XIX, mostra que o jardim era uma criação do jardineiro. Ainda não havia uma distinção desse artífice e do paisagista. Na verdade, Feitosa Júnior (op.cit.) explica que os tratados revelam uma hierarquia de jardineiros na qual estes se organizavam de acordo com seu grau de conhecimento e experiência podendo ser um aprendiz, um supervisor, um curador botânico, dentre outros. E para alcançar o grau mais avançado nessa hierarquia, um jardineiro precisava passar pelos níveis anteriores (op.cit.). Isso significa que existiam jardineiros com uma formação ampla e dentre eles, os que exerciam a função que hoje é atribuída ao paisagista. Além disto, estes tratados também revelam que, independente da função que exercia, todo aquele cuidava da vida do jardim era um jardineiro, cada qual com seu papel.

Diante disto, reiteramos a importância de explicitar a complexidade do ofício do jardineiro, em sua relação com o paisagista, a fim de garantir a manutenção de jardins e, conseqüentemente, contribuir para a conservação das paisagens que os mesmos são.

3 A COMPLEXIDADE DO OFÍCIO DO JARDINEIRO

Quando define o paisagista como “operador da complexidade”, Besse (2014, p.64) o situa no centro das múltiplas questões que o projeto de paisagem aciona, tais como “expectativas estéticas [inclusive as próprias] e horizontes morais ou políticos”; “realidades materiais e estruturais específicas das localizações” e “os afetos particulares suscitados pela experiência sensível dos lugares em que se encontra”. Isso significa, na prática, que para projetar e construir uma paisagem, ele precisa articular uma equipe multidisciplinar que responda aos diversos saberes requisitados.

E assim acontece no jardim. Embora este seja atribuído a um autor, conforme o paisagista francês Gilles Clément (2012), a realidade é que ele é resultado de um trabalho feito em equipe. O paisagista brasileiro Burle Marx (2004, p.7), por exemplo, autor de muitos jardins, afirma: “minhas realizações foram possíveis graças à colaboração de meus amigos botânicos, arquitetos, desenhistas, jardineiros, motoristas e todos aqueles que, de alguma forma, participaram.” Sendo importante destacar o jardineiro pela particularidade que a relação com o ser vivo impõe ao seu ofício.

Ao introduzir o curso “*Jardins, paysage et génie naturel*” no Collège de France em 2011, Gilles Clément, que prefere se apresentar como jardineiro, compartilha o que aprendeu praticando jardinagem e observando jardins a fim de que, no final do curso, os estudantes possam também se descobrir jardineiros, isto é, profissionais aptos a compreender a complexidade do jardim construído pela conjunção de ações criativas e técnicas, onde o ser vivo é o elemento principal.

*En composant le jardin, le jardinier crée un paysage ; en l’accompagnant dans le temps, il fait appel aux techniques de maintenance horticoles et environnementales. Il couvre le champ de la complexité des fonctions assumées séparément par le paysagiste et le technicien, mais avant tout il s’occupe du vivant. (...) S’il n’est pas nécessaire de faire appel au vivant pour construire un paysage, il est impensable de s’en passer dans un jardin. Pour cette raison, j’utiliserai plus souvent le terme de jardinier que celui de paysagiste. Cela se comprend ainsi: le paysagiste règle l’esthétique changeante du jardin (ou du paysage) ; le jardinier interprète au quotidien les inventions de la vie, c’est un magicien*⁵³. (CLÉMENT, 2011, p.2, grifo nosso)

⁵³ Composto um jardim, o jardineiro cria uma paisagem; ao acompanhá-lo ao longo do tempo, ele se relaciona com os técnicos horticultores e do meio ambiente. Ele cobre o campo da complexidade das funções assumidas separadamente pelo paisagista e o técnico, mas antes de tudo, ele se ocupa do ser vivo. (...). Se não é necessário solicitar o ser vivo para construir uma paisagem, é impensável dispensá-lo no jardim. Por esta razão, utilizarei com mais frequência o termo jardineiro do que o de paisagista. Isso se compreende assim: o paisagista regula a estética volúvel do jardim (ou da paisagem); o jardineiro interpreta no cotidiano as invenções da vida, é um mágico. (Tradução da autora).

Isto posto, Clément (2011, p.3) então declara que o paisagista e o jardineiro “se completam”, desde que o paisagista não se restrinja à “construção formal e funcional do espaço”, mas também considere a sua “dimensão biológica”, ou seja, o protagonismo do elemento vegetal e os cuidados que ele necessita. Diante disto, entendemos que o conhecimento e ofício do jardineiro estão na base e na continuidade do próprio trabalho do paisagista, isto é, na materialização e manutenção de suas criações, articulando paisagista e demais técnicos em torno das possibilidades e necessidades que as plantas apresentam.

Podemos dizer que assim como o paisagista encontra-se no centro das questões paisagísticas, na confluência de necessidades humanas (contemplação, bem-estar etc.) o jardineiro encontra-se no centro das questões jardineiras, na confluência das necessidades das plantas (sombra, luz, água etc.). E quando a paisagem projetada pelo paisagista é um jardim, ele e o jardineiro se encontram no mesmo centro, onde a vida é a principal variável. Por isso, a qualidade e a duração do espaço produzido depende da relação direta entre paisagista e jardineiro, do diálogo entre os mesmos para a adequada interpretação e utilização dos elementos naturais. Todavia, os responsáveis pela gestão de jardins no Recife ainda não reconhecem a necessidade de jardineiros bem capacitados para a manutenção destes espaços.

Segundo Clément (2012), a negligência do jardineiro é consequência da mentalidade de uma sociedade que supervaloriza as profissões “*de l'esprit*” (do espírito), intelectuais, e menosprezam as profissões “*de main*” (manuais), técnicas. Porém, a presença do jardineiro é imprescindível à perpetuação da vida que anima o jardim e a paisagem que ele encarna. Não valorizá-lo é colocar em risco essa paisagem, suas mensagens e sentido - de beleza, bem-estar, recreação etc. - que ela traz à cidade. “*Derrière les formes du paysage, il y a la vie. Intervenir sur les formes sans se soucier des causes profondes de leur existence, c'est mettre en péril et la forme et ce qui en est la cause*⁵⁴” (op.cit, p.94).

Burle Marx e Gilles Clément, enquanto paisagistas, se dedicaram ao estudo das plantas e ao desenvolvimento da técnica de cultivá-las, mantê-las e, mais especificamente, de utilizá-las adequadamente no paisagismo. Em síntese, eles desenvolveram as competências que um jardineiro precisa ter. Desta forma, suas obras exemplificam o resultado da articulação entre paisagista e jardineiro. Diante disto, a fim de explicitar a complexidade do ofício do jardineiro e o seu valor, analisaremos a importância que a relação com a planta exerceu na produção desses paisagistas.

⁵⁴ Por trás das formas da paisagem, existe vida. Intervir sobre as formas sem se preocupar com as causas profundas de sua existência, é colocar em perigo a forma e a sua causa. (Tradução da autora)

3.1 BURLE MARX : UM JARDIM COERENTE

Convidado a participar da 1ª Convenção de Parques e Jardins, promovida pela prefeitura de Curitiba, Burle Marx ministra uma conferência intitulada “As áreas verdes no espaço urbano”. Nesta, ele critica a uniformização de soluções de praças e jardins em diferentes cidades brasileiras, sem relação com as características locais onde, por razões políticas, “a inauguração é mais importante do que a longevidade” (MARX, 1979, p.80) e as escolhas são pautadas pela velocidade de execução da obra, cujo resultado é incoerente com a paisagem na qual se insere e ignora os recursos que a flora autóctone possui. Recursos com os quais poderiam ser propostas soluções dotadas de “coerência ecológica”.

Quanto à vegetação, o único fator que determina a escolha é a velocidade de crescimento. Usam-se pinheiros em zonas de caatinga, yucas em climas semitemperados, numa flagrante **incoerência ecológica**. Árvores belíssimas de nossa flora são desprezadas porque de crescimento lento. (MARX e QUEIROZ et al., 1979, p.80; grifo nosso)

No entanto, os poucos remanescentes da flora autóctone mostram um potencial que, se utilizado, constituir-se-ia um fator de **coerência ecológica** ao mesmo tempo que a flora e a fauna autóctones estariam sendo preservadas e perpetuadas. (MARX, 1979, p.81; grifo nosso)

Como veremos, a propriedade com a qual ele fala e defende a coerência é resultado de uma preocupação presente desde o início de sua atuação como paisagista.

A viagem de Burle Marx à Berlim (em 1928), e seu encontro com a flora brasileira no Jardim Botânico de Dahlem, que até então não conhecia empregada em jardins, são mencionados por ele próprio (MARX, 2004) e por muitos estudiosos de sua obra⁵⁵ como um marco de sua atuação como paisagista, iniciada pouco tempo depois (em 1932) e a qual incorporou, pouco tempo depois, o uso da vegetação autóctone como um de seus princípios, como podemos verificar em seus primeiros jardins públicos (realizados em Recife entre 1934 e 1937)⁵⁶. Este fato evidencia que a coerência ecológica não é algo que Burle Marx passou a buscar somente após anos de experiência paisagística, mas sim um princípio que ele notou observando a natureza, já no início da carreira, e que desde então adotou como bússola para suas escolhas, por exemplo, a decisão de defender a flora de seu país.

Em 1928, realizei uma viagem de estudos à Alemanha, onde tornei-me frequentador assíduo do Jardim Botânico de Dahlem, cujas coleções de plantas, agrupadas por Engler sob critérios geográficos, **eram, para mim, vivas lições de botânica e ecologia. Foi ali onde pude apreciar pela primeira vez, de forma sistemática,**

⁵⁵ LEENHARDT, 1994; OLIVEIRA, 2001; SIQUEIRA, 2004; QUEIROZ et al., 1979.

⁵⁶ Todas datas neste parágrafo constam na cronologia presente em Siqueira (2004).

muitos exemplares da flora típica do Brasil. Eram espécies belíssimas quase nunca usadas em nossos jardins. O fato marcou-me profundamente e, ao regressar, dispus-me a defender, por todos os meios que encontrasse, a nossa flora. (MARX, 2004, p.115; grifo nosso)

Nessa época, “a decoração floral dos jardins privados ou públicos só tem olhos para rosas, cravos e gladiolos importados da Europa” (LEENHARDT, 1994, p.9). Assim, as cactáceas da Praça Euclides da Cunha (figura 1), bem como a flora amazônica do Jardim de Casa Forte (figura 2) simbolizam o rompimento com a primeira incoerência que incomodou Burle Marx: a ausência da flora brasileira nos jardins brasileiros. Segundo Tabacow (in MARX, 2004, p.31), seu trabalho em Pernambuco foi uma das “primeiras iniciativas de usar um elenco de plantas que não obedecesse apenas a princípios estéticos, mas também dando coerência geográfica ao arranjo espacial da vegetação.”

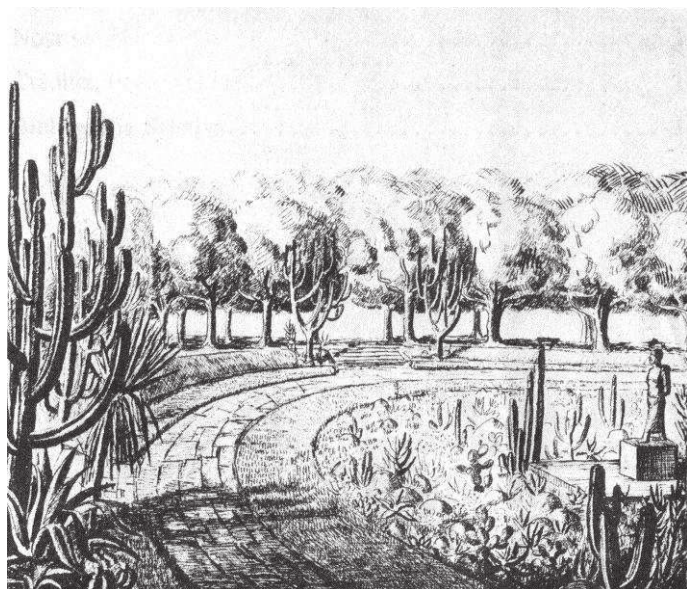


Figura 1: Praça Euclides da Cunha, Recife (PE).
Desenho de Burle Marx, 1935.Fonte: Leenhardt, 1994

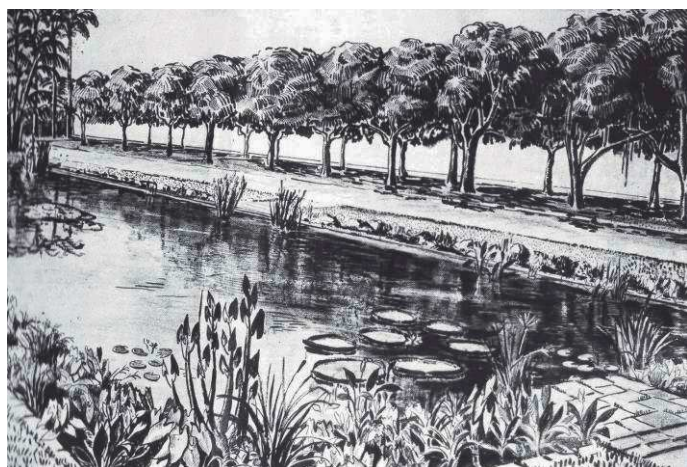


Figura 2: Jardim da Casa Forte, Recife, (PE).

Desenho de Burle Marx, 1935. Fonte: TABACOW, 2004

Assim, movido por esta busca pela coerência, Burle Marx organizou e empreendeu várias expedições pelo território brasileiro a fim de conhecer a planta em seu habitat e identificar espécies que “podem ser utilizadas em paisagismo” (MARX, 2004, p. 215). Artista de formação, ele busca “compreender as formas de vida por elementos como a cor, o volume, o ritmo e o movimento” (op.cit., p.17), qualidades que revelam o potencial de aplicação de cada elemento nos jardins que ele compõe conforme princípios estéticos. Isto é notável na maneira com a qual descreve algumas das descobertas que fez ao longo dessas viagens.

(...) ao penetrar na região do Pancas, fiquei deslumbrado com a morfologia local , onde uma série de montanhas de **forma cônica** circundavam o vale (...) O *Gynerium sagittatum* formava ilhas na planície com as inflorescências **oscilando ao vento**. (MARX, 2004, p.17, grifo nosso)

Outras vezes, o que nos impressiona são as relações analógicas e a complementação dos caracteres, como no caso das *Tibouchina granulosa* em relação às *Chorisia*, ou no das *Vochysia*, **cujo amarelo ouro encontra uma correspondência no colorido áureo** das *Jussieua*. (MARX, 2004, p.19, grifo nosso)

Este artista “impressionado” e “deslumbrado” com formas e cores, desenvolve cada vez mais seu conhecimento a respeito das plantas - já evidente na precisão com que as nomeia - à medida que aprende o que está por trás das qualidades que chamam sua atenção. Nesse sentido, em muito contribuem os botânicos, sempre presentes em suas expedições e com os quais Burle Marx trocou “impressões e conhecimentos” fundamentais para que ele compreendesse as plantas levando em conta a maneira como respondem ao meio, isto é, como se adaptam; como se agrupam e dentre outros aspectos que revelam a razão, do ponto de vista funcional, de uma determinada cor ou forma.

(...) na natureza, há soluções ambientais que expressam, nitidamente, a vida em face do **binômio forma-função**. (...) É, por exemplo, impressionante a visão de uma *Ceiba erianthos*, concentrando uma imensa raiz numa pequena porção de solo. É o equilíbrio no desequilíbrio. E o que dizer das *Meriania*, com ramos em forma de dedos intumescidos, **cuja função é armazenar alimentos e água para os períodos adversos**. (MARX, 2004, p.20, grifo nosso)

Após a experiência em Recife, em 1938, Burle Marx é convidado a projetar os jardins para o Ministério da Educação do Rio de Janeiro onde, pela primeira vez, adota a solução compositiva característica de suas obras desde então. Ele justapõe formas abstratas e geométricas “que se encaixam umas nas outras, lembrando um grande quebra-cabeça orgânico em que cada elemento é, por seu turno, constituído de novos encaixes, obtidos desta feita não pelo recorte das formas mas pelo próprio jogo de espécies plantadas”

(LEENHARDT, 1994, p. 15). Depois desse projeto, segundo Oliveira (2001), os jardins de Burle Marx não passaram por grandes transformações do ponto de vista formal, mas sim, quanto ao emprego dos materiais utilizados - cada vez mais coerentes com suas descobertas ecológicas - em razão do encontro do paisagista com o botânico Mello Barreto para a construção do Parque de Araxá (1943) em Minas Gerais.

A partir do seu encontro com o botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, **Burle Marx reconduz seus conhecimentos botânicos**, e isso, consequentemente, refletir-se-á nos seus jardins. **Mello Barreto aporta a ele noções de ecologia e botânica aplicadas**, ajudando-o a elaborar aqueles conhecimentos que adquirira intuitivamente. (OLIVEIRA, 2001; grifo nosso)

Pelas circunstâncias de meu desenvolvimento profissional, pude realizar frequentes viagens e conviver no campo com muitos botânicos, a começar por Henrique de Mello Barreto, **que me fez ver a importância das associações vegetais, das dependências do meio e outras**. Esse contato foi decisivo para a minha compreensão. (MARX, 2004, p.166; grifo nosso)

Pode-se dizer que as experiências mineiras constituíram “verdadeiros exercícios das aspirações científicas” do paisagista que, além de optar pela vegetação autóctone, começou a utilizar o que aprendeu sobre associações vegetais (OLIVEIRA, 2001). Representativo deste fato é sua predileção pelo uso de rochas associadas às plantas que, em seu habitat natural, são encontradas nesse substrato, por exemplo, a família de veloziáceas, bastante utilizada pelo paisagista. Seu interesse por tal espécie foi, inclusive, o motivo para que ele conhecesse a botânica Nanuza Menezes (figura 3).



Figura 3: Burle Marx e Nanuza Menezes
Fonte: MENEZES, 2015

Ao falar sobre esse encontro, a botânica revela um pouco mais da sensibilidade de Burle Marx, capaz de se emocionar com o processo de fecundação de uma planta:

Quando eu soube que ele era apaixonado por velozíáceas, pensei que seria uma oportunidade para conhecê-lo. Então pedi que a Graziela Barroso me apresentasse ao Roberto dizendo que eu trabalhava com as canelas-de-ema de que ele tanto gostava. Uma das melhores coisas da minha vida foi ser amiga do Roberto. A paixão dele por plantas era inacreditável. Um dia propus dar uma aula sobre plantas para sua equipe de jardineiros, e o primeiro da fila era ele. **Quando peguei uma flor, abri e mostrei com a lupa os óvulos no ovário, e disse que o pólen cai no estigma e fecunda, ele chorou. Chorou de emoção.** (MENEZES, 2015, grifo nosso)

Conforme Tabacow (in MARX, 2004, p.167), a partir do projeto do Parque do Araxá, além de passar a considerar as “associações de plantas e os substratos em que essas vivem”, Burle Marx “percebe a necessidade de buscar o apoio permanente dos botânicos, agrônomos, geógrafos, na busca de soluções ambientalmente mais coerentes.” O paisagista entendia que o paisagismo não se restringe à “estética isoladamente”, mas também integra as “funções” existentes na natureza “que formam um todo orgânico” e o ser humano com suas necessidades de “equilíbrio, felicidade e interação com o meio” (MARX, 2004, p.22-21). Para tanto, a compreensão da natureza que suas experiências lhe aportam, é fundamental. Sem esta compreensão, ele afirma que não poderia obter resultados com a “profundidade” que aspirava. “Aspiro a uma criação livre, em sua formulação, porém profundamente comprometida com as raízes de minha compreensão e de minha visão do mundo e da natureza” (op.cit., p.21).

De fato, o forte sentido estético, mas também social e ecológico das obras de Burle Marx revelam esta profundidade que ele menciona, isto é, um trabalho resultante do entrelace dos múltiplos aspectos que um jardim possui. Do ponto de vista estético e formal, Arnaud Maurières (1979, p.89), afirma que “ele foi o único capaz de traduzir o movimento artístico moderno no campo da paisagem” aumentando assim, conforme Roger Caillois (1979:1-6), a curta lista de estilos de jardins. Do ponto de vista social, Leenhardt (2008, p.44) destaca a preocupação de Burle Marx de criar jardins “pedagógicos”, isto é, “visando à transformação da mentalidade, levando-a a uma mais alta consciência das condições naturais da vida no planeta”. Tanto a expressividade artística, quanto a intenção pedagógica dos jardins de Burle Marx estão ligadas à sua “disposição de aprender com a natureza” (op.cit., 2004, p.54), isto é, ao estudo constante que ele dedicou ao ser vivo, desde suas potencialidades plásticas (forma, cor, textura) - essenciais para a coesão do jardim enquanto conjunto harmônico - a seu sentido ecológico mais amplo (integrando uma paisagem, uma região com características específicas) - imprescindíveis para a construção de jardins coerentes com o lugar onde se inserem.

Uma planta é uma forma, uma cor, uma textura, um perfume, um ser vivo, com necessidades e preferências, com personalidade própria (...). Podemos pensar numa planta como uma pincelada, ou um ponto de bordado; mas **não devemos esquecer que é um ser vivo**. (MARX, 2004, p.64, grifo nosso)

O objetivo deve ser sempre o de refletir a paisagem circundante, plantar no jardim as espécies que crescem na região, já adequadas ao solo e ao clima. Um jardim deve pertencer, em espírito, ao lugar onde está situado, pois, por mais cuidadoso que tenha sido seu planejamento, nunca se apresentará perfeitamente bem se as plantas que o constituem não forem **ecologicamente compatíveis**. (MARX, 2004, p.62, grifo nosso)

A base desta coerência que Burle Marx defende reside na relação de aprendizado que ele estabelece face à natureza através da observação. Este “ato de ver ou de olhar com atenção⁵⁷” que ele pôde desenvolver desde muito cedo no jardim de sua casa. Ele conta que já nessa época se interessava pelas roseiras que via sua mãe, Cecília Burle, cuidar e se impressionou com os caládios e begônias que ela trouxe de Recife (MARX, 2004). Ao mesmo tempo, Ana Piacsek, que ajudava Cecília a criá-lo, o ensinava a cultivar; ele diz que ainda lembra do “prazer de retirar o primeiro rabanete” que semeou (op.cit., p.15). Então, com apenas 7 anos, ele começou sua coleção de plantas, conhecendo as alocásias da qual destaca a *Alocasia cuprea* que para ele tinha “o sentido de um verdadeiro milagre” (op.cit., p.15). Além disso, em entrevista dada a Oliveira (2001), ele afirma que sua mãe nunca desvalorizava as plantas que ele trazia do “mato”, pelo contrário, ela lhe dizia “Roberto que coisa bonita, eu nunca tinha visto, isso é uma espécie de manifestação divina”(op. cit.).

Este contexto dos primeiros contatos que Burle Marx tem com as plantas revela duas características importantes que ele aprimorou e desenvolveu ao longo de sua trajetória profissional. Uma delas é a sensibilidade à necessidade das plantas, isto é, consciência de que a vida do jardim depende do cuidado, de gestos cotidianos, tais como os que sua mãe dedicava às roseiras ou os que aprendeu cultivando suas próprias plantas. A isto associa-se a consciência da lógica temporal do jardim em seus ciclos de plantio, cultivo, crescimento, floração, frutificação etc. Diante desta natureza “divina”, conforme sua mãe dizia, Burle Marx se comove e se impressiona com seus “milagres”, sua beleza e estabelece com ela uma relação afetiva, realmente amorosa. Este amor pela planta é a outra característica, e talvez a principal de sua personalidade, como ele demonstra diante das dificuldades que encontrou para manter sua coleção de plantas, no Sítio Santo Antônio da Bica. “A inexistência de mão-de-obra especializada, a falta de recursos financeiros e a própria situação de crise do país são

⁵⁷ Definição de observação disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/observacao>>. Acesso em: 26 Feb. 2018

problemas com os quais tenho que conviver diariamente . Mas **meu amor pelas plantas é muito maior que esses problemas.**” (MARX, 2004, p.168, grifo nosso)

Nesse sentido, entendemos que a carreira do paisagista se inicia e sustenta, fundamentalmente, em torno da sensibilidade e amor que ele aprendeu a ter pelas plantas, primeiramente, observando-as. Posteriormente, como vimos, ele pôde traduzir ou interpretar o que percebia e sentia por meio do vocabulário que adquiriu em sua formação acadêmica, notadamente artística (formas, cores, ritmos, contrastes, harmonia). Paralelamente, em suas excursões e com os botânicos que conviveu, ele foi aprendendo o significado ecológico das qualidades que admirava, então, seu vocabulário artístico adquiriu profundidade científica. Além disso, cabe destacar o estudo que dedica às obras de viajantes naturalistas pelos quais demonstra admiração e que certamente o inspirou a empreender suas próprias viagens. “As obras de Spix, Martius, Schott, Gardner, Lund, o príncipe de Wied Neuwied, Saint-Hilaire, Langsdorff, Sellow, Loefgren e tantos outros, sejam livros, anotações, desenhos, gravuras, constituem hoje verdadeiro monumento dedicado à paisagem brasileira” (MARX, 2004, p.139).

Assim, a cada leitura, viagem, projeto, dentre outras experiências, Burle Marx aperfeiçoou seu conhecimento sobre as plantas e seu uso no jardim, como afirma OLIVEIRA (2001), “sua aproximação ao jardim é a de um autodidata que repete ciclicamente suas obsessões e incorpora o que aprende.” Em outras palavras, o olhar jardineiro de Burle Marx percorre os diferentes momentos de sua trajetória enquanto paisagista e articula seus diversos conhecimentos em torno da planta, do ser vivo. Seja pela via artística, científica, prática - como pintor, botânico ou paisagista - ou ambas simultaneamente, ele está sempre observando a natureza a fim de aprender um pouco mais desse vasto campo que ele admite conhecer ainda pouco em comparação com o que desconhece, com o mistério que é a vida.

À medida que aprofundamos nosso conhecimento sobre as plantas, alarga-se, quase de maneira exponencial, o campo do desconhecido. O conhecimento revela mais mistérios do que aqueles que resolve.(MARX in LEENHARDT, 1994, p.52)

A vida é função de um grande mistério que nos envolve cada vez mais. Para cada coisa que aprendemos, descobrimos que há muito mais para aprender. (MARX, 2004, p.219)

Muitos são os autores que, ao escreverem a respeito de Burle Marx, destacam suas habilidades como botânico e jardineiro. Para Leenhardt (1994: IX; 7-46), Burle Marx, além de artista foi um “paciente botânico” e “artesão” que soube utilizar a natureza, chegando, em alguns momentos, a se referir ao mesmo como “paisagista - jardineiro” e “jardineiro”. Seu

conhecimento quase especialista sobre plantas como as bromélias e as orquídeas impressiona Jacques Sgard (1994: 69-74). Segundo Arnaud Maurières (1994, p.86), “a maior preocupação de Burle Marx está em ter um conhecimento perfeito de tudo o que o mundo vegetal encerra como possibilidade para que ele ponha em ação o seu conceito.” Lúcio Costa (1979: 13-14) fala dele destacando suas múltiplas atividades, dentre as quais as de “botânico” e “jardineiro”. Claude Vincent (1979, p.35) acredita que seu êxito se explica, pelo menos em parte, pelo fato dele ser, além de pintor, um “jardineiro prático, que conhece o valor de cada planta, a possibilidade desta se desenvolver sob várias condições”. Em síntese, nas palavras de S. Giédion (1979, p. 39), Burle Marx “é um artista sensível que compreende a linguagem das plantas”.

Além de ser reconhecido como jardineiro, o próprio Burle Marx se considerava, além de pintor e botânico, um jardineiro, por exemplo quando afirma: "não é apenas como um botânico ou um jardineiro que penso em jardins. Fui educado como pintor" (MARX in Correio da Manhã, 1962, p.1-2). A importância de destacar o perfil jardineiro deste paisagista - que era também pintor, músico, considerado botânico etc. - equivale a reconhecer o protagonismo das plantas no jardim e, conseqüentemente, a necessidade de aprender como considerar e manter sua principal característica que é a vida. E nesse sentido, mais uma vez, a observação é essencial. Aliás, é pela constante observação das condições de vida na natureza que Burle Marx fundamenta a coerência ecológica que ele procura incorporar a seus projetos paisagísticos. Para ele, criar “paisagens artificiais”, como os jardins, não significa nem negar, nem imitar a natureza, mas sim “saber transpor e associar, com base em critérios seletivos e pessoais, os resultados de uma observação atenta e prolongada” (MARX, 1994, p.56).

Ele próprio praticou essa observação sobretudo nas excursões que realizou para coletar plantas com potencial uso paisagístico. Para ele, “ser um bom observador” é um requisito básico para a realização e sucesso das excursões de coleta (MARX, 2004 p.117). Durante essas viagens, ele aprendeu a observar “as condições que as plantas se encontravam” como “localização”, “iluminação”, “tipo de solo”, “grau de umidade”, dentre outros fatores essenciais para o seu replantio no Sítio onde as colecionava (op. cit., p.118). Ele também foi um atento observador das diferentes formas que as raízes, folhas ou estruturas das plantas adquirem em virtude da adaptação ao meio; das cores das folhagens e florações e sua relação com as cores do entorno; dos substratos específicos à cada tipo de vegetação; na maneira

como as espécies se distribuem (agrupadas ou dispersas) dentre outras características que lhe inspiraram soluções compositivas para seus jardins.

Ao paisagista empenhado **em observar, em entender, a natureza revela um sem-número de lições**. Essas imbaúbas, por exemplo, ficam evidenciadas na paisagem pelo grande número de indivíduos agrupados. Em oposição, os visgueiros aparecem quase sempre isolados, mas têm sua presença e sua importância marcadas pela estrutura da copa e , em determinada época, pela tonalidade clara das folhas novas. Os buritis estão associados ao elemento água, enquanto as Attalea procuram as encostas mais secas ou mesmo devastadas pelo fogo. As sumaumeiras, pelo porte colossal, não necessitam mais do que três ou quatro indivíduos para marcar sua presença na paisagem de forma espetacular. (MARX, 2004, p.204, grifo nosso)

Muito do que Burle Marx aprendeu a observar ele atribui ao convívio com botânicos cuja colaboração sempre menciona e recomenda como “indispensável a quem espere adquirir o domínio de uma arte consciente e profunda da paisagem” (MARX, 1994, p.56). Ainda como recomendação aos paisagistas, ele enfatiza a relevância do conhecimento da planta “in loco” afirmando que “se aprende, em um dia de campo, muito mais que em um mês de pesquisas e leituras” (op.cit., 2004, p. 166). Tais recomendações fazem parte do seu esforço de “mudar mentalidades” a fim de valorizar a flora autóctone, defendê-la da destruição e contribuir para a sua preservação, sobretudo diante da histórica e crescente depredação dos recursos naturais brasileiros (op.cit.).

De fato, ao buscar conhecer as riquezas vegetais do Brasil, Burle Marx ficou ciente de diversos e intensos processos de exploração indiscriminada que as colocam em risco de extinção. Através de suas conferências, pronunciadas principalmente a partir da década de 70, ele denuncia essa destruição da natureza procurando conscientizar as pessoas a respeito da importância de combatê-la (SIQUEIRA, 2004). Nesse contexto, Burle Marx entende que o paisagista, desde que conheça a flora nativa, possui “meios e condições” de contribuir para a preservação da natureza. “Se em nossas especificações de vegetação, nos projetos, procurarmos utilizar a flora autóctone, e o que é muito importante, se lutarmos para essa especificação ser concretizada, estaremos salvando muitas plantas do perigo do desaparecimento” (MARX, 2004, p.164). Essa visão revela a consciência da amplitude que Burle Marx via no jardim, e também nos parques e praças. Para ele, a utilização da flora autóctone nestes espaços contribui para sua preservação não só porque as torna conhecidas pelas pessoas que, observando-as podem aprender a valorizá-las e respeitá-las, mas também porque incentivam o cultivo dessas espécies nos hortos e sementeiras.

Com esta consciência, e determinado a fazer o possível para combater a destruição do patrimônio natural brasileiro, Burle Marx cria o Sítio Santo Antônio da Bica, atualmente Sítio Roberto Burle Marx⁵⁸, com os objetivos de “preservar e perpetuar as espécies”; “mostrar que as plantas brasileiras também tem valor”; “ampliar nossas possibilidades de expressão paisagística” e “trabalhar com um material mais coerente com a paisagem” (op.cit. 2004, p.168). Diante disto, entendemos que o sítio representa os principais fundamentos da prática de Burle Marx: observação e experimentação constantes a fim de construir com coerência e assim contribuir para a preservação da natureza diretamente, pelo cultivo de espécies, e indiretamente, conscientizando as pessoas sobre o seu valor e o benefício de respeitá-las. “A planta é um ser vivo, a exigir suas próprias condições. Mas, a um pequeno preço, ela nos compensa com sua própria dinâmica, com a da floração, frutificação, queda das folhas e até com a morte” (op.cit., p.168).

Além disso, no trabalho que desenvolve no sítio, Burle Marx busca diminuir importantes lacunas no paisagismo brasileiro. A que mais menciona é, justamente, a falta de conhecimento dos potenciais paisagísticos da flora brasileira, a qual procura preencher coletando e cultivando plantas para essa finalidade. A outra lacuna, tão preocupante quanto a primeira, é a escassez de jardineiros capacitados que compromete a perpetuação dos jardins. “A verdade é que a conservação de jardins no Brasil foi sempre difícil, por não se poder contar com bons jardineiros” (MARX, 2003; p.308). Nesse sentido, sua contribuição para diminuir tal defasagem foi formar bons jardineiros, alguns deles ainda atuantes no Sítio e que, assim, constituem exemplos que podem ser considerados nas políticas públicas de formação destes profissionais. No próximo capítulo, apresentamos o resultado da entrevista de alguns desses jardineiros, revelando, dentre outras coisas, o que aprenderam com Burle Marx.

⁵⁸ “Consciente, [Burle Marx] doou seu laboratório - antes Sítio Antônio da Bica, hoje Sítio Roberto Burle Marx - ao Governo Federal, com as coleções de inestimável valor e os resultados das experiências ali realizadas, garantindo assim a sua perenidade. O sítio é, hoje, órgão do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional do Ministério da Cultura, de acordo com a vontade e as diretrizes expressas por seu criador.” (TABACOW, 2004, p.12)

3.2 GILLES CLÉMENT : UM JARDIM EM MOVIMENTO

Ao ser apresentado como um paisagista, horticultor, entomologista, escritor e engenheiro que prefere se definir como jardineiro, Gilles Clément explica: “sim, eu digo que sou jardineiro porque eu coloco as mãos na terra, mas também porque eu penso que de todos profissionais que falam do espaço, o jardineiro é aquele que trabalha com o ser vivo” (*Comprendre Gilles Clément - L’art des jardins*, 2018, transcrição e tradução da autora⁵⁹). A experimentação prática e o direcionamento para a vida que Clément revela nesta afirmativa constituem a base de sua trajetória enquanto paisagista e professor⁶⁰, bem como suas decorrentes reflexões teóricas as quais nos permite compreender melhor o que significa ser jardineiro e a sua importância.

“*Le monde des jardins compte les jardiniers. Sans lesquels rien n’existerait*”⁶¹ (CLÉMENT, 2012, p.5). Com esta frase Clément (op.cit.) propõe - no primeiro capítulo do livro *La Sagesse du Jardinier* - um passeio pelo jardim sob duas perspectivas. Na primeira delas, o jardineiro faz o papel de guia do que o autor define como “*amateurs*”, isto é, amadores. Em síntese, o grupo de amadores de jardins é formado por um “*peuple érudit, rodé à l’art d’en parler*”⁶² (op.cit. p.5). Eles se interessam pelo jardim e se tornam profundos conhecedores do tema buscando informações em múltiplas fontes, desde livros e conferências à visitas guiadas nas quais procuram extrair o máximo que podem da experiência do jardineiro que os guia, principalmente a respeito das espécies vegetais. É desta maneira que os amadores constroem seu vocabulário sobre jardins - “*la flore, le style, l’architecture, l’ornement, la lumière, l’eau, le temps qui passe, le temps qu’il fait*”⁶³ (op.cit. p.9).

Por essa perspectiva, dos amadores, Clément (2012) conclui ter abordado os principais aspectos do jardim nas categorias em que comumente é considerado: como objeto estético, espaço de amenidade ou prolongação da habitação. Isto feito, ele reclama a presença dos animais que habitam este espaço mas que “*ne semblent jamais y avoir droit*”⁶⁴ (op.cit. p.10). Então, pela perspectiva da ecologia, ele critica a tradição que exclui tudo aquilo que escapa do controle do jardineiro, sejam animais ou plantas. Como exemplo desta realidade, Clément tece

⁵⁹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xM7P7MzPxFs>>. Acesso em fevereiro de 2018.

⁶⁰ Gilles Clément é professor emérito da Escola Nacional Superior da Paisagem em Versalhes.

⁶¹ O mundo do jardim inclui os jardineiros sem os quais nada existiria. (Tradução da autora)

⁶² Pessoas eruditas habituadas à arte de falar sobre eles [os jardins]. (Tradução da autora)

⁶³ A flora, o estilo, a arquitetura, o ornamento, a luz, a água, o tempo que passa, o clima. (Tradução da autora)

⁶⁴ Parecem nunca ter direito sobre o mesmo. (Tradução da autora)

uma longa descrição da “*lutte jardinière*”⁶⁵ que empreendia contra a vegetação espontânea, insetos, toupeiras etc., quando mais jovem, no jardim de seus pais. Segundo o autor, a regra em jardinagem era “*enfumer, pulvériser, brûler, désherber, traiter de toutes les manières la nature rebelle, désastreusement inventive*”⁶⁶ (op.cit. p.11) apagando da paisagem o que não tivesse sido previsto em projeto.

Diante disto, quando adquire um terreno, Clément decide trilhar um caminho de jardinagem diferente do tradicional, mais próximo de sua visão ecológica e capaz de acolher também a fauna onde um passeio comentado “*plus près des réalités, commencerait par une description des habitats: place faite aux habitants, les animaux*”⁶⁷ (op.cit. p.14). De acordo com Malaure (2009), essa experiência tem início em 1977, na comuna francesa denominada Creuse, onde Gilles Clément começa a cultivar o seu jardim -“*La Vallé*” - e onde constrói, posteriormente, a sua casa (figura 4).

*Avant que la maison ne soit debout, j'avais commencé le jardin. Les deux ont grandi ensemble en quelques années. (...). La maison, objet inerte, trouve sa fin. Tandis que le jardin ne cesse de commencer*⁶⁸. (Clément, 2012, p.74)



Figura 4: Gilles Clément no jardim “La Vallé” em frente à sua residência.
Fonte: MALAURE, 2009

Na introdução do documentário *Le Jardin en Mouvement* (2013)⁶⁹, ele afirma que sua primeira preocupação no jardim “*La Vallé*” é a de preservar a diversidade e que, para isso,

⁶⁵ Luta jardineira. (Tradução da autora)

⁶⁶ Fumigar, pulverizar, queimar, capinar, tratar de todas as maneiras a natureza rebelde, desastrosamente inventiva. (Tradução da autora)

⁶⁷ (...) mais próxima da realidade, começaria pela descrição de habitats: lugar feito para os habitantes, os animais. (Tradução da autora)

⁶⁸ Antes que a casa estivesse em pé, eu já havia começado o jardim. Os dois cresceram juntos durante alguns anos. A casa, objeto inerte, foi concluída. Enquanto isso o jardim não para de começar. (Clément, 2012, p.74, tradução da autora)

teve que abandonar tudo que havia aprendido, pois lhe ensinaram sobretudo a matar o que fosse interpretado como inconveniente - plantas, animais, insetos. Portanto, a construção deste jardim é essencialmente experimental, sem projeto, mas com o objetivo de verificar a possibilidade de partilhar o espaço com os animais e conviver com eles (CLÉMENT, 2012). Consequentemente, isso significa também conviver com a flora da qual esta fauna depende. O resultado observado depois de um tempo, para Clément (op.cit.), é bem sucedido do ponto de vista “*d’une vie sauvegardée*”⁷⁰.

Com esse pensamento, Clément (op.cit.) procura aprender com o próprio ser vivo, observando a diversidade animal e vegetal que o jardim abriga. Porém, ele destaca que a compreensão do que esses “*maîtres silencieux*”⁷¹ dizem, depende dos “*passseurs*”⁷² cujo papel é expor a “*diversité fragile que le jardin rassemble*”⁷³. Dentre os professores que considera, Clément menciona a contribuição de alguns. Com Jacques Montaignut, ele teve aulas sobre os mecanismos e processos pelos quais as espécies garantem sua perenidade, como “*chaque une inventait sa vie*”⁷⁴ (op.cit., p.27). Em Lamarck, ele encontra a teoria que fundamenta suas investigações: a posição transformista na qual “*l’être, quel qu’il soit - végétal, animal, humain - trouve une chance de se modifier (...); il se transforme*”⁷⁵ (op.cit., p.34). Em Laborit e com Francis Hallé ele aprendeu outros aspectos relativos à adaptação das espécies. Estes são apenas alguns exemplos dentre os condutores que, para Clément, realizaram “*le difficile exercice de mieux regarder pour comprendre*”⁷⁶.

Embora sejam extremamente importantes, conforme Clément (2011) o encontro e a troca de conhecimentos com esses condutores complementam, mas não substituem a sabedoria que a experiência direta da jardinagem e a observação do jardim proporcionam. “*De mon point de vue, le jardin ne s’enseigne pas, il est l’enseignant. Je tiens ce que je sais du temps passé à la pratique et à l’observation du jardin*”⁷⁷ (op.cit., p.2). Desta forma, é a partir de suas experimentações enquanto jardineiro que Gilles Clément desenvolve os conceitos que

⁶⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?time_continue=36&v=JQsdXWmLNDE> Acesso em março de 2018.

⁷⁰ (...) de uma vida preservada. (Tradução da autora)

⁷¹ Mestres silenciosos. (Tradução da autora)

⁷² Condutores porque facilitam o acesso a uma obra, saber, técnica etc., isto é, um professor (Tradução da autora)

⁷³ (...) diversidade frágil que o jardim reúne. (Tradução da autora)

⁷⁴ Cada uma inventava a sua vida. (Tradução da autora)

⁷⁵ (...) o ser, qualquer que ele seja - vegetal, animal, humano - encontra uma oportunidade de se modificar (...); ele se transforma. (Tradução da autora)

⁷⁶ (...) o difícil exercício de melhor olharem para compreender. (Tradução da autora)

⁷⁷ Do meu ponto de vista, o jardim não é ensinado, ele é o professor. Eu devo o que sei ao tempo que dediquei à prática e observação do jardim. (Tradução da autora)

balizam sua atuação como paisagista, exemplo disto é o Parque André Citroën, em Paris, para o qual projetou, dentre outros jardins, o Jardim em Movimento. Em entrevista à Alfredo Erlwein (2010), ele diz que esta foi “*la primera vez que era posible ofrecer a un público de la ciudad, un espacio con una idea completamente diferente: el ‘jardín en movimiento’*” (op.cit. p.2).

Segundo Serpa (2004), Clément criou o Jardim em Movimento no Parque André Citroën (figura 5) tendo como princípio a incorporação da vegetação que surge espontaneamente, um espaço pensado para transformar-se, mudar constantemente de aspecto. A elaboração deste princípio é, justamente, consequência da reflexão que o paisagista faz sobre as experimentações que realizou em seu jardim particular e, como diz à Erlwein (2010), seu laboratório, onde pôde focar na diversidade sem preocupações formais ou estéticas. Tendo como objetivo a preservação e promoção desta, antes de começar a jardinagem propriamente dita de seu terreno, ele se dedicou à observação do comportamento das espécies que já existiam nele (CLÉMENT, 2012). Diante da dinâmica que constatou - a aparição e desaparecimento de espécies em diferentes lugares e momentos - ele conclui que considerar a dimensão biológica do jardim significa aceitar este movimento. “*Cela signifiait prendre le jardin comme territoire privilégié des changements d’aspect, des couleurs et même des séries floristiques...*”⁷⁸ (op.cit. p.75).



Figura 5: Jardim em Movimento - Parque André Citroën, Paris

Fonte: <http://www.gillesclement.com/cat-banqueimages-andre-tit-banqueimages-andre>

⁷⁸ Isto significaria considerar o jardim como um território privilegiado das mudanças de aspecto, de cores e mesmo de séries florísticas... (Tradução da autora)

O papel do jardineiro, desta maneira, consiste em observar e orientar a dinâmica existente no jardim, isto é, “*vérifier, infléchir ou contrarier les capacités supposées du mouvement*”⁷⁹ (op.cit. p.76). Na prática, isso significa, por exemplo, que se uma espécie cresce em uma passagem, o jardineiro pode escolher retirá-la ou simplesmente modificar o caminho conforme seus critérios (Paysage, 2018⁸⁰). Isto é o que Gilles Clément faz em seu jardim e propõe para o Parque André Citroen com a diferença que, neste último, ele não é o responsável por estas escolhas cotidianas, mas sim quem sugere a ideia (op.cit). Ele afirma que sua participação, neste caso, se resume à disponibilizar uma porção da diversidade - principalmente plantas herbáceas, alguns arbustos e árvores - que os jardineiros contratados manejam segundo interpretação própria (figura 6), a partir do que ele reconhece no terreno, e não de uma forma pré-estabelecida (op.cit.). Sendo importante destacar que esses jardineiros foram treinados.

Tuve que dar cursos a los jardineros durante dos años, para que aprendieran a mantenerlo de cierta manera y hoy funciona solo. Bueno, no tan sólo porque es un jardín, necesita jardineros, pero funciona con jardineros que saben y que antes no sabían nada, manejaban todo como en los tiempos del siglo XVIII o de Napoleón III, un gran gasto de dinero para hacer muchas cosas inútiles y arreglos florales horrorosos. (CLÉMENT in ERLWEIN, 2010)



Figura 6: jardineiro trabalhando no Jardim em Movimento do Parque André Citroen, Paris.
Fonte: <http://www.gillesclement.com/cat-banqueimages-andre-tit-banqueimages-andre>

Para Clément (2011, p. 20), diante da energia própria da natureza, “*le jardinier n’a qu’à se mettre à l’écoute pour en tirer parti, comprendre avant d’agir et ainsi limiter son*

⁷⁹ (...) verificar, infletir ou contrariar as supostas capacidades do movimento. (Tradução da autora)

⁸⁰ Conferência de Gilles Clément, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8pQrMTJwy5M>> Acesso em março de 2018

*intervention. Faire le plus possible avec, le moins possible contre*⁸¹.” Esta síntese - fazer o máximo com, o mínimo contra a natureza - que o paisagista adota, resulta de sua prática, como costuma declarar, mas também de sua compreensão do que é o jardim. Ele define jardim como um “*enclos*”⁸² destinado a reunir e proteger o que existe de melhor - “*ce que l’on estime être le plus précieux, le plus beau, le plus utile et le plus équilibrant*”⁸³ (op.cit, p.5). O que é considerado melhor varia conforme a cultura e ao longo da história dando origem à jardins com arquitetura e estilos também distintos (alinhados à ideia que veiculam) mas, independente dessas variações, Clément (op.cit. p.6) considera que o jardim é o “*unique territoire de rencontre de l’homme avec la nature où le rêve est autorisé*”⁸⁴.

Quando menciona “*rêve*” (sonho) Clément (2011) está se referindo ao projeto social que o jardim representa na medida que reflete uma visão de mundo e um ideal de vida. Na atualidade, a construção deste ideal está relacionada às questões levantadas pelo advento da ecologia. Ela coloca o homem em condição de igualdade, e não de superioridade, em relação ao “*écosystème planétaire*”⁸⁵, em outras palavras, sua situação é “*d’immersion et non de dominance*”⁸⁶ (op. cit. p.8). A isto, soma-se a consciência da “*finitude écologique*”⁸⁷, isto é, dos limites da biosfera e as sociedades começam a despertar para a necessidade de preservar esse ecossistema do qual faz parte e depende (op.ci.t).

Nesse contexto, Clément (2012) entende que o argumento principal do jardim já não se encontra na arquitetura ou no ornamento, mas sim no ser vivo que precisamos considerar e conhecer através de uma ligação de “*amitié*” (amizade). Então, o jardineiro, além das principais funções que comumente exerce - “*l’organisation de l’espace, la production, l’entretien dans le temps*” (op.cit. p.10) - pode também desempenhar um papel fundamental na preservação da natureza, uma vez que, trabalhando com o ser vivo, tem condições de contribuir para a manutenção e promoção da diversidade. Em um sentido, Clément fala dos jardineiros que, literalmente, trabalham com a jardinagem, inclusive os paisagistas que projetam jardins, parques e afins. Em um sentido mais amplo, ele se refere ao jardineiro que

⁸¹ (...)o jardineiro só precisa escutar a natureza para tirar partido dela, compreender antes de agir e assim limitar sua intervenção. Fazer o máximo possível com, o mínimo possível contra. (Tradução da autora)

⁸² Recinto. (Dicionário semibilíngue para brasileiros:francês, 2011)

⁸³ (...) o que estimamos ser mais precioso, o mais belo, o mais útil o mais harmonioso. (Tradução da autora)

⁸⁴ (...) único território de encontro entre o homem com a natureza onde o sonho é autorizado. (Tradução da autora)

⁸⁵ Ecossistema planetário. (Tradução da autora)

⁸⁶ (...) de imersão e não de dominação. (Tradução da autora)

⁸⁷ (...) finitude ecológica. (Tradução da autora)

cada humano pode ser quando considera a jardinagem como um “*modèle gestionnaire dépassant les limites du jardin*”⁸⁸.”

*Jusqu’au début du XXI^e siècle, le jardinier était l’architecte du jardin, le pourvoyeur de fleurs, de fruits, de légumes, celui qui taille, tond, ratisse, arrose et nourrit... Subitement le voici responsable du vivant, garant d’une diversité dont l’humanité entière dépend*⁸⁹. (CLÉMENT, 2011, p.11)

Como vimos, a orientação para a diversidade está presente nas experiências de jardinagem que levaram Clément a desenvolver o princípio norteador de sua prática paisagística: o jardim em movimento. A partir deste, mais a experiência que adquiriu viajando⁹⁰ e considerando a hipótese – “*peut-on regarder la Terre comme un seul jardin? Peut-on lui appliquer les préceptes du Jardin en Mouvement?*”⁹¹ – ele elaborou o princípio de Jardim Planetário - “*Jardin Planétaire*” (Clément, 2012, p.83). Em síntese, ambos princípios resultam da “*observation et le respect du vivant*”⁹² (op.cit.), mas o primeiro se relaciona à gestão do jardim direta e objetivamente (o que fazer e como fazer) - exemplificado no Parque André Citroën - e o segundo, à gestão do ponto de vista político, como uma possibilidade a ser considerada pelas comunidades no sentido de uma melhor relação com o ecossistema, a natureza e, conseqüentemente, com a diversidade. Esta última é tão importante para Clément (figura 7) que ele afirma que se pudesse ser um animal seria um pato que pode nadar, andar e

⁸⁸ (...) modelo de gestão para além dos limites do jardim. (Tradução da autora)

⁸⁹ Até o início do século XXI, o jardineiro era o arquiteto do jardim, o provedor de flores, de frutas, de legumes, aquele que talha, apara, rastela, rega e aduba... Subitamente este é responsável pelo ser vivo, garantia de uma diversidade da qual a humanidade inteira depende. (Tradução da autora)

⁹⁰ Para Clément, as viagens participam da construção de seu conhecimento à medida que permitem a comparação da relação que o homem estabelece com o mundo – “*une cosmologie, un jardin*” – em diferentes lugares.(CLÉMENT, 2011, p.2)

⁹¹ Podemos observar a Terra como um só jardim? Podemos aplicar a ela os preceitos do jardim em movimento? (Tradução da autora)

⁹² Observação e respeito do ser vivo. (Tradução da autora)

voar ao mesmo tempo: “*un symbole de la diversité*”⁹³ (Clément in LAVOCAT, 2014).



Figura 7: Gilles Clément
Fonte: MALAURE, 2009

Clément (2012) explica que nossa visão de mundo tem implicações diretas na maneira que o ocupamos, a jardinagem é um exemplo disto. “*Le ‘jardinage’, expression de diversité culturelle, menace ou protège la diversité naturelle selon les méthodes employées*”⁹⁴ (op.cit. p.62). Ilustrando essa variação cultural, o autor menciona a diferença da colheita do arroz em Bali (Indonésia) - onde é feita ritualisticamente, com gestos de veneração à natureza, como oferta aos deuses que a representam - e na Luisiana (EUA) - onde os recursos da ciência e tecnologia - como pesticidas - são usados para garantir o melhor lucro (op.cit.). Em ambos os casos, a natureza é explorada. Todavia, o custo desta exploração é menor nos sistemas culturais em que o homem não é colocado como superior aos demais seres vivos, mas sim como igual (op.cit.). É sobre essa visão igualitária, fundamentada na ecologia, que Clément propõe o Jardim Planetário, isto é, a Terra como um jardim cujo jardineiro é a humanidade inteira.

L’ apparition de l’écologie, avènement sans précédent dans le rapport historique de l’Homme à la Nature, coïncide avec une vision systémique, donc globalisante, du vivant (les écosystèmes). En même temps il boucle le territoire d’exploration au sein même de la biosphère. Terrible révélation: la Terre prise comme territoire réservé à la vie est un espace fermé, limité aux limites des systèmes de vie (la biosphère). C’est un jardin. Aussitôt énoncé, le constat renvoie chaque humain, passager de la

⁹³ Símbolo da diversidade. (Tradução da autora)

⁹⁴ A “jardinagem”, expressão de diversidade cultural, ameaça ou protege a diversidade natural conforme os métodos empregados. (Tradução da autora)

*Terre, à ses responsabilités, garant du vivant dont il est gestionnaire. Le voici jardinier*⁹⁵. (Clément, 2012, p. 66)

Em 1999, o jardim planetário foi tema de uma exposição exibida no *Grand Halle de La Villete*, Paris, tendo como curador o próprio Gilles Clément. Conforme Oliveira (2000), a exposição consiste em um itinerário pedagógico organizado em torno de três áreas temáticas: “Começando por ‘observar e compreender’, percorremos o Jardim do Conhecimento, para melhor ‘agir’ no Jardim da Experiência, mas sem esquecer de dar um tempo para sonhar no Entorno do jardineiro.” Com isso, Clément pretende despertar os visitantes para uma consciência ecológica, isto é, estimulá-los a pensar globalmente e agir localmente, como um “cidadão-jardineiro”, a favor e não contra a natureza (op.cit.).

Para o paisagista, “*si on a conscience de la finitude spatiale, de l’interdépendance, et si on prend des mesures en conséquence, on devient jardinier. Pas besoin de connaître le jardinage pour être un bon jardinier planétaire*”⁹⁶ (CLÉMENT, 2014). Ele considera Jaime Lerner (que foi prefeito de Curitiba algumas vezes), um bom exemplo de jardineiro planetário por ter criado o Troco Verde: programa de troca em que cada habitante recebe um peso de frutas e legumes frescos (não vendidos no dia) equivalente ao peso de dejetos que separou para a reciclagem (op.cit., 2012). Ser jardineiro, neste caso, significa ser consciente de sua participação na manutenção da vida do planeta.

Ao centrar sua atuação prática e teórica no jardineiro, inclusive se definindo como tal, Clément contribui para a compreensão do impacto que seus gestos cotidianos, aparentemente pequenos, significam diante da vida e da natureza ao ponto de considerá-lo um exemplo de comportamento a ser buscado por todos cidadãos. Em resumo, Clément nos lembra que o jardim está contido no jardineiro, que sua existência depende, essencialmente, do ato de jardinar continuamente, acompanhando a evolução da vida. “*Le jardin est dans le jardinier. Il existe par le jardinage*”⁹⁷ (op.cit., 2011, p.16). Diante disto, para a conservação de jardins de forma específica, e da vida de forma geral, inclusive do homem que depende da natureza, valorizar este ofício é uma atitude fundamental.

⁹⁵ A aparição da ecologia, advento sem precedentes na relação histórica do Homem com a Natureza, coincide com uma visão sistêmica, então globalizante, do ser vivo (os ecossistemas). Ao mesmo tempo isto encerra o território da exploração no próprio seio da biosfera. Terrível revelação: a Terra vista como um território reservado à vida é um espaço fechado, circunscrito aos limites dos sistemas de vida (a biosfera). É um jardim. (Tradução da autora)

⁹⁶ Se temos consciência da finitude espacial, da interdependência, e se consequentemente tomamos atitudes, nós nos tornamos jardineiros. Não há necessidade de conhecer jardinagem para ser um bom jardineiro planetário. (Tradução da autora) Disponível em: < <https://reporterre.net/Gilles-Clement-Jardinier-c-est> > Acesso em março de 2018

⁹⁷ O jardim está no jardineiro, ele existe pela jardinagem.

3.3 OLHAR JARDINEIRO

Como exposto, Burle Marx e Gilles Clément são dois paisagistas com perfis claramente distintos, a começar pela nacionalidade - um brasileiro e o outro francês - e formação acadêmica - um artista e o outro engenheiro agrônomo -, além de outros aspectos - como ideologias - relacionados às especificidades da época e contexto cultural de vida e atuação de cada um. Apesar das diferenças, os dois desenvolveram pensamentos e atitudes semelhantes a respeito da natureza em virtude da ênfase que deram ao ser vivo ao longo de suas trajetórias.

Na trajetória de Burle Marx, o interesse pela planta surgiu antes mesmo que ele escolhesse ser paisagista, em sua infância, observando o jardim cultivado por sua mãe. Neste primeiro contato ele já demonstra sensibilidade à beleza vegetal e admiração pelo processo de seu desenvolvimento. Tal sensibilidade foi fundamental para que, mais tarde, ele percebesse o valor da flora brasileira e optasse por trabalhar com ela. Esta decisão o coloca diante de um universo vegetal pouco conhecido, sobretudo no âmbito do paisagismo, e para preencher esta lacuna, ele realiza expedições pelo Brasil e cria sua própria coleção de plantas no Sítio Santo Antônio da Bica.

Desta forma, Burle Marx pôde observar várias espécies vegetais em seu habitat natural. Claramente, devido à sua sólida formação artística, ele se interessa de forma especial pela beleza e outros atributos estéticos da planta. Todavia, ele não se limita à isso. Principalmente pela convivência com botânicos, pela qual muito estimava, ele continuamente aprofunda seu conhecimento científico e técnico da natureza - os processos de adaptação, as associações ecológicas - que ampliam sua compreensão da dinâmica da vida, ou como ele costuma dizer, lhe revelam as razões por trás de uma cor ou forma.

Em sua obra, a articulação entre suas competências de paisagista e jardineiro resultam em uma contínua busca pela coerência. Para ele, o jardim deve ser criado sob critérios estéticos e formais legíveis utilizando, preferencialmente, elementos naturais autóctones, coerentes com a paisagem circundante. Quando isto é possível, além de atender as necessidades humanas que o originaram, o jardim contribui para a preservação da flora e fauna local bem como para a conscientização de sua importância, atitudes que Burle Marx considera como sendo a função social do paisagista.

A construção desta coerência, por sua vez, exige o conhecimento das possibilidades que as plantas - com suas diferentes características e comportamentos - apresentam. Nesse

sentido, Burle Marx tinha um extenso vocabulário que adquiriu ao longo de anos de observação e pesquisa tanto em suas expedições quanto em seu sítio, que inclusive funcionava como laboratório onde fazia experimentações. Essa disposição de observar a natureza para aprender com ela é, em síntese, o que caracteriza a postura de jardineiro adotada e defendida por Burle Marx. Para ele, observar as plantas, especialmente em seu habitat natural, e conviver com botânicos, é essencial para quem pretende ser paisagista.

Na trajetória de Gilles Clément, a prática do paisagismo é quase um manifesto ecológico. Sendo engenheiro agrônomo, ele mantém um olhar predominantemente científico sobre a natureza e investiga soluções paisagísticas que traduzam melhor essa dimensão e não tanto um ideal estético. Ele critica a jardinagem que exclui os animais - habitantes naturais do jardim - e submete as plantas a um sistema formal rígido, que ele julga conflitante com o aspecto dinâmico e em constante transformação do que vive.

Determinado a encontrar soluções que considerem a natureza inteira, como um ecossistema, ele cria seu próprio jardim onde integra as espécies vegetais e animais que se instalam independente do que foi previsto e se dedica a observá-las. Desta experiência ele conclui que gerir um jardim respeitando sua diversidade significa aceitar o movimento, isto é, a natural aparição e desaparecimento de espécies, bem como seu deslocamento pelo espaço - já que elas surgem cada vez em um lugar diferente. Sendo também professor e pesquisador, ele elabora o resultado desta experiência como um princípio sobre o qual ensina e escreve: o jardim em movimento.

Do ponto de vista prático, este princípio significa que a forma resultante do jardim é sempre desconhecida e depende das escolhas cotidianas que o jardineiro faz, isto é, de como ele orienta o movimento. Para Clément, são muitas as possibilidades de escolha, mas o ideal é sempre fazer o máximo possível a favor da natureza - no sentido de seu movimento - e o mínimo contra. Tal atitude, obviamente, só é possível quando o jardineiro entende de que forma as plantas se movimentam, isto é, como vivem e se comportam, o que, mais uma vez, é resultado de observação e estudo, atitudes que Clément pratica e recomenda a seus alunos.

Inspirado pelas viagens que fez em todo o mundo, a fim de conhecer como diferentes culturas concebem o jardim, e o próprio mundo, ele resolve estender seu conceito de jardim em movimento para todo o planeta e apresenta o conceito de Jardim Planetário. Os limites do planeta enquanto jardim é a própria biosfera e o jardineiro é toda humanidade. Ao desenvolver este conceito, o intuito de Clément é conscientizar cada ser humano a respeito da

responsabilidade que ele tem com a vida do ecossistema do qual depende. Para ele, quando cada um pensa globalmente tem maiores chances de tomar atitudes locais favoráveis à natureza e assim, ser um jardineiro planetário.

Tanto Burle Marx, quanto Gilles Clément incorporam às suas práticas paisagísticas e de ensino (no caso de Clément) o que aprenderam observando as plantas e procurando conhecê-las. Consequentemente, eles adquirem uma compreensão ampla da vida e buscam conscientizar as pessoas da importância de uma relação equilibrada entre homem e natureza. Clément (1994:85-96) pensa que Burle Marx poderia ter se deixado guiar mais pela natureza, como em sua coleção pessoal do Sítio, e menos pelo “formalismo estético”. Mesmo assim, ele sente-se em “profunda sintonia” com o mesmo no que tange o conhecimento botânico.

Burle Marx obteve êxito total na junção entre o artista que desenha e o jardineiro que trabalha com o objeto vivo. Há poucos, mas realmente tão poucos paisagistas que hoje dispõem desse leque, isto é, que sejam ao mesmo tempo capazes de fazer um desenho e capazes de falar de cátedra a respeito do material botânico que utiliza! Refiro-me a um bom conhecimento não só a respeito das plantas, mas da fisiologia e do comportamento delas. Ele é de fato um dos únicos capazes de dar um parecer técnico incrivelmente precioso e preciso. Nesse ponto me considero em profunda sintonia com ele. (CLÉMENT, In 1979, p.77)

É importante destacar que para Burle Marx, a estética, além de orientar sua composição artística, era também um meio de ensinar as pessoas a valorizarem as plantas, como explica sobre os jardins em seu sítio. “Ao proporcionar prazer estético a quem os contempla, esses ambientes realizam, através do caminho da arte, o que o sítio se propõe como meta primordial: dignificar nossas plantas, contribuindo para que se crie o respeito e o amor por elas.” (MARX, 2004, p.125). Assim, tendo o jardim como seu principal objeto de trabalho e instrumento de conscientização, ele chegou a realizar, conforme Oliveira (2001) mais de 2000 projetos paisagísticos. Além disto, ele expôs suas ideias e defendeu a preservação da natureza através de várias conferências que ministrou a partir da década de 70 até o final de sua vida, em 1994.

Já para Clément (nascido em 1943 e ainda hoje atuante), buscar uma estética na própria natureza - como a do movimento - constitui um caminho de reconciliação do homem com a biodiversidade. Sua produção projetual não é tão expressiva numericamente, em contrapartida, como professor e pesquisador, ele tem uma importante produção teórica (livros, artigos, exposições etc.) onde divulga os conceitos que desenvolve a partir de sua prática. Seja através do que projeta, escreve ou apresenta (em exposições ou conferências) ele está sempre

discutindo a importância do homem se relacionar de forma amigável com a natureza em prol da biodiversidade que para ele é o mesmo que a vida.

Apesar das diferenças entre Burle Marx e Gilles Clément, a trajetória de ambos revelam ser resultado de um olhar jardineiro, isto é, sensível à vida e dotado da sabedoria de trabalhar com ela. E como vimos, essas competências são adquiridas através da observação. Isso é tão importante que os dois paisagistas estudados criaram jardins com a finalidade de observar o seu comportamento. Sendo necessário lembrar que pelo exemplo de Burle Marx e Gilles Clément, observar não é apenas olhar mas procurar entender o porquê, seja de uma cor ou de um movimento, mesmo que para isso seja necessário aprofundar os próprios conhecimentos botânicos dentre outros.

Esta é a complexidade do ofício do jardineiro: observar atentamente as plantas, saber interpretar suas características e comportamento a fim de utilizá-las corretamente e, sobretudo mantê-las vivas. Isso exige, resumidamente, uma boa base de conhecimentos científicos e técnicos a partir da qual o jardineiro possa começar sua prática onde, com o tempo, desenvolverá a sensibilidade e sabedoria que só o contato prolongado e contínuo com as plantas proporciona. A isto soma-se a capacidade criativa, seja para desenhar uma forma ou orientar um movimento. Isto significa, enfim, que ao lado do paisagista, o jardineiro não é somente um executor, mas sim um co-criador. Afinal, é ele quem mantém vivo o jardim e o seu sentido, isto é, as mensagens que ele contém.

4 RETRATO JARDINEIRO

No capítulo anterior, explicamos, através do olhar jardineiro presente nos paisagistas Burle Marx e Gilles Clément, como a dinâmica da vida, existente no jardim, torna o trabalho jardineiro um ofício complexo. Neste capítulo, através dos próprios jardineiros, procuramos desvendar **o que é preciso para ser um jardineiro e o que significa ser um jardineiro**, explicitando a história por trás de seu olhar. Segundo Cauquelin (2005), o jardim revela o jardineiro que o fez como se fosse sua autobiografia ou auto-retrato. Com base nisto, acreditamos que, ao falar de seu ofício e, portanto, de sua relação com o jardim, ele revela características suficientes a partir das quais podemos traçar o seu retrato, isto é, um quadro que permita compreender suas peculiaridades.

Para tanto, entrevistamos um grupo de jardineiros que trabalham no Sítio Burle Marx, em Barra de Guaratiba – Rio de Janeiro. Segundo Bauer e Gaskell (2008), a escolha de “respondentes” deve considerar “todas as informações acessíveis anteriores à investigação” para então “enfocar categorias específicas de entrevistados que pareçam ser particularmente interessantes”. Nós consideramos três informações principais: (1) o Brasil não possui uma tradição de formação de jardineiros - o que existem são iniciativas pontuais; (2) em Recife, o jardineiro não faz parte do quadro de funcionários da prefeitura e isso dificulta a identificação e acesso a um grupo expressivo desses profissionais na cidade; (3) conforme o referencial teórico, a sabedoria do jardineiro relaciona-se com o tempo de experiência que ele possui.

Em contrapartida, os jardineiros do sítio tiveram uma formação singular graças ao convívio com Burle Marx, às condições de aprendizado que ele proporcionou aos mesmos e, também, em virtude da especificidade do sítio - um patrimônio nacional. Além disto, eles constituem um grupo em atuação numericamente expressivo, cuja maioria possui mais de 30 anos de experiência profissional. Desta forma, ao selecioná-los, foi possível constituir um “corpus de pesquisa” - coleção de dados para análise - relevante e homogêneo como recomendam Bauer e Gaskell (2008). Em seguida, essas entrevistas foram analisadas à luz das técnicas de codificação e categorização própria da análise de conteúdo de Bardin (2009).

No total, foram entrevistados 11 profissionais, 10 jardineiros e um motorista: o senhor Delci que, apesar de não praticar a jardinagem diretamente, se familiarizou com o ofício e aprendeu a “sentir o que a planta sente⁹⁸” como ele mesmo afirma. É importante destacar que, antes de ser doado ao Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN), em 1985, o sítio

⁹⁸ Informação verbal, coletada pela autora em 09 de outubro de 2017.

já abrigava a coleção de plantas de Burle Marx, tendo a conservação de diferentes espécies como um objetivo, mas também funcionava como um viveiro que fornecia matéria prima para a execução de projetos paisagísticos. Sendo assim, ao longo da análise que segue, quando nos referimos ao trabalho dos jardineiros no sítio, estamos falando não somente da atual manutenção deste espaço, mas também da atuação dos mesmos junto à Burle Marx desde a década de 70, o que inclui diversas atividades no sítio e fora deste: executando projetos, realizando manutenção de jardins, coletando plantas, etc.

Do grupo dos entrevistados, além do Delci (figura 8), mais seis dos jardineiros – Carlos (figura 9) , Elias (figura 10), Sinval (figura 11), José Eli (figura 12), Paulo (figura 13) e Aldir - trabalham há mais de trinta anos no sítio. Quando esse foi doado para o governo, eles passaram a ser servidores do IPHAN. A seguir, apresentamos alguns destes profissionais utilizando imagens dos vídeos do Projeto Memória Amiga desenvolvido pelo Sítio Roberto Burle Marx e cujo conteúdo foi disponibilizado para esta pesquisa.



Figura 8 – Delci

Fonte: Acervo do Sítio Roberto Burle Marx



Figura 9 – Carlos

Fonte: Acervo do Sítio Roberto Burle Marx



Figura 10 – Elias

Fonte: Acervo do Sítio Roberto Burle Marx



Figura 11 – José Eli

Fonte: Acervo do Sítio Roberto Burle Marx



Figura 12 – Sinval
Fonte: Acervo do Sítio Roberto Burle Marx



Figura 13 – Paulo
Fonte: Acervo do Sítio Roberto Burle Marx

Além destes, os outros três jardineiros entrevistados - José Romeu, Jorge e Alan - são profissionais terceirizados, vinculados a uma empresa de jardinagem contratada mais recentemente pelo IPHAN. Os dois primeiros também possuem mais de trinta anos de experiência (no sítio e em outros lugares) enquanto o terceiro possui nove (no sítio). Finalmente, o grupo de entrevistados ainda inclui o jardineiro já aposentado, Pedro (figura 13). Ele afirma ter trabalhado 12 anos no sítio (entre 1969 e 1981) onde adquiriu a maior parte de sua experiência antes de se aposentar, pouco tempo depois, em outra firma de paisagismo. A lista de entrevistados com o tempo de experiência de cada um é apresentada por ordem alfabética na tabela 1.

Jardineiro	Tempo de experiência profissional
Alan	9 anos no sítio
Aldir	34 anos no sítio
Carlos	37 anos no sítio
Delci	46 anos no sítio
Elias	7 anos na lavoura e 48 anos no sítio
Jorge	mais de 30 anos, alguns deles no sítio (pelo menos 5)
José Eli	33 anos no sítio
José Romeu	46 anos, dos quais 20 anos no sítio
Paulo	37 anos no sítio
Pedro	12 anos no sítio e mais alguns anos fora
Sinval	10 anos em uma chácara e 32 anos no sítio

Tabela 1: jardineiros entrevistados e tempo de experiência profissional

O questionário utilizado para a entrevista desses jardineiros consta no apêndice e foi organizado em torno de quatro tópicos estruturadores: 1 - formação; 2 - prática do ofício; 3 - conhecimento específico sobre as plantas e 4 - relação com o ofício. Também foi solicitado a todos um conselho orientando quem pretende ser jardineiro. Essa estrutura foi trabalhada com menos ou mais perguntas conforme a desenvoltura do entrevistado e sua familiaridade com o tema. Além dos tópicos mencionados, outros três apareceram com frequência durante a realização das entrevistas: Burle Marx (suas realizações e personalidade), o Sítio (sua história, funcionamento etc.) e as expedições para coleta de plantas na mata. Assim, o material coletado oferece subsídio para a compreensão tanto do jardineiro, em geral, quanto do jardineiro que conviveu com Burle Marx no Sítio, em particular, como veremos.

Conforme Bardin (2009), a entrevista é “um método de investigação específico” onde o pesquisador trabalha com “uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa - o entrevistado - orchestra mais ou menos à sua vontade” e, portanto, onde a “subjectividade está muito presente” (op.cit., p.89). Isso confere à entrevista uma riqueza singular que poderia se perder em uma análise de conteúdo clássica que, em linhas gerais, privilegia “a repetição de frequências dos temas com todas as entrevistas juntas” (op.cit.). Para preservar essa riqueza Bardin (op.cit.) propõe que as entrevistas sejam analisadas em dois níveis: um de “decifração estrutural” - centrada em cada entrevista, procurando compreender sua lógica, estrutura e temas - e outro de “transversalidade temática”, isto é, de comparação entre as entrevistas de onde poderão ser feitas relativizações, sínteses etc.

Respeitando essa sequência, analisamos as 11 entrevistas individualmente, identificando os principais temas⁹⁹ abordados nas mesmas. Ao comparar as análises individuais, observamos que os temas mais recorrentes giravam em torno de oito eixos

⁹⁹ Temas específicos relativos as ideias centrais apresentadas por cada entrevistado, por exemplo:

Contexto de vida ao iniciarem a carreira de jardineiro: necessidade financeira, situação familiar, apoio da família; o aprendizado do ofício: como aprenderam, com quem, em quanto tempo; a importância da prática para o aprendizado da jardinagem; diferentes atividades realizadas: manutenção de jardins, execução de projetos, decoração; o convívio com Burle Marx e com os jardineiros encarregados: a importância deste convívio, a relação com os colegas de trabalho; a personalidade de Burle Marx: seus gostos e exigências; história e funções do Sítio: sementeira, coleção de plantas, escola de jardinagem; expedições realizadas: como eram feitas e sua importância; a relação com a natureza: como se sentem e porque gostam; as qualidades da natureza: a beleza, os benefícios; técnicas de jardinagem: adubo, irrigação, poda, plantio, transplante, limpeza; dificuldades do ofício; as necessidades das plantas; a fragilidade das plantas; características de espécies vegetais específicas; o clima; o plantio; a linguagem das plantas; a importância de saber observar; o amor ao trabalho e à natureza; realização profissional: os frutos do trabalho (um meio de vida e de bem-estar); competências que o jardineiro precisa ter: sensibilidade, carinho; como pensam a respeito da natureza e da própria vida: preocupações com o crescimento acelerado das cidades, críticas ao comportamento humano em relação aos recursos naturais; importância da consciência ambiental ou ecológica; preocupação com a conservação da natureza etc. No total, identificamos 528 temas específicos – em média 48 por entrevista - que foram agrupados nas oito categorias da tabela 2.

principais presentes em todas, ou quase todas as entrevistas e que, por isso, adotamos como categorias para análise transversal, isto é, do conjunto de entrevistas. Na tabela 2 a seguir, constam as oito categorias estabelecidas, bem como o percentual de temas pertencente a essas categorias conforme a entrevista. Para efeito de visualização, os três maiores percentuais a cada entrevista (isto é, a cada coluna da tabela) estão destacados em negrito para efeitos de visualização das categorias com maior expressividade no conjunto estudado.

Categorias	Percentual da categoria / entrevistado										
	C	D	E	JR	S	Pe	JE	Al	Pa	J	A
Trajetória pessoal e relação com o ofício	40.3	18.6	23.8	28.6	31.4	35.6	31.8	55.2	45.2	55.2	40.7
Sabedoria do jardineiro	7.8	7.1	8.3	28.6	13.7	24.4	18.2	24.1	16.1	31.0	33.3
Ensino e aprendizagem do ofício	24.7	15.7	10.7	9.5	9.8	15.6	13.6	13.8	9.7	3.2	14.8
Consciência jardineira	6.5	38.6	16.7	9.5	15.7	6.7	27.3	-	-	6.5	7.4
História e funcionamento do Sítio	11.7	0	21.4	6.3	9.8	2.2	-	-	3.2	-	3.7
A personalidade de Burle Marx	1.3	4.3	9.5	6.3	7.8	2.2	4.5	6.9	6.5	-	-
Realizações e intenções de Burle Marx	6.5	4.3	9.5	11.1	3.9	-	4.5	0	3.2	3.2	-
Detalhes das expedições realizadas por Burle Marx	1.3	11.4	-	-	7.8	13.3	-	-	16.1	-	-

Tabela 2: categorias temáticas de análise e seu percentual na fala dos entrevistados

Legenda: C - Carlos, D - Delci, E - Elias, JR - José Romeu, S - Sinval, Pe - Pedro, JE - José Eli, Al - Aldir, Pa - Paulo, J - Jorge, A - Alan.

Assim, identificamos que as categorias mais expressivas no conjunto de entrevistas realizadas são, por ordem decrescente de percentual médio¹⁰⁰:

- “Trajetória pessoal e relação com o ofício”; presente em todas as 11 entrevistas, com percentual entre 18.2 % e 55.2% e percentual médio de 36.9%.
- “Sabedoria do jardineiro”; presente em todas as entrevistas, com percentual entre 7.8% e 33.3% e percentual médio de 19.3%.
- “Ensino e aprendizagem do ofício”; presente em todas as entrevistas, com percentual entre 13.8% e 24.7% e percentual médio de 12.8%.
- “Consciência jardineira”; presente em 9 entrevistas, com percentual entre 6.5% e 38.6%, e percentual médio de 12.3%.

As categorias “História e funcionamento do Sítio”; “Realizações e intenções de Burle Marx” e “Detalhes das expedições realizadas por Burle Marx” apesar de se destacarem no contexto de

¹⁰⁰ O percentual médio é a soma do percentual de cada entrevista dividido pelo total de entrevistas (11).

algumas entrevistas, não encontraram a mesma expressividade no conjunto. Entendemos que isso se deve ao fato de que os temas dessas categorias foram desenvolvidos espontaneamente pelos entrevistados, sem estímulo da entrevistadora, como também é o caso da categoria “Personalidade de Burle Marx”, a menos expressiva percentualmente, mas que mencionamos por sua relevância na compreensão da relação dos entrevistados com o paisagista.

A expressividade de todas as categorias (em termos percentuais) pode ser observada na tabela 3, abaixo, onde elas foram listadas e numeradas em ordem decrescente, desta vez de acordo com um percentual global¹⁰¹. Quando a categoria não foi contemplada em todas as 11 entrevistas, o percentual indicado é acompanhado, entre parênteses, do número de entrevistados que falam da mesma.

Desta forma, para ordenar categorias com percentuais globais próximos, mas aplicados a um número diferente de entrevistados, consideramos como mais significativa a categoria tratada por mais jardineiros. Assim, chegamos a dois grupos de categorias com maior e menor representatividade quantitativa: o primeiro, corresponde à 77,9 % das ideias centrais, e compreende as categorias de 1 a 4, presentes no discurso de todos os jardineiros, com a exceção da categoria 4 (presente em 9 das entrevistas). O segundo grupo corresponde à 22,1 % das ideias centrais consideradas e compreende as categorias 5 a 8, das quais nenhuma está presente no discurso de todos os entrevistados. Como o conteúdo dessas está sobretudo relacionada com Burle Marx (14,7%) isso se deve, também, ao fato de que cada jardineiro estabeleceu um nível diferente de convivência com o paisagista. O Alan, por exemplo, não chegou a conhecê-lo.

Categorias		% global
GRUPO 1 Ser jardineiro	1. Trajetória profissional e relação com o ofício	33.7 %
	2. Sabedoria do jardineiro	16.7 %
	3. Ensino e aprendizagem do ofício	13.6 %
	4. Consciência jardineira	13.8 % (9)
GRUPO 2 Burle Marx e o sítio	5. A personalidade de Burle Marx	4.9 % (9)
	6. Realizações e intenções de Burle Marx	5.3 % (8)
	7. Sobre o Sítio: história, funções, funcionamento, dificuldades	7.4 % (7)
	8. Detalhes das expedições realizadas por Burle Marx	4.5 % (5)

Tabela 3: categorias temáticas de análise e seu percentual global

¹⁰¹ O percentual global foi calculado de acordo com a quantidade total de temas específicos identificados no conjunto de entrevistas (528). Exemplo: o percentual referente à categoria “sabedoria do jardineiro” (16.7%) significa que dentre os 528 temas específicos, 88 deles estão relacionados à sabedoria do jardineiro.

Podemos dizer que o primeiro grupo de categorias reúne o conteúdo referente ao aprendizado e exercício da jardinagem atrelados à trajetória profissional dos jardineiros e o segundo trata das especificidades deste ofício no Sítio, especialmente na época em que Burle Marx o administrava. Assim, procedemos a análise que se segue em duas etapas, uma por grupo de categorias.

4.1 A VIDA DO JARDINEIRO

Como vimos, o maior percentual das ideias centrais desenvolvidas ao longo das entrevistas (77,9%) foram classificadas conforme as categorias: 1. Trajetória profissional e relação com o ofício; 2. Sabedoria do jardineiro; 3. Ensino e aprendizagem do ofício e 4. Consciência jardineira. Por um lado, essa maior representatividade se justifica no próprio questionário aplicado uma vez que responde aos eixos de questões estabelecidos no mesmo (formação; prática do ofício, conhecimento específico sobre as plantas e relação com o ofício). Por outro lado, ela se deve à presença de assuntos diversos como o “amor à natureza”, o “bem-estar”, a “conservação da natureza” dentre outros, espontaneamente desenvolvidos pelos jardineiros na categoria “Consciência jardineira”. Na tabela 4, relacionamos os eixos de perguntas com as categorias que as respondem, bem como os principais temas presentes em cada uma delas. Nos parágrafos seguintes, expomos o conteúdo que sustenta esses temas e discutimos o que eles revelam do ofício jardineiro.

Eixos de perguntas	Categoria de respostas	Principais temas
> Relação com ofício	1. Trajetória profissional e relação com o ofício	Quando e como começaram a trabalhar como jardineiros, funções que desempenharam e como se realizam através da profissão.
> Prática do ofício > Conhecimento específico sobre as plantas	2. Sabedoria do jardineiro	Diferentes técnicas, cuidados e conhecimentos próprios da jardinagem.
> Formação	3. Ensino e aprendizagem do ofício	Como o ofício foi ensinado, aprendido e como ele continua sendo transmitido.
Ausente (respostas espontâneas: tópicos diversos)	4. Consciência jardineira.	Como os jardineiros pensam a respeito de tópicos diversos: natureza, bem-estar, conservação, progresso material, comportamento humano etc.

Tabela 4: correspondência entre eixos de perguntas e categorias de respostas com seus principais temas.

4.1.1 Trajetória profissional e relação com o ofício

A trajetória profissional dos entrevistados é, de forma geral, linear. A maioria começou a trabalhar com a jardinagem ainda jovem, com idades entre 15 e 26 anos e, gradualmente, se desenvolveram na profissão, somente o mais novo (9,1%), contratado na fase atual do sítio se tornou jardineiro já com 30 anos de idade, ele também é o único que não conheceu Burle Marx. Sete deles (63,6 %) construíram a carreira trabalhando com Burle Marx sem interrupções, dois (18,2 %) começaram como funcionários do paisagista e hoje estão no sítio, mas trabalharam alguns anos em outras empresas de paisagismo ou como autônomo, e um deles (9,1%) se aposentou em outra firma após ter adquirido a maior parte de sua experiência com Burle Marx.

Como motivação para o ofício, cinco jardineiros (45,4%) mencionam a oportunidade de trabalho, dos quais três falaram da necessidade financeira. Um deles afirma, inclusive, que não tinha nenhum interesse por plantas antes de começar a trabalhar com elas. Apenas dois entrevistados (18,2 %) apontam, como motivação inicial, a afinidade pelas plantas ou pela natureza.

E conheci isso aqui por acaso, (...) Eu estava trabalhando assim, avulso, [ouvi dizer] ‘Burle Marx ele dá emprego’; aí eu cheguei aqui. (Elias, informação verbal, 2017)

O que me motivou vir para cá, foi mesmo a situação financeira (...) mas eu nunca me interessei por esse negócio de planta fora daqui não. (Aldir, informação verbal, 2017)

Na época, a família precisava, na verdade, que todos trabalhassem. (Carlos, informação verbal, 2017)

Família grande, aí para gente ajudar em casa, eu e meus irmãos, nós começamos a trabalhar. (Sinval, informação verbal, 2017)

Tive [motivação para trabalhar] porque gosto, até hoje gosto. Gostava de planta, e ainda continuo gostando. (José Romeu, informação verbal, 2017)

Eu não gosto assim, de trabalhar em escritório, lugar fechado, agora, natureza mesmo, eu gosto. (Alan, informação verbal, 2017)

Os demais jardineiros (36,6 %) não explicitam o que os motivaram mas, considerando o perfil geral do grupo de entrevistados - pessoas de áreas predominantemente rurais e com pouca escolaridade - é provável que estes também tenham iniciado o ofício pela oportunidade de trabalho em si, mesmo que outras motivações possam ter colaborado para isso. Dos onze entrevistados, quatro só possuem o ensino fundamental completo, quatro concluíram o 2º grau, dois concluíram o 1º grau e apenas um concluiu o 3º grau.

Quanto ao ingresso no sítio, especificamente, apenas dois dos entrevistados (18,2 %) relataram terem ficado sabendo da disponibilidade do emprego, quatro (36,6 %) não

informaram e os outros cinco (45,4 %) entraram pelo intermédio de algum contato com jardineiros de confiança de Burle Marx (Ataíde, Aride, Evanir), ou por meio de algum familiar que já trabalhava com o paisagista.

(...) meu pai falou com um amigo aí, até já falecido que se aposentou aí, Ataíde, era jardineiro assim, braço direito do homem na época, 'seu Roberto', aí ele me indicou aí, aí meu pai falou com ele, eu consegui. (Paulo, informação verbal, 2017)

O 'seu Aride' e Evanir [falaram]: pode assinar a carteira dele como jardineiro. Aí o Roberto Burle Marx pediu que o Paulinho, Paulo, colocasse na minha carteira: jardineiro. (Pedro, informação verbal, 2017)

(...) minha mãe falou com o pai do meu irmão, que trabalhava aqui há um bom tempo, aí ele conseguiu com 'seu Roberto' que eu viesse para cá. (Aldir, informação verbal, 2017)

(...) eu vim por intermédio do meu pai que já trabalhava com Burle Marx há muito tempo. (...) Burle Marx, como ele via eu e meu irmão sempre pelo sítio nas festas, ele viu a gente crescendo (...). E aí ele convidou a mim e a meu irmão para virmos trabalhar com o meu pai. (Carlos, informação verbal, 2017)

Eu trabalhava numa chácara, meu pai era motorista do Burle Marx, desde setenta e poucos, eu acho, e através dele, eu e meu irmão viemos trabalhar aqui. (Sinval, informação verbal, 2017)

Conforme Delci, casos como o de Carlos e Sinval eram bastante comuns. Ele conta que Burle Marx dava festas de confraternização ao final do ano para todos os funcionários e suas famílias. Assim, ele ficava conhecendo os filhos desses trabalhadores e costumava oferecer a possibilidade de aprender e praticar a jardinagem aos que se interessavam. O próprio Delci teve um filho que se tornou jardineiro desta forma. No trecho a seguir, ele relata como eram essas festas, contando o exemplo de seu filho e mostrando como Burle Marx incentivava e dava suporte aos interessados em se tornar jardineiros.

(...) os filhos das pessoas, ele procurava fazer alguma coisa, se quisesse, se interessasse. Então tem muitos filhos de pessoas antigas, igual a mim e outros mais, que o filho cresceu, não queria mais estudar, foi o caso do meu e outros mais aí, vinha trabalhar aqui. Então aqui poderia aprender, alguns aprendiam, alguns ficavam, alguns saíam. Então eu tenho o mais velho que trabalhou aqui e era muito querido dele, parou de estudar, não quis mais estudar, aí ele veio para cá. Ele procurava assim... ele fazia festa para a gente aqui, de final de ano, e as festas não eram só para a gente, era para a família. (...) então ele via os filhos que ia crescendo. O meu veio para cá, aí veio para cá, ele botou para aprender a lidar com orquídea, comprou livro, ensinava, instruía ele e tal. Botou no orquidário e quem cuidava do orquidário era o pai do Carlinhos, (...), Carlinhos foi um dos filhos que trabalhou aqui, mas foi mais. Aí botou ele para trabalhar com o pai do Carlinhos lá, aí ensinou tudo o que ele sabia sobre orquídea, comprou e deu um livro para ele. Ele tornou-se esperto em orquídea e também ele tem quase que a mesma visão minha e carinho e amor pela planta. (Delci, informação verbal, 2017)

Em síntese, podemos dizer que a trajetória como jardineiro dos entrevistados (com exceção do mais jovem, Alan) se iniciou em um contexto favorável, de forte expansão do

paisagismo marcada pela ampla atuação de Burle Marx (entre os anos 69 e 85). Em outras palavras, eles encontraram não somente oportunidade de trabalho para atender suas necessidades financeiras, mas também uma possibilidade singular de formação (como discutimos no tópico 3.1.3). Como vimos, para alguns esse contexto era inclusive familiar e foi determinante para sua introdução no ofício. Mesmo o Alan, no sítio há nove anos, somente pelo fato de conviver e aprender com jardineiros com mais de 30 anos de experiência, vive uma realidade particular e privilegiada no cenário do paisagismo brasileiro, ainda carente em escolas de jardinagem e bons jardineiros.

Uma vez no sítio, de acordo com suas competências individuais, os entrevistados desenvolveram diversas atividades ao longo do tempo. Na época de Burle Marx, coordenados pelos jardineiros mais experientes, chamados de “encarregados”, eles realizavam, cada qual em sua medida: a manutenção de jardins, principalmente no Rio de Janeiro; a execução de projetos de paisagismo em alguns estados brasileiros; o cultivo e multiplicação de plantas; a venda de plantas; a confecção de arranjos para decoração bem como a construção e manutenção da coleção de plantas, tudo isso no sítio. Além disso, cinco deles participaram das expedições que Burle Marx organizava para coletar plantas na mata. No trecho a seguir, o Delci fala, por exemplo, de sua participação na manutenção e execução de jardins - fazendo o trabalho de irrigação e de entrega de insumos - bem como nas expedições.

Então, quando eu comecei a trabalhar aqui, logo que entrei eu dirigi. A princípio eu dirigia caminhão de água para molhar o jardim, as plantas, jardim e serviço público que ele tinha. Na época tinha muito serviço público de praça, rua, a Av. Brasil, esses trevos de locamento, na época a firma quase que era absoluta nesse ramo e tinha muito serviço. Então eu trabalhava com o caminhão, eu dirigindo e o ajudante devagarzinho ele ia com a borracha molhando. Com pouco tempo me passaram para caminhão grande, aí o caminhão já era para gente fazer entrega, carregar material, é terra, grama. Estava sempre aqui carregando para fora, para ir fazer entrega, viajando com ele, com passar do tempo me puseram para viajar, fazer essas expedições com ele. (Delci, informação verbal, 2017)

Atualmente, sob a coordenação da divisão técnica, eles se dedicam exclusivamente às atividades relativas à manutenção do sítio - seus jardins e coleções - e, pontualmente, à produção de arranjos para eventos que acontecem no mesmo¹⁰². Como o jardineiro Alan iniciou suas atividades em 2008, ele só vivenciou esse segundo momento, quando se especializou em plantas aquáticas. Os outros jardineiros também mencionam a especialidade

¹⁰² Na área do sítio, há uma capela onde costumam acontecer casamentos cuja decoração só pode ser feita com plantas do sítio. Conforme Elias e Sinval, essa é uma medida de segurança para evitar que plantas externas tragam parasitas que ameacem o acervo botânico do sítio. Segundo eles, o uso seguro de espécies externas depende de uma série de procedimentos, como quarentena. Logo, as decorações são feitas por eles com as plantas do sítio.

que adquiriram em algumas plantas pelo tempo de dedicação às mesmas, por exemplo: Carlos, com antúrios e bromélias; Sinval, com filodendros; Pedro e Aldir, com orquídeas e Paulo com as helicônias. Há também, nas entrevistas, relatos que mostram o aperfeiçoamento dos jardineiros em determinadas práticas, por exemplo, as de limpeza e decoração, como explicam José Eli e Sinval, respectivamente.

Eu e meu irmão a gente era mais do campo, fazendo limpeza... E tem outra, a gente entra no mato, fazendo limpeza da mata, a gente tem que saber a planta que a gente pode cortar ou se não. Porque às vezes lá no meio da mata tem planta interessante, que você não pode cortar, alguém falou: - 'deixa isso aí'. Às vezes eu olhava e falava: - essa planta não pode cortar; e nisso nós fomos pegando os macetes (...). (José Eli, informação verbal, 2017)

(...) até hoje, eu e mais o Elias, nós trabalhamos com decoração, toda a decoração aqui do sítio somos nós que fazemos. Faz decoração para casamento, para casa, decora para os lugares fora daqui, faz arranjos florais, faz todo o tipo de arranjos, e eu passei a trabalhar. Eu aprendi a gostar de trabalhar com isso por causa dele [de Burle Marx], porque ele gostava, toda semana, ele gostava da casa sempre enfeitada. Tinham vários pontos da casa que toda semana a gente ia lá e tinha os arranjos já certos para aquele local. E toda a semana tinha que refazer. Aí eu passei a trabalhar com aquilo e passei a gostar. Aprendi a função de decorador e nisso estou até hoje aí, a gente trabalha com isso. (Sinval, informação verbal, 2017)

Quando questionados se gostam do trabalho que fazem, todos afirmam que sim. Para todos, trabalhar com as plantas é gratificante. A maioria deles nem menciona as dificuldades do ofício, mesmo os que o fazem pontualmente (quatro deles - 36, 4%), mostram que estas são irrelevantes diante da satisfação que sentem por serem jardineiros. Dentre os motivos por trás dessa satisfação, os mais recorrentes são o bem-estar e a beleza vivenciados pelo contato com a natureza. Alguns chegam a se referir ao trabalho como diversão ou terapia. Diante disto, podemos dizer que a realização profissional desses jardineiros reside, em boa parte, na própria relação com as plantas. Isso se confirma à medida que demonstram a afetividade que sentem por elas, seja as considerando como membros da família, conversando com elas ou até sofrendo pela morte de alguma espécie, dentre outros exemplos.

Na tabela 5, abaixo, reunimos fragmentos das entrevistas a fim de ilustrar a satisfação que os entrevistados sentem na prática de seu trabalho e a afetividade que desenvolveram em relação às plantas. É notável o “amor” que declaram pelas plantas assim como fazia Burle Marx, o que, de certa forma, evidencia a influência do paisagista na formação destes jardineiros. Além disso, a intimidade que demonstram ter com as mesmas, lembra a situação de imersão na paisagem que, segundo Clément, acontece quando nos relacionamos com a natureza a partir de um sentimento de igualdade, sabendo que somos todos seres vivos, e não de superioridade. As figuras 14 a 23 apresentadas ao lado das citações, são plantas

mencionadas pelos jardineiros com alguma ênfase, por exemplo: por sua especificidade, beleza ou como sendo sua planta preferida, conforme indica a legenda.

	Então eu acho bonito, eu gosto de flor, eu gosto de ver a plantinha crescer, eu já vi muitos antúrios, que eu plantei semente, dar flor, dar novas sementes, isso aí é... você acompanha o ciclo de vida daquele vegetal, eu acho isso aí muito interessante, você plantou, você cuidou, parece uma família, parte da sua família aqueles bichinhos. É isso, eu gosto, gosto muito. (Carlos, informação verbal, 2017) Figura 14 - Ilustração de antúrio (<i>Anthurium andreanum</i>) por Linden (1885). Carlos montou, no sítio, uma coleção com centenas de antúrios. Fonte: http://plantgenera.org/illustration.php?id_illustration=113898&SID=0&mobile=1&code_category_taxon=1&size=0
	(...) O que é recriação? Você quer participar de uma recriação, você junta colegas, amigos, e vai para onde? Para a natureza, para uma sombra, para a beira de um lago, praia (...) você está se envolvendo com a tua origem, criação. (...) a vida do jardineiro é uma recriação constante, diária. É difícil você ver uma casa que não tenha pelo menos uma planta, duas plantas, um passarinho ou um bichinho. (...) os gostos são variados, um gosta de um cachorro, outro gosta de um gato (...) outros já gostam de um um jardim cheio de rosas (...) mas é a natureza, então ele se sente bem.(...) Isso é uma benção para gente, será para você também se você vai lidar com plantas, e um privilégio. Porque vai te dar não somente assim no aspecto físico, a saúde, mas também o desenvolvimento com relação à realidade da vida. (Delci, informação verbal, 2017) Figura 15 - Ilustração de Allamanda por Smith (1890). A semente desta planta impressiona o Delci. Fonte: http://botanicalillustrations.org/illustration.php?id_illustration=4599&mobile=0
 Figura 16 - Ilustração de Palmeira por Köhler (1890). Exemplo de perfeição da natureza para o Elias e a planta preferida de José Romeu. Fonte:	(...) você observa várias coisas, uma palmeira mesmo, você olha para ela e vê como cresce tão reto e tão rápido. Então você olha assim, como é que pode crescer tão rápido e tão alinhado assim no vertical, subindo direto. Aí você olha para você, olha para a natureza.(...)então você olha uma coisa dessa, você pensa assim, como pode, a natureza é perfeita, e você também se torna perfeito, tem que ser perfeito igual a natureza, então é uma coisa gratificante, trabalhar assim, vê como se faz, como você pode crescer, como você pode mudar. (Elias, informação verbal, 2017) (...) eu fico muito chateado quando eu planto uma planta que ela morre, que pode acontecer, isso acontece, como se fosse assim o maior cirurgião não morria nenhum paciente dele né? Morre, mas eu não gosto, eu gosto quando ela vive, vive bonita, e outra coisa, muitos lugares do Rio de Janeiro, vejo plantas que eu plantei, estão adultas, são palmeiras imperiais grandes, ali na lagoa mesmo, tem vários lugares que plantei, até na “Petrobrás”, no próprio “MEC”, passou pela minha mão, ou pela minha ajuda, eu ajudando. E você sente muito bem,você fica triste quando você vê a planta... quando vai fazer uma estrada, ou faz uma obra e arranca aquela planta, eu não gosto. (José Romeu, informação verbal, 2017) http://plantgenera.org/illustration.php?id_illustration=202223&SID=0&mobile=1&code_category_taxon=1&size=0

Tabela 5 - depoimentos sobre a satisfação em ser jardineiro ou relação com as plantas

	Quem gosta, tem amor, tem carinho à planta, que trabalha como isso não... vai estar sempre com aquilo ali. Sempre vai gostar daquele prazer de lidar com plantas. (Sinval, informação verbal, 2017) (...) eu gosto muito desse setor que eu trabalho, a parte de filodendros, eu gosto muito das aráceas. É uma família muito grande, tem uma variedade muito grande de filodendros, é uma das plantas muito... eu gosto muito delas. Eu acho uma planta muito belíssima o filodendro (...) (Sinval, informação verbal, 2017) Figura 17 - Ilustração de filodendro (<i>Philodendron imperiale</i>) por Liepoldt (1879). Este é gênero de plantas preferido do Sinval. Fonte: http://plantgenera.org/illustration.php?id_illustration=202223&SID=0&mobile=1&code_category_taxon=1&size=0
	É muito bonito trabalhar com a natureza, muito bonito mesmo.(...)A pessoa fica triste quando vê uma pessoa arrancando uma árvore, porque se derruba uma árvore grande, numa mata que tem uma árvore grande, ela atinge uma faixa de 20, 30 ou 40 metros na volta dela. Aquelas arvorezinhas pequenas quebram tudo. (Pedro, informação verbal, 2017) (...) já imaginou um flamboyant de um lado branquinho do outro vermelho, coisa mais linda, muito bonito mesmo. (Pedro, informação verbal, 2017) Figura 18 - Ilustração da flor do flamboyant por Hoola van Nooten (1880). Árvore que o Pedro considera muito bonita. Fonte: http://plantgenera.org/illustration.php?id_illustration=36184&SID=buss4vqj6str28cni4rmlldr16&mobile=1&code_category_taxon=9&size=0
	(...) planta eu gosto de todas porque eu olho para a planta assim, cada planta você vê diferente, cada planta você vê uma cor, cada planta você sente um perfume diferente. Tem outras que nem perfume você sente, mas ela tem o perfume dela. Então eu acho que todas as plantas tem que ser bem visualizadas. (José Eli, informação verbal, 2017) Figura 19 - Aguapé, planta aquática (<i>Eichhornia crassipes</i>) por Martius (1824). José Eli não tem planta preferida mas explica que, observando uma planta aquática, podemos ver como ela libera o oxigênio, isto é, nos dá a vida e, por isso, merece nosso carinho. Fonte: http://plantgenera.org/illustration.php?id_illustration=28726&SID=0&mobile=1&code_category_taxon=1&size=0
	(...) tem algumas plantas que às vezes você prefere mais, que você está sempre de olho nela, que você gosta mais, mas assim um jardim, isso aí não tenho preferência. (...) uma que eu gosto muito é a amaranto, está sempre com flor, gosto também de umas bromélias que dão uns cachinhos vermelhos. (...) chamam mais atenção. Agora não tem comparação com a orquídea, a orquídea é 100% (...) lá em casa, minha esposa gosta muito de planta também, então fiz um ripadinho que tem lá, tem bastante orquídea lá, tem bastante coisa, tem bastante plantinha lá para se divertir também. (Aldir, informação verbal, 2017) Figura 20 - Ilustração de orquídea (<i>Pescatorea Lehmanni</i>) por Fitch (1882). Para Aldir, orquídea é a flor mais bonita. Fonte: https://www.panteek.com/Warner/pages/WNR141-551.htm

Continuação da Tabela 5 - depoimentos sobre a satisfação em ser jardineiro ou relação com as plantas

	[No trabalho, gosto de] tudo, porque planta, o verde, é coisa maravilhosa, as flores... tem que ser com carinho, senão fica difícil. (Paulo, informação verbal, 2017) [Ver o que plantou florindo] é legal, a gente sente renovado de ver, é muito bom. (Paulo informação verbal, 2017) Figura 21 - Ilustração da flor do sol da bolívia (<i>Brownea grandiceps</i>) por Houtte (1850). Paulo gosta muito de flores e destaca esta, em especial, a qual plantou no sítio e , segundo ele, deu grandes flores muito bonitas. Fonte: http://plantgenera.org/illustration.php?id_illustration=51734&SID=buss4vqj6str28cni4rmlldr16&mobile=1&code_category_taxon=9&size=0
	Eu adoro jardim, mexer com planta. (...) eu sinto feliz, eu tenho muito em casa, acendo a luz, cuidando de noite. (...) até de noite, rego elas, fico molhando elas, dou uma aguinha nelas. (...) o que eu gosto mais é molhar, (...) se não molhar dois dias, no outro dia ela já está sentindo, toda mortinha... aí eu converso com elas, converso com elas e tudo. (...) eu fico mais leve conversando com ela. (Jorge, informação verbal, 2017) Figura 22 - Ilustração de helicônia feita por Margaret Mee (1924). A helicônia é a logomarca do sítio. Ao representar o sítio, essa figura ilustra sua diversidade e o gosto de Jorge que, segundo ele, gosta de todas as plantas. Fonte: https://www.doaks.org/resources/online-exhibits/margaret-mee/the-paintings/4
	(...) o sentimento [de ver um jardim que executou] é o melhor do mundo, é uma conquista, a pessoa passa ali e admira - que bonito; gostando de tirar foto dali e você está cuidando é gratificante. (Alan) Figura 23 - Ilustração de alocásia por Linden (1886). Esta é a planta preferida do Alan, a que lhe desperta mais atenção. Fonte: http://plantgenera.org/illustration.php?id_illustration=113922&SID=0&mobile=1&code_category_taxon=1&size=0

Continuação da tabela 5 - depoimentos sobre a satisfação em ser jardineiro ou relação com as plantas

4.1.2 Sabedoria do jardineiro

Na medida em que são estimulados a falar sobre a prática cotidiana do ofício e também sobre as plantas, além de pontuarem as ações básicas para manutenção cotidiana de um jardim (como irrigação, limpeza e adubação), eles ocasionalmente descrevem, mais detalhadamente, outras técnicas necessárias (como poda, manejo durante o plantio e transplante) dentre outras. Em todo caso, eles enfatizam a importância do cuidado com as plantas, tanto no sentido de fazer o que é necessário com atenção, quanto no sentido de tratá-las com zelo e carinho. Assim, a sabedoria do jardineiro é, aos poucos, revelada como a habilidade de executar as técnicas de jardinagem com o cuidado que as plantas - enquanto seres vivos - necessitam.

A fim de explicitar o conhecimento que sustenta essa sabedoria, construímos, a partir de trechos dos relatos dos entrevistados, um passo a passo resumido com os principais estágios de um jardim (concepção, execução e manutenção). Ele é composto por quatro recomendações: ter visão de paisagista; plantar adequadamente; fazer a manutenção básica e observar para manter. Ao longo deste, se duas citações de um mesmo entrevistado são apresentados em sequência, mas de forma independente, é porque originalmente encontram-se em uma ordem diferente da que estão apresentados aqui.

a. Ter visão de paisagista

Essa etapa consiste, basicamente, em pensar e escolher espécies vegetais que possam se desenvolver no espaço onde o jardim será criado e, respeitando suas necessidades, (como de sol, ou sombra) combiná-las de acordo com os critérios de composição (como a relação entre as alturas) definidos em projeto. Em síntese, como diz Jorge, para o jardim ficar bonito “tem que pensar”. E para isso, o conhecimento das plantas utilizadas (características, necessidades e comportamento) é elementar, como explicam Carlos e Sinval.

Primeiro você precisa **ter uma visão de paisagista**, se você vai plantar tem que **saber onde vai plantar e o que está plantando**, porque tudo que é planta cresce ou pelo menos você precisa saber se cresce ou não. Então, do momento que você tem a curiosidade de saber como aquilo ali vai ficar, **conhecer a planta, não a muda, mas a planta adulta**, você já vai ter um bom trabalho, sabe o que está plantando, sabe que o lugar é adequado e você não vai estar fazendo besteira. (Carlos, informação verbal, 2017, grifo nosso)

Eu tenho uma muda, eu vou plantar essa muda aqui como paisagista, então **eu preciso saber se essa muda que eu estou plantando se ela é apropriada para aquele espaço, se ela vai florir, se ela vai criar uma copa grande, o que eu vou poder plantar embaixo da copa dela**. Se ela for uma árvore, por exemplo, se tiver a copa muito grande, eu tenho que saber onde ela vai estar e saber que embaixo dela eu só vou poder colocar coisa de sombra, isso tudo você tem que ter essa visão, você

tem que conhecer antes de você plantar. (Carlos, informação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) vamos supor, um jardim é essa frente aqui toda, tem uma parede, você não pode colocar uma planta mais baixa lá no fundo, **você tem sempre que posicionar**, tem que vir sempre do mais alto para o mais baixo (...). Esse tipo de coisa, é uma coisa que você com tempo, com experiência, você aprende e o conhecimento da planta que você vai usar, é o principal. **Você tem que conhecer a planta que você vai usar, se é uma planta de sol, se é uma planta de sombra, uma planta que resiste mais**, tem plantas que são resistentes, de catinga, de cerrado, tem vários tipos de planta. Esse é o principal, você **ter o conhecimento da planta que você vai usar, pesquisar ela para você fazer um projeto, para saber qual planta que você tem que usar ali**. (Sinval, informação verbal, 2017, grifo nosso)

b. Plantar adequadamente

Uma vez definidas quais plantas serão utilizadas no jardim e onde elas serão posicionadas, para que se desenvolvam sem problemas, o seu plantio deve ser feito na época favorável, com o devido manejo e de acordo com a particularidade de cada espécie (como covas de altura compatível com a sua raiz). Carlos ressalta a importância da época certa de plantio (mudança do viveiro para o jardim) e descreve detalhadamente como é o manejo adequado, enquanto Paulo dá exemplos da profundidade correta para diferentes raízes.

(...) você não pode mudar a planta de lugar numa época de frio, você tem que esperar o verão, uma época adequada para mudança. (Carlos, informação verbal, 2017)

(...) quando a muda está no pote, ou alguma coisa assim, você não pode pensar em aproveitar aquele pote plástico, aquilo ali você já perdeu. Muita gente pensa que aquilo ali você vai aproveitar e começa a bater para tirar a planta. Você não pode fazer isso, você tem que tirar o fundo daquela planta, faz a cova, põe ao lado aquele pote sem fundo, quando a cova estiver pronta, que você preparou e colocou substrato no fundo, está direitinho, você leva aquele pote dentro da cova, mede a altura, se não tiver bom você completa ou tira substrato dali de dentro, depois você vem com uma faquinha na lateral dele e corta as duas laterais, com isso aquele pote já não existe mais segurando aquela terra. Você tirou o fundo, ela já apoiou lá no substrato, você cortou as duas laterais, você tira o pote sem a planta sentir, quando você vem com a terra ao lado, a planta não percebeu nem que ela foi mudada de lugar. (...) Quer dizer, você não colocou ela em risco momento algum, porque você teve esse cuidado de plantar, isso aí é fundamental, seja uma planta rara ou não. Você está plantando, então você quer que pegue. (Carlos, informação verbal, 2017)

(...) a bananeira não pode plantar raso, quando ela nasce, a muda, ela já nasce cá em cima, aí tem que plantar ela funda, uns 35 centímetros. Já essas plantas, helicônias, não pode plantar muito funda, tem que ser mais ou menos assim, 20 centímetros (...) (Paulo, informação verbal, 2017)

c. Fazer manutenção básica

Uma vez executado, o desenvolvimento do jardim e sua durabilidade ao longo dos anos dependem da manutenção básica que consiste, de maneira geral, na realização regular de tarefas de limpeza, irrigação e adubação respeitando-se uma boa frequência, horário adequado etc. Esses cuidados são exemplificados pelas falas a seguir e ensinam como

respeitar a natureza: observando a época adequada para a execução de cada gesto, dependendo do clima, da temperatura, da peculiaridade de cada planta e, sobretudo, tratando-a com a atenção e o carinho que os seres vivos merecem.

(...) a gente lembra sempre do cuidado que a gente tem que ter, (...) o cuidado na hora de irrigar, você não pode irrigar uma planta a qualquer hora, (...) essas coisas assim, tipo de adubação, o solo você tem que tratar ele de tempo em tempo, você precisa adubar mas você não pode adubar também toda hora, comida demais também não é bom (...). (Carlos)

A gente sabe, tem que molhar elas, tem que tratar delas, tem que limpar, tem que tirar o 'lixozinho' delas, não precisa tirar as folhas secas porque as folhas é de estrume mesmo, não pode tirar toda não porque aquilo ali refresca ela também. (Jorge)

(...) planta não pode assim limpar ela e mexer com ela não, mexer numa terra, no torrão dela não, no lugar onde ela está plantada, se não ela sente. Tem que ir limpando devagarzinho, cavando a terra, para trocar terra tem que ir cavando e coroando, bota outra terra nova para elas, com folha embaixo. Com esse tempo agora tem que molhar ela quase todo dia, muito seco, calor danado. (Jorge)

A hora melhor de molhar planta é de cinco horas para diante da tarde. (...) vem a fresca da noite, permanece o jardim molhado, tudo úmido. (Pedro)

(...) a rega assim, no caso, aqui é feita dia de segunda, quarta e sexta, (...) a não ser que a planta seja uma planta replantada a pouco tempo, aí você tem que regar mais um pouco, ou então, se tiver muito quente, às vezes. Praticamente está molhando todo dia agora, por causa desse tempo, está muito seco, mas o certo mesmo é segunda, quarta e sexta. E a adubação, geralmente é de três em três meses, depende... (Aldir)

(...) essencial é a terra, a adubação, porque se não... sempre a terra, hoje em dia os pés estão muito fracos, se não tiver sempre preparando ela com adubo, com folhagem, não vai pegar. Porque tem planta que tem que ser mais 'pegada', outras tem que ser menos, de acordo. (Aldir)

Sai daqui, vai buscar estrume, esterco, para misturar com a terra, fazer compostagem, essa coisa toda, isso tudo também nós temos que aprender. (José Eli)

(...) a gente faz isso aqui, bota composto de folhagem, que você está vendo aqui e tem que botar uma terra boa, estrumada, estrume também. (Paulo)

d. Observar constantemente

Além das tarefas básicas mencionadas anteriormente, a manutenção completa do jardim consiste em realizar tarefas eventuais (tais como poda, tratamento de alguma doença, eliminação de parasita, mudança de lugar) segundo as necessidades específicas das plantas. E para perceber o que cada espécie vegetal necessita, em suas diferentes fases, é preciso observá-las e interpretar seu comportamento. Segundo o Delci, com atenção é possível compreender o que a “natureza fala” e perceber como ela sente os cuidados que recebe, ou a ausência deles. Já o Jorge e o Aldir dão exemplos de necessidades que podem ser percebidas ao longo da vida de uma planta e o que fazer. Para o Alan, a planta revela suas dificuldades e preferências da mesma forma que uma pessoa. Isto demonstra a capacidade de ensinar que a

natureza possui, como afirma Clément, e também Burle Marx que a ela atribui “um sem número de lições”. Em contrapartida, demonstra também a sensibilidade do olhar jardineiro que sabe compreender a linguagem da natureza e responder às suas necessidades:

(...) a gente às vezes ouve falar, a natureza fala, **se a gente prestar atenção a gente ouve**, é nesse sentido assim, porque claro, ela não fala, **mas você entende**, você sente, porque ela vai sofrer, ela vai sentir a tua ausência, mesmo que você não cuide dela e outra pessoa cuide, e vai cuidar diferente, depois você volta você vai ver que ela sentiu a diferença, não é a mesma. Se a pessoa cuidar igual você cuidou, você não vai ver muita diferença (...). (Delci, informação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) [a planta] vai ter o comportamento dela, ela vai evoluir ou não, **aí você está vendo**. Se foi bem, não foi, você coloca um adubo, coloca alguma coisa para ver se ela reage. Você nunca pode... por exemplo, uma planta está fraquíssima, se você botar adubo nela quando ela está muito fraca você pode matar ela, você tem que esperar ela recuperar. (José Romeu)

(...) qualquer parasita que tiver nela, tirar. Parasita, porque vem também borboleta para botar lagarta, você tem que eliminar, **podar se houver necessidade. Porque tem muita planta que aceita poda**, palmeira não aceita poda, é só mesmo a folha que secar que você tem que tirar. (...) A mesma coisa a bromélia, a bromélia você não pode tirar muita folha dela. (José Romeu informação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) se for uma planta de sol e **você colocar na sombra e tu ver que ela está começando a aniquilar a não desenvolver**, **aí você tem que voltar ela para uma área mais aberta**, mais sol, também o contrário, você conhece pela planta, ela vai perdendo a cor, ficando aniquilada aí você sabe. (Aldir, informação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) **é observar plantas que estão ficando doentes**. (...) com o dia a dia você vai aprendendo, **igual uma pessoa, você vai vendo**: se ela está com dificuldade de crescer, vai secando as folhas muito; se ela é planta de sol, pouco sol ou é só de sombra; planta que tem que receber muita água, tem planta que já não gosta de muita água; se é formiga, pragas que estão atacando (...). (Alan, informação verbal, 2017, grifo nosso)

As ações de **manutenção básica** e específica, de acordo com as necessidades percebidas através da **observação constante**, são essenciais para que o desenvolvimento vegetal permaneça ao longo do tempo, cíclica e indefinidamente. Em outras palavras, é através da manutenção que o jardim continua a ser criado um dia após o outro. A seguir, organizamos uma tabela sintética com os principais cuidados mencionados ao longo das entrevistas (tabela 6). Para isso, consideramos tanto os exemplos que se repetiram no relato da maioria dos jardineiros, quanto os que foram trazidos pontualmente por um ou dois dos entrevistados dentro da temática tratada. Junto a cada grupo de atividades (plantio ou manutenção) bem como dos subgrupos da manutenção (acompanhamento; irrigação, adubação e limpeza) é informado o número de entrevistados que falam sobre o assunto. Conhecer as características das plantas e observar as plantas são as atitudes destacadas pela

maioria deles (9 e 6 respectivamente). Podemos dizer que as recomendações pontuais são exemplos da aplicação dessas duas atitudes principais em situações específicas.

Atividade	Cuidados
Plantio Presente na fala de todos entrevistados	Conhecer as características das plantas
	Saber se a planta é de sol ou de sombra
	Conhecer como é a planta adulta (porte, copa, floração)
	Plantar em lugares onde as espécies possam se adaptar e desenvolver bem
	Saber a época certa de plantar cada espécie
	Manejar a muda adequadamente ao transferi-la do vaso para o solo
	Cavar cova com altura compatível com a raiz da planta
	Deixar a planta respirar, não plantar muito próxima umas das outras
	Saber posicionar as plantas no jardim
	Pensar quais plantas vai usar, e como, para o jardim ficar bonito
Manutenção Presente na fala de todos os entrevistados	Acompanhamento do desenvolvimento das plantas - presente na fala de 9 jardineiros (81.8 %):
	Observar as plantas - elas dão sinais do que precisam
	Podar quando necessário, conforme a planta
	Eliminar parasitas, por exemplo lagartas
	Tratar eventuais doenças
	Produzir mudas para reposição de espécies que morrerem
	Transplantar em estação favorável
	"Desmamar ¹⁰³ " as espécies que precisam antes de transplantá-las
	Irrigação - Presente na fala de 7 jardineiros (63.3%):
	Irigar no horário adequado
	Redobrar atenção à frequência de irrigação durante o verão
	Adubação - Presente na fala de 7 jardineiros (63.3%):
	Adubar com frequência adequada
	Escolher um bom adubo
	Aprender a fazer compostagem
	Limpeza - Presente na fala de 6 jardineiros (54.5%):
	Saber a função das plantas antes de arrancar
	Saber a planta que pode cortar
	Não tirar todas folhas secas pois elas refrescam a planta

Tabela 6 - Principais cuidados de plantio ou manutenção

Diante do exposto, podemos dizer que os cuidados dos jardineiros se organizam em dois grupos principais de atividades: as de plantio e as de manutenção. Os cuidados relativos

¹⁰³ “(...) desmamar que a gente fala é você cortar em volta dela [da planta] assim, fica aquele torrão e deixa a raiz pegar força de novo, vai molhando (...) quando vê que ela está com força aí retira ela com cuidado para poder plantar em outro lugar.” (Alan)

ao plantio, em síntese, giram em torno do respeito às características das plantas. Isso significa, essencialmente, saber fazer escolhas - por exemplo do lugar e da época de plantio - a fim de proporcionar as melhores condições para o desenvolvimento vegetal e, conseqüentemente, para a vida do jardim tal como foi pensado. Sendo importante lembrar que, como afirma Burle Marx (2004), quanto mais coerente com as possibilidades compositivas que as plantas oferecem, mais fácil e menos onerosa será a manutenção do jardim. E esta coerência depende, justamente, do conhecimento das espécies utilizadas.

Como sintetiza Elias, para que a natureza responda aos cuidados e intenções do jardineiro, é preciso “aprender a trabalhar com ela, não adianta você querer ir de peito (...) porque cada planta tem seu lugar perfeito de ficar, tem sua maneira de crescer, sua maneira de florescer”. Como vimos, para Gilles Clément, ser jardineiro é, justamente, fazer o máximo possível com a natureza e o mínimo possível contra ela, isto é, explorando as possibilidades que respeitam ao máximo as características e comportamento intrínsecos de cada planta e ser vivo. Diante disto, compreendemos que a arte do jardineiro reside neste saber orientar a natureza permanecendo coerente com a vida que a anima.

4.1.3 Ensino e aprendizagem do ofício

A maioria dos entrevistados aprendeu a jardinagem no próprio sítio (54,5 %). Somente um deles (9,1 %) graças ao tempo que trabalhou em uma chácara (dos doze aos vinte anos), e como afirma, “já tinha uma noção de conhecimento, de como multiplicar, de trabalhar, o que é planta de sol, o que é planta de sombra” (Sinval). Outros três (27,3 %) tinham alguma familiaridade com o meio por terem trabalhado na agricultura, mas somente um deles considera a experiência de cultivo similar a de jardinagem, como diz: “eu trabalhava com meu pai na lavoura, é quase a mesma coisa, só que aqui é flor e lá é aipim, banana... já tinha mais ou menos uma noção” (Paulo). Os outros dois já apontam diferenças que perceberam, evidenciando que a jardinagem exige conhecimentos específicos que ainda não possuíam, tal como saber a função das plantas na natureza e a maneira correta de cuidar das mesmas: com atenção e delicadeza.

(...) eu trabalho aqui no Burle Marx desde 74, quando comecei a trabalhar aqui não conhecia nada disso aí, isso para mim era estranho, planta. Eu vim do interior, lá do noroeste do estado do Rio, onde a gente sabia só preservar alimento. (...). Então, para mim, isso era tudo mato. **Agora, chegando aqui, depois que eu conheci o Burle Marx, aí, aprendi que não, que tudo tem a sua serventia, a natureza ela é perfeita e cada lugar que existe uma planta, ela está ali não é à toa, é para fazer a composição da natureza.** Até uma erva-daninha que hoje eu olho para ela e se eu tiver de arrancar eu vou ver primeiro porque que eu tenho que arrancar ela. Porque talvez ela esteja ali para escorar o solo, que está descendo, então a natureza te ensina, eu aprendi muito com Burle Marx, depois que eu vim trabalhar aqui. (Elias, informação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) eu já tinha intimidade já com planta, capinar, plantar laranja, eu já tinha uma ‘intimidadezinha’ já. Aí reforçou mais aqui, que aí ele [Burle Marx] já jogou a gente para outro tipo de esquema de coisa que nós tivemos que prestar mais atenção e ficar mais moldado nas coisas mais certas. **São coisas finas, parece que é, mas não é coisa bruta, é coisa delicada, lidar com planta é mais delicado.** Tem que saber plantar ela, tem que saber a posição dela, tem que saber se é de sol ou se é de sombra. (José Eli, informação verbal, 2017, grifo nosso)

Por fim, o motorista Delci (9,1 % dos entrevistados), que já havia experiência conduzindo veículos em outras áreas, também adquiriu conhecimento próprio da jardinagem no sítio em razão do seu trabalho conduzindo caminhões para a irrigação de jardins, para a coleta e transporte de plantas entre outros materiais para execução de jardim, etc.

As entrevistas revelam que o conhecimento da jardinagem é adquirido, em um primeiro momento, pela convivência com jardineiros mais experientes. O entrevistado mais jovem, Alan, destaca o convívio com alguns dos demais entrevistados - seus colegas de trabalho há mais tempo no sítio: “a gente entra aqui, aí encontra sempre com um jardineiro que já tem experiência para poder aprender a manusear as plantas, como plantar e ela não

morrer, transferir planta de um lugar para o outro, cuidar”. Os demais entrevistados, há mais de 30 anos na profissão, já destacam o convívio direto que puderam ter com Burle Marx e seus jardineiros de confiança - os encarregados (como Evanir, Pesalmo, Ailton e Ataíde). A maioria deles iniciou como ajudante, ou servente, desses encarregados até aprenderem o básico para serem classificados, efetivamente, como jardineiros (como explica José Romeu) e, então, continuar o aprendizado gradual do ofício ao longo da prática e de acordo com seu próprio interesse, como o exemplo do Elias. Mesmo o Sinval que, devido seus conhecimentos prévios, foi contratado já como jardineiro, começou aprendendo novas habilidades com o responsável pelo seu setor (Ataíde), no caso, a de decorador.

Aprendi [a jardinagem] foi aqui mesmo, porque quem me classificou foi o Evanir de Souza, eu tinha seis meses de casa ele me classificou como jardineiro, tinha bons jardineiros aqui, tinha o senhor Pesalmo, tinha o Ailton Pereira, tinha mais outros. (José Romeu, informação verbal, 2017)

Aí eu comecei a trabalhar, mas também, não sabia nada, era servente, auxiliar, aí fui trabalhando (...).Então trabalhei muito nessa área assim de manutenção (...). Aí vim aqui pro sítio os sábados e comecei a me interessar. Ele [Burle Marx] era uma pessoa que gostava de ensinar, então um dia eu perguntei aqui o nome de umas plantas, ele falou assim: - eu estou gostando de você, você é interessado. (Elias, informação verbal, 2017)

(...) como eu já tinha já uma noção de planta (...). Aí eu já entrei direto para essa coleção aqui a “Graziela Barroso”, que era o senhor Ataíde, que hoje ele é falecido, que ele era o responsável aqui e eu comecei a trabalhar com ele. Eu comecei a trabalhar com ele e ele era muito próximo do Burle Marx, que ele trabalhava com decoração, ele que era o decorador aqui do sítio. Eu, por trabalhar com ele, comecei também a me interessar por trabalhar com decoração. (Sinval, informação verbal, 2017)

Porém, esse conhecimento adquirido na convivência só é realmente aprendido quando praticado de forma interessada ao longo do tempo e transformado em habilidades e experiência, como expõe alguns jardineiros:

Você pega uma planta e cava, você não tem experiência, você vai plantar do teu jeito, às vezes você vai enterrar demais, às vezes você vai deixar muito solto, às vezes você vai botar em uma área que não é ‘coisa’, você já tendo alguém que já tem experiência para te dar umas dicas, rapidinho você pega. E o negócio também é você praticar, não adianta também só papelzinho, isso aí você só vai ter o papel, mas experiência mesmo... (Aldir, informação verbal, 2017)

É prática, aprendemos trabalhando. (José Romeu, informação verbal, 2017)

(...) a habilidade você aprende no dia a dia mesmo, até a gente... todo mundo tem falha, mas é no dia a dia mesmo que você aprende. (Alan, informação verbal, 2017)

(...) isso, você trabalhando, você praticando, você aprende, com o tempo, isso tudo é tempo, você vai praticando, você vai trabalhando no dia a dia, você vai aprendendo. (Sinval, informação verbal, 2017)

(...) se você fizer só por fazer, você não aprendeu. Se você fizer querendo melhorar você vai aprender, porque você quer ver os melhores resultados. (Carlos informação verbal, 2017)

De forma resumida, podemos dizer que o processo de ensino e aprendizado se define por três etapas principais: 1) orientação, em que os jardineiros mais experientes explicam aos mais jovens como fazer diferentes tarefas; 2) prática, através da qual os jardineiros em formação executam suas tarefas de acordo com as instruções que receberam e 3) fiscalização, que consiste na verificação do trabalho dos aprendizes e, quando necessário, é seguida de uma reorientação visando o aprimoramento de prática futura. Além disso, a própria prática dos jardineiros mais experientes é um conjunto de exemplos que constitui uma fonte de conhecimento para os demais que os observam. A observação, por seu turno, seja desses exemplos ou do comportamento da natureza é, depois da prática, a forma de aprendizado mencionada por mais entrevistados. Na tabela 7, apresentamos o percentual de entrevistados que menciona explicitamente cada uma dessas principais formas de ensino e de aprendizado. Sendo importante destacar que elas se relacionam e assim, mesmo que alguma delas não seja apontada diretamente por algum jardineiro, a entendemos como parte de sua formação em algum nível.

	Formas de aprendizado e ensino	% de entrevistados
Ensino	Orientação	90.9
	Fiscalização	45.4
	Exemplo	45.4
Aprendizado	Prática	81.8
	Observação	45.4

Tabela 7 - percentual de entrevistas que menciona cada forma de aprendizado e ensino

A seguir, apresentamos uma citação do jardineiro Elias que, ao descrever como era o dia-a-dia do sítio na época de Burle Marx, ilustra as etapas de orientação e fiscalização.

(...) você chegava aqui vinte para as sete, ele [Burle Marx] já tinha andado este sítio todo, já estava pronto, chamava os encarregados, que era Ataíde, Manuelino, Jaime. Chamava e dizia - eu quero que faça isso, você pega o pessoal, você faz aquilo, você faz isso. Então os encarregados pegavam o pessoal e iam fazer o serviço. Ele, nove horas, mudava a roupa, entrava no carro dele e ia para Laranjeira ou lá no Leme, era o escritório no Leme, depois passou para Laranjeira, vinha do escritório dele esses projetos, aí tinha os projetos e tal. Cinco horas ele chegava aqui, ou seis horas dependendo, novamente ele rodava o sítio todinho e aí ia ver se estava bom ou não. (...) as tarefas, se não tivessem sido feitas ou se tivesse e ele não gostasse, no outro dia ele mandava: - tem que mudar isso, não gostei, está assim. Que ele era muito exigente (...). (Elias, informação verbal, 2017)

Segundo Carlos, às vezes Burle Marx escolhia um setor específico do sítio, por exemplo o que ele trabalhava “e ficava ali uma hora, uma hora e meia, orientando, dizendo como fazer, às vezes [dizendo] até nome dos antúrios, dizendo o local melhor, mais sombra menos sombra, essa coisa toda, os cuidados.” E ao longo do dia, outras orientações e o acompanhamento da prática eram realizadas pelos encarregados, como destaca Sinval lembrando que esses, além de Burle Marx, também eram essenciais na transmissão do ofício.

(...) mas nós aprendemos mais foi com as pessoas que já trabalhavam com ele, no meu caso, eu aprendi mais com o encarregado, com a pessoa que já trabalhava aqui, que a minha convivência diária era com essa pessoa, eu aprendi mais com ele, algumas coisas eu aprendi com Burle Marx, é óbvio, parte de decoração (...) tinha que ser do jeito dele, se você não fizesse daquele jeito ele reclamava, eu aprendi muita coisa com ele. (Sinval, informação verbal, 2017)

Atualmente, o Carlos, por fazer parte da divisão técnica, tem a responsabilidade de orientar e fiscalizar os jardineiros terceirizados. Dentre os entrevistados, embora todos compartilhem o conhecimento adquirido, ele é o único que possui essa função e seu depoimento esclarece que a transmissão do ofício continua sendo feita pela convivência direta. Ele afirma que busca repassar os conhecimentos que adquiriu de forma similar à que adquiriu a fim de compartilhar a consciência que aprendeu com Burle Marx: a importância de se valorizar e amar a natureza. É desta maneira que a técnica dos jardineiros do sítio vem sendo preservada. Na citação seguinte ele explica como ensina a plantar uma muda deixando evidente, mais uma vez, as etapas de orientação, prática e fiscalização seguida, no caso, de uma reorientação. É interessante notar o zelo que ele demonstra ter pelos aprendizes no esforço de lhes transmitir o carinho pelas plantas.

(...) você tira a muda do saquinho, ela foi plantada de semente, ela cresceu e precisa ir para o solo, você dá uma pessoa para plantar, eu escolho. Se eu tenho uma única muda, eu mesmo planto, não é por não confiar em ninguém, é porque eu tenho certeza de que eu vou plantar da melhor maneira possível. Agora se eu quero passar para uma pessoa, vou pegar um grupo de plantas que eu tenho bastante e vou ver se o cara sabe plantar, aí eu levo lá nele, e vejo. Eu vou orientá-lo... a primeira ele planta sozinho, observo, mas não critico, a segunda eu peço para ajudá-lo então eu mostro como eu plantaria e aí ele vai perceber onde foi que ele errou na que ele plantou, ele vai ver que a planta sofreu menos, que o torrão não quebrou com facilidade, que aquela forma está mais correta do que a dele. Sem falar que ele estava errado eu mostro para ele que a outra forma é melhor, e ele acaba fazendo igual a mim, ele aprendeu. (Carlos, informação verbal, 2017)

Enquanto a orientação e a fiscalização são formas diretas de ensino, pelas quais todos jardineiros passam, podemos dizer que o exemplo é uma forma indireta, assimilada somente pelos aprendizes que realmente se interessam. O exemplo mencionado por mais entrevistados é a dedicação do Burle Marx. Alguns jardineiros afirmam que, ao ver seu interesse e amor

pelas plantas, sentiram-se tocados a aprender como cuidar bem das mesmas e também desenvolveram carinho por elas. Os relatos nesse sentido evidenciam que os jardineiros que conviveram com Burle Marx, além do aprendizado técnico, adquiriram uma nova consciência da natureza e da responsabilidade pela mesma. Em outras palavras, Burle Marx foi um exemplo de relação com a natureza que contribuiu para a formação da mentalidade de seus funcionários os quais, por compreender a importância do que fazem, se realizam como jardineiros e vêem beleza na profissão. Nas citações a seguir, mostramos algumas características de Burle Marx que marcaram os entrevistados e contribuíram para sua compreensão da natureza.

A gente fazia as expedições com ele, o cara [Burle Marx] ficava louco, qualquer coisa que a gente achava de diferente, era uma felicidade imensa, você via o amor, o carinho que ele tinha, em pegar aquela coisa. Numa mata imensa ele achou uma muda, coitada daquilo ali, como uma última. Poderia, de repente era a última mesmo. Só essa preocupação de achar que é a última e trazer para preservar isso aí já... o cara tem que gostar muito para fazer. Só em se preocupar em fazer estudos, essas coisas todas para poder trazer. Então com isso a gente foi vendo e aprendendo a dar valor. (Carlos, informação verbal, 2017)

(...) a gente aprende muito com a convivência com a pessoa, às vezes. Talvez você optou, eu não sei, mas talvez você optou por esse tipo de formação, às vezes por tendência natural, dom natural, mas vamos que às vezes você nem imaginava e você agora convive com uma pessoa e você vê como a pessoa valoriza aquilo, como a pessoa ama aquilo, como a pessoa se entrega aquilo e a gente às vezes acaba entendendo aquilo que nem imaginava entender. Que é o valor da natureza, a importância da natureza, o benefício da natureza (...). (Delci informação verbal, 2017)

Eu aprendi muito com ele, eu aprendi a sentir também o que natureza sente. (Delci informação verbal, 2017)

O senhor Roberto era a tal pessoa, igual ele dizia, ele gostava disso, onde ele passava, ele via, ele apanhava [coletava], ele chegava aqui, olhava, ele cuidava, ele chegava ali plantava, ele mandava você plantar aqui hoje, amanhã ele estava ali olhando, depois passava, podia passar cinco anos, ele lembrava (...) não esquecia: - 'aquela planta que eu te dei tal dia?' Então você aprende que a natureza, é uma coisa que você tem que gostar. (...) A natureza você tem que trabalhar com ela igual o senhor Roberto trabalhava, sempre trabalhando com carinho (...). (Elias informação verbal, 2017)

Por fim, como principal forma de aprendizado, identificamos a observação em dois sentidos. Primeiro, no sentido da prática coerente com o conhecimento adquirido, seja através de orientações diretas ou das eventuais correções recebidas durante a fiscalização do trabalho, isto é, observando - que nesse caso significa respeitando - o cuidado necessário para a boa execução das técnicas de jardinagem e adequado desenvolvimento das plantas. Conhecer as características das plantas antes usá-las é um exemplo do resultado desse tipo de observação com finalidade prática. O segundo sentido trata-se do gesto de olhar atentamente para

conhecer e compreender. Esse sentido engloba o primeiro, mas é mais amplo e inclui o aprender uma forma de pensar, como os jardineiros que desenvolveram o amor pela natureza observando Burle Marx, e aprender através de uma reflexão própria, por exemplo, observando o comportamento da natureza e formulando reflexões sobre isso. Cada jardineiro demonstra ter desenvolvido a observação mais em um ou outro sentido, o Delci é o que mais destaca quantas lições de vida - fruto de sua reflexão - aprendeu com a natureza, como no exemplo a seguir.

É fator de mente mais aberta, que a questão é parar, olhar, meditar, aquilo ali vai sensibilizar, uma planta florida, ou se abrindo, vai estar começando aquilo ali, se você parar para ficar olhando aquilo ali, você vai meditando. Você vê umas certas sementes depois delas abertas, como é que as sementes se acasalam ali dentro até ela abrir. Às vezes a semente é pequena, depois que ela se abre sai uma imensidão de sementes lá de dentro, protegidas, por pele, a alamandra, se você ver a semente de alamandra como ela é, você fica maravilhado, como é que pode, ela se fecha e depois que ela se abre você tira uma, tira outra, tira uma infinidade que ela é acasalada, isso tudo... tem que parar para analisar isso aí. Porque que uma flor está ali soltando um perfume, para que? Para ela? Porque ela está ali enfeitando a beira do caminho, a beira do mato? Então tudo isso traz lição. É onde a gente... vamos supor, uma planta está lá no meio do mato, dando flor, dando semente, florindo, dando perfume e aquele perfume, aquela beleza, lá no teu jardim, ah! É diferente? É diferente. Você não vai lá no mato, alguém foi lá e trouxe para cá e hoje está lá no teu jardim. Então e se a gente fosse uma flor no jardim de cada um? No jardim da vida... Então são coisas que a gente aprende, é infelizmente o que, na escola, às vezes não é visto, claro, isto é questão de experiência, questão de convívio, e às vezes não precisa ninguém, outra pessoa falar, transmitir é só a pessoa ser sensível. A sensibilidade, porque? Porque a faculdade da mente ela age te dando sabedoria, entendimento, então é maravilhoso, a natureza é maravilhosa (Delci, informação verbal, 2017)

Resumindo, o ensino e aprendizagem do ofício jardineiro é resultado de uma contínua troca de conhecimentos e prática desenvolvida ao longo do tempo e a partir da capacidade de observação de quem está aprendendo. Burle Marx, ao falar das excursões que empreendia para conhecer as plantas “in loco” afirma que “se aprende, em um dia de campo, muito mais que em um mês de pesquisas e leituras” (op.cit., 2004, p. 166). Pela análise que fizemos, acreditamos que o mesmo também é válido para a jardinagem, apreendida tanto mais quanto é praticada. E dependendo do nível de observação adotado ao longo desta prática, o aprendizado adquirido extrapola o campo da profissão e se reflete na forma que o jardineiro pensa a respeito de diversos temas, como a natureza e a própria vida. No próximo tópico - Consciência jardineira - falaremos especificamente sobre a forma de pensar que os jardineiros desenvolveram em virtude do ofício.

4.1.4 Consciência jardineira

Como dito anteriormente, ao longo das entrevistas, alguns jardineiros espontaneamente aprofundaram seus relatos sobre determinados temas e revelaram um pouco da mentalidade que construíram em virtude do trabalho com as plantas. Apenas dois deles, mais tímidos, se limitaram às perguntas feitas e discorreram pouco sobre os assuntos. Dentre os temas tratados, destaca-se o amor à natureza em torno do qual são tecidas, sobretudo, compreensões a respeito da vida e do comportamento humano conforme expomos neste tópico.

Segundo Jorge, “gostar de planta é gostar da vida da gente, planta é vida da gente” e quem não gosta de plantas precisa apenas “conversar com elas” para começar a gostar. Afinal, “a natureza fala, transmite sem palavras, mas se a gente for sensível e prestar atenção, ela vai chorar se você não cuidar dela” (Delci) e “quando a gente passa a entender a planta a gente passa a gostar” (Carlos). Se para “ouvir” as plantas é preciso sensibilidade, para entendê-las é preciso observar, por exemplo, como o José Eli para o qual a natureza é uma expressão da vontade divina.

Olha só, tem uma planta aqui que **ela te explica certinho o porque você tem que tratar ela com carinho**, porque você tem que saber trabalhar com ela. **Porque ela que nos dá o seu oxigênio**. E tem uma planta aqui que você tira ela, pega uma vasilha de vidro que dê para você enxergar, você coloca ela ali e você fica observando, ela solta oxigênio pela raiz dentro da água, aquelas bolinhas de água que vai saindo é o oxigênio que ela está soltando para nós respirar, e assim são as outras que a gente não consegue ver. Agora essas, aquáticas, você vê direitinho a bolinha de oxigênio saindo da raiz, ela ‘apanha’ em cima e solta por baixo o oxigênio, interessante. Então isso aí, a pessoa que tem uma mente mais aberta observa o que Deus manda a gente fazer, observa porque Deus avisa: isso aqui tem que tratar com carinho, isso aí é a sua vida. Eu entendo assim, não sei os outros, se entendem de maneira diferente. (José Eli, informação verbal, 2017, grifo nosso)

Além de sustentar a nossa vida biologicamente, segundo Elias, as plantas também nos ensinam a viver uns com os outros:

Lá na natureza, elas próprias [as plantas] se incubem de cuidar da outra, que o ser humano, nós somos individualistas, a natureza não. A natureza, ela cresce uma árvore frondosa, embaixo tem um monte de plantinhas, tranquilo. Já nós não, nós somos seres humanos, eu cresço lá, mas aqui embaixo de mim eu não quero ninguém não, eu piso em todo mundo, para mim chegar no topo eu saio pisando, certo? **Mas a natureza não, ela é perfeita, então a gente, nós seres humanos, é que temos que aprender a lidar com a natureza, aprender com a natureza como viver**. (Elias, informação verbal, 2017, grifo nosso)

Nesse mesmo sentido, Delci explica que quanto mais compreendemos o “valor da natureza” e nos dedicamos a ela com amor, também nos tornamos “muito mais sensível às necessidades

do próprio ser humano” e questiona: “se a gente ama a natureza, não vai amar o próximo? Para que eu vou te fazer mal? Com que fundamento eu vou fazer mal a você que igual a mim é uma obra prima da natureza?” Pedro, ao comentar sobre um crime¹⁰⁴ que estava sendo noticiado na semana da entrevista, lamenta a fatalidade afirmando que “quem trabalha com a natureza não pode pensar ruim, de jeito nenhum”. Essas declarações estão em profunda ressonância com Burle Marx (2004, p.75) quando ele afirma que o jardim “é um exemplo da coexistência pacífica das várias espécies, lugar de respeito pela natureza e pelo outro, pelo diferente: jardim é, em suma, um instrumento de prazer e um meio de educação”.

Essas compreensões da natureza são também resultantes da consciência do benefício direto que os jardineiros sentem ao trabalhar com as plantas tanto no sentido físico, de usufruírem do frescor e do ar puro proporcionado pela vegetação - “benefício de saúde, de vida, de oxigênio” (Delci) -, mas também no sentido estético, de poderem presenciar através dos todos os sentidos a beleza das plantas crescendo, frutificando, florescendo. Como bem traduz Rosario Assunto, os jardineiros têm uma experiência estética da paisagem através de sensações físicas diversas que os aproximam da natureza.

Visão, audição, e cheiro, e sabores e tacto: **a contemplação da natureza, quando nos encontramos numa paisagem, é identificação de todo nosso ser**, sem distinção entre espírito e corpo: porque a fruição da alma, desinteressada, é aqui uma espécie de juízo que tem por tema não só a paisagem como tal, por aquilo que nela se pode assimilar a uma obra de arte, mas também **as sensações físicas do nosso estar na paisagem, do nosso viver da natureza que se apresenta à contemplação como a paisagem da qual somos parte, porque a vivemos enquanto nela nos encontramos**, e o nosso estar na paisagem é todo um com o nosso viver a paisagem e viver da paisagem, viver da natureza que é a paisagem. **Contemplação que é também prazer físico pelo ar que respiramos.** (ASSUNTO, in SERRÃO, 2011, p.368, grifo nosso)

Muitos deles, inclusive, consideram-se participantes da experiência que vivenciam e sentem-se gratificados por isso, certos de que fizeram um bom trabalho. As citações a seguir exemplificam essa sensação de comunhão com natureza, de partilha da vida e a satisfação de poder usufruir da mesma.

(...) o clima, o ar, é bem melhor estar aqui, igual a gente está aqui dentro do sítio, do que fora daqui. (...) parece que você está mais dentro da natureza aqui dentro do que fora. (Aldir, informação verbal, 2017)

(...) o Burle Marx [seu terreno], ele era dos dois lados, aqui e do outro lado ali, aí tinha uma planta rara que ele plantou do lado de lá, aqui não tinha, aí na época eu fiz a muda lá e trouxe para cá, aí plantei ali. (...) Aí deu flor esse ano, tem que ver

¹⁰⁴ Na semana da entrevista, estava sendo noticiado um incêndio criminoso provocado por um homem em uma creche no estado de Minas Gerais, morreram várias crianças.

que flor, que coisa linda, o nome dela é sol da bolívia, dá um florzão assim, linda, tem a rosa e tem a vermelha. (Paulo, nformação verbal, 2017)

Nós plantamos, ela sobreviveu, cresceu, sobreviveu e ela está florindo, quer coisa mais bonita? Eu acho muito legal, eu gosto demais. (Carlos, nformação verbal, 2017)

(...) o beneficiado é a gente (...) uma comparação, se você acorda de mau humor, não está legal, não acordou bem e tal, você sai do lado de fora e dá de cara com uma rosa ali, dá de cara com uma planta. Ela está ali cheirosa, florida, para ela? Não, é para você, é para mim. (Delci, nformação verbal, 2017)

Paralelamente, ao lado das vantagens de se estabelecer uma relação com a natureza baseada no amor, os jardineiros apontam a ganância do ser humano como uma das principais ameaças à natureza. Conforme seus depoimentos, o progresso, atrelado privilegiadamente ao desenvolvimento econômico e material, é incompatível com a conservação dos recursos naturais. Delci pensa que quando compreendemos que somos natureza, aprendemos a amá-la e valorizá-la mas, infelizmente, isso é algo difícil de se ver atualmente. José Romeu afirma que, ao focar excessivamente no “dinheiro”, as pessoas perdem a sensibilidade. O Elias inclusive duvida que o sítio resista por muito tempo à essa “ganância”, ele pensa que a natureza precisa de pessoas como Burle Marx.

Eu não sei o que está acontecendo com o ser humano hoje que o importante dele é o dinheiro, ele nunca vai sentir uma planta bonita, ele não está esquentando [não quer saber] se a planta está bonita, feia, para ele tanto faz. (José Romeu, nformação verbal, 2017)

Eu, sinceramente, acho que isso aqui [o sítio] não vai durar muito tempo não, porque a ganância do ser humano é muita. A natureza você tem que trabalhar com ela igual o senhor Roberto trabalhava, sempre trabalhando com carinho e hoje o ser humano pensa muito em dinheiro, ele já não pensava nisso, porque o que ele fazia era para gastar aqui. Tem até uma entrevista com ele, uma pessoa perguntou a ele, ele falou assim - vocês gostam de ouro, mas minhas plantas gostam de merda. Porque é um alimento para as plantas, o estrume, para adubar as plantas. (...) Um homem igual ao senhor Roberto, não é endeusando ele não, porque ninguém aqui nessa terra é Deus, mas deveria viver um tempo mais longo. Para melhorar e tal essas coisas. Porque a natureza precisa disso. (Elias, nformação verbal, 2017)

Para o Sinval, a urbanização acelerada, caracterizada por uma densidade construída muito maior do que a de áreas livres e vegetadas, os jardins, é um reflexo direto do modelo econômico vigente que está “visando muito obras” enquanto “paisagem e jardim está ficando de lado”(Sinval). Como exemplo, ele menciona que a “especulação imobiliária está tomando conta desta região toda, [de Guaratiba, e que], se esse sítio não tivesse sido doado (...) isso aqui não existiria mais, já teria acabado, provavelmente”. E neste contexto, ele acredita que o jardineiro é muito importante para a conservação (da natureza, do patrimônio do sítio) e precisa ser mais valorizado pelas pessoas. Suas palavras, apresentadas a seguir, mostram e

reforçam a importância de se reconhecer o jardineiro como recomenda a Carta de Juiz de Fora (2010).

(...) é muito importante o trabalho que eu faço, é que nem eu falei para você, tem pessoas que não valorizam a importância do jardineiro. O jardineiro é muito importante, para a conservação disso aqui, se não houvesse o jardineiro? Isso aqui não existiria mais, acho importantíssimo. Só que teria que ser mais valorizado, infelizmente algumas pessoas não valorizam, não dão a importância devida ao trabalho que a gente faz, que acham que é um trabalho qualquer, trabalho braçal, que trabalha com enxada com outros tipos de ferramenta e não valoriza da forma como devia ser valorizado.(...) eu acho que a pessoa, que as pessoas em geral, de outras áreas, deveriam valorizar mais o jardineiro, principalmente aqui, nessa área que a gente trabalha aqui. Um órgão importantíssimo, uma área conhecidíssima, o Sítio Roberto Burle Marx... (Sinval, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

A propósito, valorizar os jardineiros, é um dos objetivos dessa pesquisa o qual pretendemos alcançar, justamente, compartilhando o que vem a ser essa “consciência jardineira”. Diante do exposto, podemos dizer que a entendemos como a percepção da inter-relação entre tudo o que vive e nos reúne - homens, plantas e outros seres vivos - em uma mesma e única natureza. Podemos dizer, inclusive, que ela se aproxima da visão ecológica de Gilles Clément onde o papel do jardineiro é, sobretudo, trabalhar em prol da vida agindo localmente, mas pensando globalmente. No caso dos entrevistados, entendemos que eles reconhecem a amplitude de seus gestos por saberem que estão contribuindo não só para um jardim, mas para a própria vida como um todo, afinal

(...) o que a gente puder fazer para incentivar o outro a ter, assim, uma visão mais ampla da natureza, o melhor que a gente faz é isso, porque quanto mais destruir a natureza, mais destruindo nós, a gente mesmo, a gente está. (Delci, nformação verbal, 2017)

Por fim, queremos destacar que todos os jardineiros consideram essencial gostar da natureza para trabalhar com ela e, como vimos, essa relação afetiva é desenvolvida em virtude de um conhecimento profundo das plantas - suas características, comportamento e o porquê dos mesmos - ou seja, ao longo do tempo o qual é fundamental para a formação de uma “consciência jardineira”: fruto da prática contínua mas, sobretudo, da sensibilidade que decorre da mesma e permite a elaboração de reflexões mais profundas como as aqui expostas.

4.2 BURLE MARX E O SÍTIO: A VALORIZAÇÃO DO JARDINEIRO

A especificidade do contexto de formação dos entrevistados está associada às particularidades do próprio sítio e, especialmente à convivência com Burle Marx. Lembrando que esses temas correspondem à 22, 1% das ideias centrais identificadas no conjunto de entrevistas, entendemos que os mesmos constituem campos de investigação que podem ser mais explorados em pesquisas futuras. Nesta pesquisa, e especificamente neste tópico, procuramos ressaltar a importância que eles tiveram na trajetória dos jardineiros.

Os relatos sobre o sítio reúnem informações sobre suas diferentes funções, dificuldades, dentre outras a partir das quais é possível vislumbrar um breve histórico do mesmo. Inicialmente adquirido para abrigar a coleção de plantas de Burle Marx, ele também foi viveiro de espécies para uso no paisagismo e se tornou um patrimônio nacional com objetivo de conservar a nossa flora. Como participantes ativos desta história, os jardineiros usufruíram de uma sólida infraestrutura para a sua formação e desenvolvimento profissional e, o que é mais importante, vivenciaram as múltiplas etapas de um projeto de paisagismo: desde o cultivo de plantas à execução de jardins e sua manutenção visando a conservação. Consideramos que essa vivência foi essencial para que eles pudessem desenvolver a consciência da amplitude de suas atitudes e, conseqüentemente, o amor à natureza que tanto mencionam.

Já os depoimentos sobre Burle Marx, revelam a admiração dos jardineiros pelo o que ele realizou bem como por sua personalidade forte e amigável. Dentre suas realizações mais mencionadas, figuram: projetos de paisagismo, as expedições para coleta de plantas, a coleção de plantas que reuniu no sítio, o próprio sítio, a pintura, e a formação dos jardineiros que trabalharam com ele. Além da orientação direta que transmitia, ele propiciava aos seus funcionários a oportunidade de fazer cursos, como explica Elias:

(...) no começo da fundação teve uns cursos aí que nós fizemos, eu também fiz, tenho o diploma lá em casa, de paisagismo que ele colocava para gente cada dia mais.” (...) Ele trazia as pessoas qualificadas para isso, para vir, falar, conversar, dar aulas, essas coisas, explicar. Às vezes até pessoas que trabalhavam, no escritório dele mesmo, já com isso há muito tempo, projeto e essas coisas, então ele fazia tudo isso. (Elias, nformação verbal, 2017)

Aliás, uma das intenções que Burle Marx manifestou, mas não chegou a concretizar, foi a de estruturar a escola de jardinagem que acontecia no Sítio para ampliá-la e continuar formando jardineiros, bem como para proporcionar um ambiente de pesquisa científica voltada à preservação da nossa flora. Segundo Carlos, algumas salas de aula até foram construídas, mas

precisaram ser utilizadas para abrigar o que hoje é a parte administrativa do sítio. Mesmo assim, ele lembra que no sítio chegaram a se formar alguns jardineiros:

Sei que ele queria muito a escola de jardinagem aqui, era o sonho dele. Porque na verdade a escola já existia, só que existia para os funcionários dele, que ele ensinou a todos, ninguém veio para cá já sabendo trabalhar, ninguém veio para cá jardineiro, todos se fizeram jardineiros aqui, trabalhando com ele.. (Carlos, nformação verbal, 2017)

Quanto a personalidade de Burle Marx, são recorrentes as menções ao rigor que ele exigia na execução das tarefas que solicitava, mas também ao seu “grande coração” e “simplicidade”. Ele mantinha uma grande aproximação com todos seus funcionários, exemplo disso são as festas que realizava no final de todo ano para confraternizar com todos, inclusive suas famílias.

(...) ele fazia festa para a gente aqui, de final de ano, e as festas não eram só para a gente, era para a família. Então, ele familiarizava com a nossa família, vinha esposa, vinha filho, ele dava presente para a esposa, dava presente para os filhos, ele viajava ele trazia... nas festas ele fazia sorteio de coisas boas, eletrodoméstico, coisas boas, era uma festa! (Delci, informação verbal, 2017)

Outra ocasião em que o paisagista demonstrava essa aproximação com os jardineiros era durante as expedições para coleta de plantas. Segundo os entrevistados, ele tratava todos funcionários como amigos, sem distinção. Sinval compartilha um exemplo disto:

(...) pessoas influentes, pessoas de dinheiro que viajavam com ele, ia para o restaurante, mandavam o garçom separar a mesa, para sentar junto com ele, ele [dizia] - ‘não, quero todo mundo aqui com meus amigos’. Mandava juntar aquele monte de mesa, sentava todo mundo junto, ele, a ‘peãozada’, pessoal que caía no mato, não tinha, não fazia distinção. (Sinval, nformação verbal, 2017)

Para Paulo, a forma como era tratado por Burle Marx era inclusive uma motivação para ele desenvolver melhor seu trabalho:

(...) fomos para Bahia, uma porção de canto aí para coletar planta na época do Burle Marx, era muito bom, ele era alegre, fazia as brincadeiras dele, ele tratou a gente legal, bem, é o que dava força a gente tratar melhor até do jardim, a vida dele era isso aqui, na verdade. (Paulo, nformação verbal, 2017)

Diante disto, entendemos que a importância maior da convivência dos entrevistados com Burle Marx foi a de se sentirem valorizados enquanto jardineiros. Ao encontrar no paisagista tanto exemplo, incentivo e subsídios para aprenderem a jardinagem, quanto reconhecimento pelo aprendizado e trabalho desenvolvidos, eles puderam descobrir a beleza da própria profissão e motivações para realizá-la com cada vez mais dedicação e esmero, e

como dizem, com amor. Carlos menciona um exemplo de como Burle Marx valorizava os jardineiros e os resultados “impressionantes” dessa atitude que formou ótimos profissionais.

Quer dizer, ele ensinava direto para as pessoas, ninguém nenhum jardineiro fez curso de agronomia aqui no sítio e todos são bons agrônomos, na prática, são excelentes. Diferente do profissional formado que não tem a técnica que muitos aqui tem, isso aí é assim uma coisa impressionante. Ele reconhecia isso, tanto é que quando ele fez a doação do sítio, ele fez a doação com uma condição, que alguns funcionários dele ficassem como servidor, para continuar cuidando da coleção, essa foi a condição dele. Eu sou um deles e tem vários outros. Desses profissionais, cinco eram encarregados, eles foram enquadrados como servidores de nível superior no entanto, todos tinham nível fundamental de escolaridade, quer dizer, semianalfabetos mas com conhecimento de 20 e poucos anos com ele, então eram verdadeiros agrônomos e ele reconheceu isso. Então eu acho isso muito bonito, ele ensinava mas ele valorizava, não era - ‘eu ensino porque quero que façam e tudo bem’, não é assim. Ele ensinava e valorizava a pessoa, então você sentia prazer em aprender. (Carlos, nformação verbal, 2017)

Em vista do que foi apresentado, concluímos que o trabalho desenvolvido por Burle Marx, tendo o sítio como principal legado material, também deixou um patrimônio imaterial de inestimável valor: os jardineiros formados em sua escola prática. Eles são essenciais para a conservação do sítio e, se adotados como exemplos, podem contribuir significativamente para a conservação de jardins no Brasil de forma geral. Seu reconhecimento e valorização talvez sejam os primeiros passos na direção da construção de uma escola de jardinagem brasileira sólida e capaz de formar profissionais capacitados para atender as demandas atuais do paisagismo, dentre as quais, a conservação de jardins históricos, como os do próprio Burle Marx em Recife.

4.3 SER JARDINEIRO

Para concluirmos este capítulo, apresentamos as respostas dos jardineiros à seguinte pergunta: “O que você pode dizer pra quem quer começar a praticar a jardinagem e ser um jardineiro? Tem um conselho?”. Escolhemos concluir com estas citações ao perceber que, de maneira geral, ao aconselhar, os jardineiros destacam o que consideram relevante na própria formação. Além disso, esses conselhos retomam praticamente todos os pontos abordados nos tópicos anteriores e, juntamente com eles, serviram de base para a identificação do que entendemos como fundamental na formação de bons jardineiros, por exemplo, o que destacamos nas citações a seguir:

(...) o conselho é procurar saber as coisas, conhecer para poder você... a pessoa quer fazer um jardim em casa, ou então coisa simples em um vasinho, até na internet hoje também tu aprende tudo, até com garrafa pet faz uns jardins dependurados na parede, comprar terra, terra boa, ter a terra boa também é muito bom. (...) **A habilidade você aprende no dia a dia mesmo** (...). (Alan, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) **se dedique mesmo, porque é muito interessante**, muito bom e eu experimentei assim, no caso aqui. Muita gente vem para cá para começar por aqui, **aqui é um lugar muito bom para se começar, tem bastante pessoas antigas que tem muita experiência**, não falo nem de mim, tem pessoas que tem muita mais tempo do que eu aqui dentro. É uma área muito interessante, muito bom você trabalhar com a natureza. (Aldir, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) se dedicar mesmo, **é procurar as pessoas que sabem, ler um pouco sobre**, porque, tem livros de Burle Marx... **vem pro sítio fazer estágio**, pede à direção, faz um estágio nem que seja voluntário, acho que o pessoal que está aí ainda tem bastante coisa para passar e deve se passar, o que aprendeu com Burle Marx. Porque o que aprendeu com ele, só quem aprendeu para poder passar, então a hora é agora, **aprender e passar para outros**. É um belo trabalho, deve continuar. **Procurar saber como Burle Marx trabalhava e tentar trabalhar como ele trabalhou**. (Carlos, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) o primeiro aspecto é a pessoa **ter consciência da responsabilidade que ele tem com a planta**, outro, ela depende da gente, depende e vai beneficiar, **e você vai amar, porque ela vai te beneficiar em tudo**. (...) Vamos supor, você vai montar uma firma de jardim para ganhar dinheiro, a pessoa tem que ter em mente que é daquela planta que você vai sobreviver (...) Você vai ter que lidar com ela porque ela que vai trazer o rendimento para você, independente do benefício que você vai ter nesse sentido, [há também o] benefício de saúde, de vida, de oxigênio, o benefício que ela vai trazer em si em forma de vida. **Então o ponto prioritário é a pessoa aprender a amar aquilo que faz, o amor é a razão de tudo**. (Delci, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) vai que é muito bonito você trabalhar com a natureza, e procura cada dia mais **estudar sobre a natureza aquilo que você quer conhecer dela, e conhecer da natureza é a coisa mais linda do mundo. Isso é coisa essencial para o ser humano, então é o que eu digo, a pessoa quer ser um jardineiro, vai de braços abertos, com todo o carinho e goste daquilo que está fazendo**, se não gostar, não adianta. (...). Então você tem que gostar da profissão, o jardineiro principalmente, é uma coisa que você tem que lidar com a terra, você tem que se machucar tem hora, e

muitas pessoas não gostam. Mato para eles é... olha assim: - ‘mato, isso aí...’ Mas é uma maravilha. (Elias, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) **a gente tem que ensinar ele a mexer com as plantas, vai indo ele aprende.** (...) para mexer em planta não precisa bicho de sete cabeças não, pega um dia, já ensina um dia, no outro dia ele já está treinado ali para plantar as plantas, limpando as plantas. (Jorge, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) tem que ter força de vontade, **tem que gostar e ter força de vontade**, porque a jardinagem não é muito fácil, depende de esforço físico, depende de você ter o prazer de fazer aquilo, porque você mete a mão na terra, às vezes você pega coisa indesejável: - ‘peguei numa minhoca!’ Isso tudo acontece, **então é ter cuidado, prestar atenção no que está fazendo e gostar de fazer**, porque se você não gostar de fazer, até o médico também faz o serviço errado (...) (José Eli, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) todas as pessoas que for trabalhar com plantas ele **tem que gostar**, porque é a mesma coisa é você trabalhar com animais. Vamos supor, você trabalha como uma criação de galinha, de pintos, você não pode jogar eles no chão. A mesma coisa é a planta, **planta é idêntico a gente, ela sente a mesma dor que você sente também se alguém te jogar no chão, é isso aí. Então a planta, você tem que ter carinho com ela**, tem pessoas que acham que a planta é (...) um monte de pedra. Pedra é que você joga aí no chão. (José Romeu, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) **tem que ensinar como é que planta**, a profundidade (...) depende da planta, se for de raiz mais assim ‘coisa’, você planta mais funda, mas se for planta sensível, que dá assim quase na flor da terra, tem que plantar um pouco raso, tem que ensinar que a pessoa às vezes não conhece aí planta fundo demais, aí morre. (Paulo, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) a pessoa **cuidar bem da natureza**, principalmente na casa dele. Vê uma árvore, vê um pai ou um filho querendo arrancar uma árvore, não deixa arrancar, **plantar mais além de arrancar**, não pode arrancar. (...) **tratar bem a terra**, principalmente a folhagem, não queima a folha, não queima nada em casa, bota tudo na terra, mistura com a terra que a folha com três meses já é um adubo muito bom, melhor que o bovino, muito bom mesmo. É uma maravilha pura. (Pedro, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

(...) **o principal é você gostar, gostar, ter amor ao que você faz.** Pessoa se não gosta, se você não gosta de planta, você trabalha agora mas não vai fazer bem feito, vai fazer de qualquer jeito, não vai dar certo, tem que gostar. **Acho que o principal é amor à planta, você gostar do que faz, se dedicar, dedicação para você aprender.** (Sinval, nformação verbal, 2017, grifo nosso)

Em virtude do que foi discutido até aqui, chegamos ao entendimento de que para se executar e manter um jardim é necessário, em síntese: conhecer as técnicas de jardinagem (plantio, irrigação, adubação etc.) e saber identificar o que cada planta precisa a fim de executar adequadamente essas técnicas. Embora isso possa parecer simples, adquirir autonomia nessas competências demanda um longo tempo de prática interessada e constante estudo, sobretudo, através da observação. Mesmo que, inicialmente, o conhecimento técnico básico seja adquirido por meio de instruções diretas, cursos, livros e afins, o domínio de como executá-las bem só é desenvolvido no campo da experimentação, observando os gestos de profissionais mais experientes, sua própria prática e principalmente, o resultado do que se faz, isto é, como as plantas respondem aos cuidados que estão recebendo. Aliás, a compreensão

da vida vegetal, de seu comportamento - conforme clima, estação, ambiente em que está inserida etc. - é resultado deste exercício contínuo de observação a partir do qual se aprende a perceber e sentir o que cada planta necessita em diferentes momentos.

Baseado nisto, podemos afirmar que para se formar um bom jardineiro, é necessário, basicamente: lhe oferecer acesso a materiais de estudo (livros, cursos e afins); convívio com profissionais mais experientes e, principalmente, condições para que ele pratique o ofício, exercite sua observação e, assim, desenvolva percepção e sensibilidade para compreender as plantas. De forma complementar, para se tornar um bom jardineiro, além do interesse, é preciso dedicar-se à jardinagem por um longo período de tempo. Quanto maior o amor pelo que faz, mais fácil é ter essa dedicação. Todos os entrevistados destacam que para ser jardineiro é preciso, primeiro, amar o ofício. Todavia, entendemos que este amor é mais uma consequência de uma boa prática do que um pré-requisito. O Aldir, por exemplo, não se interessava pela jardinagem e se tornou jardineiro pela necessidade, mas com o tempo ele aprendeu a gostar do que faz.

Na verdade, pela análise feita, percebemos que a afinidade inicial pelas plantas e pela jardinagem favorecem uma boa prática e esta, por sua vez, é a base da relação afetiva que o jardineiro estabelece com seu ofício, com o jardim, com as espécies das quais cuida. O amor ao que fazem é uma consequência da consciência que adquirem a respeito dos benefícios da natureza, de sua importância para a manutenção da vida de forma geral e também para o bem-estar e, sobretudo, consciência dos efeitos de seus gestos sobre a natureza, a qual gera um senso de responsabilidade e, ao mesmo tempo, de satisfação em contribuir para conservação da natureza e todos os benefícios associados a ela: vida, bem-estar, beleza etc. Por fim, chegamos a conclusão de que uma boa prática gera amor ao ofício e consequentemente, todo bom jardineiro ama o que faz porque é consciente do valor da vida que torna as plantas tão parecidas com o ser humano: capazes de sentir e necessitadas de atenção e carinho.

4.4 MANUAL DE BOAS PRÁTICAS JARDINEIRAS

Do tópico 3.1 ao 3.3 desta dissertação, procuramos mostrar o que significa ser jardineiro e descobrimos um artífice dotado de sensibilidade e sabedoria cujas ações são pautadas por um profundo amor e respeito à natureza. Por trás dessas qualidades, identificamos uma formação alicerçada em boas práticas essenciais para a consolidação do conhecimento das técnicas de jardinagem e, principalmente, para o desenvolvimento da afetividade que sustenta todos os gestos do cuidar. Por isso, propomos a seguir, como síntese deste capítulo e contribuição desta pesquisa, um manual de boas práticas jardineiras. As seis atitudes que compõem esse manual concentram os ensinamentos que julgamos mais importantes ao longo da análise dos relatos dos jardineiros.

A. Observar

Observar é essencial para perceber.

- É preciso observar as plantas adultas para perceber quais são suas características (porte, cor, floração), preferências (luminosidade, substrato, umidade) dentre outras variáveis que indicam suas potencialidades para o uso paisagístico e o que necessitam para se desenvolver.
- É preciso observar o comportamento das plantas, se estão crescendo normalmente, se estão com folhas amareladas, se estão murchas ou vistosas etc., para perceber o que necessitam: adubação, poda, mudar de local ou outro cuidado específico.
- É preciso observar a temperatura a cada estação, o aspecto do solo, para perceber a necessidade de regular a frequências de irrigação.

Esses são alguns exemplos da aplicação da observação que, em síntese, deve estar sempre presente na prática do jardineiro. Inclusive, a observação dos gestos de jardineiros mais experientes é uma importante forma de aprendizado da jardinagem.

B. Trabalhar com boa vontade

A boa execução das técnicas de jardinagem é resultado de uma capacitação adquirida sobretudo ao longo da própria prática, ou seja, após aplicá-la repetidas vezes. Por isso, depois de perceber o que o jardim precisa, o jardineiro deve realizar seu trabalho com boa vontade, isto é, com o comprometimento de fazer o melhor que pode sempre buscando se aperfeiçoar. Uma maneira de alcançar este aperfeiçoamento é, mais uma vez, observando

os resultados do que fez e procurando perceber o que não funcionou e o que funcionou a fim de dominar a execução correta das técnicas de jardinagem.

C. Ter delicadeza na execução dos gestos

Ter delicadeza na execução dos gestos significa saber que a planta é um ser vivo sensível. Portanto, o jardineiro precisa estar sempre atento em como a trata para evitar que ela sofra. Em outras palavras, isso significa ter o cuidado de garantir as melhores condições de vida para a planta, por exemplo: preservar o torrão das mudas quando for plantá-las; plantá-las em locais coerentes com suas necessidades específicas de espaço, luz e umidade; irrigar nos horários adequados (manhã e fim de tarde) para que as folhas não queimem; respeitar os períodos favoráveis à poda e adubação de cada espécie etc.

D. Cuidar constantemente

Além de ser criado a partir de uma matéria prima viva, dinâmica e sempre em transformação, o jardim possui uma organização que expressa uma mensagem elaborada pelo paisagista. Por esta razão, a presença diária do jardineiro é fundamental. Manter a vida, com suas infinitas variações, já demanda uma dedicação frequente. Mantê-la dentro de uma ordem que expressa uma mensagem específica depende deste zelo cotidiano. Sendo importante lembrar que é ao longo deste cuidado cotidiano que o jardineiro se liga afetivamente ao jardim e se compromete, cada vez mais, à criá-lo continuamente.

E. Respeitar o tempo

O respeito ao tempo deve estar presente tanto na relação do jardineiro com as plantas quanto ao seu próprio ofício.

- Em relação às plantas, esse respeito significa, basicamente, compreender que cada indivíduo vegetal precisa de um tempo para se desenvolver e, por isso, o jardim não é uma obra que se conclui no momento que é executada mas, como já pontuamos, é diariamente criada.

- Em relação ao ofício, esse respeito significa saber que se tornar um bom jardineiro demanda anos de experiência. Porque é só ao longo do tempo que o conhecimento técnico é consolidado e o amor à prática é desenvolvido.

F. Amar o que faz

Finalmente, à medida que se realiza com os resultados de seu trabalho e os benefícios que o contato com a natureza proporciona, o jardineiro aprende a amar o que faz. Amando o que faz, naturalmente ele se torna um bom jardineiro apto a transmitir suas boas práticas à novos aprendizes a fim de perpetuar este ofício.

5 O JARDINEIRO: PERSONAGEM INDISPENSÁVEL NA MANUTENÇÃO DE JARDINS E PAISAGENS

O jardim é uma paisagem. Ambos são criações humanas que se estabelecem na conciliação de aspectos contrários, articulando-os. Cauquelin (2005), por exemplo, entende que o jardim é uma “passagem” entre o espaço interior e exterior, entre a fragmentação (de seus diversos elementos) e sua totalidade (enquanto conjunto) e entre a ação (do jardineiro trabalhando ou de um visitante que passeia) e a contemplação que incita. No mesmo sentido, conforme Serrão (2011, p.34), a paisagem é, simultaneamente, “sujeito e objeto, permanência e movimento, mutabilidade e persistência”. Besse (2014, p.59) reforça esse raciocínio ao destacar que, no que tange paisagens projetadas, a intervenção de paisagistas é especialmente significativa quando busca-se um “ordenamento possível do encontro entre o urbano e o não urbano, entre o edificado e o não edificado, entre o fechado e o aberto, entre o mundo humano e o mundo natural”.

Para chegar a esta correspondência entre jardim e paisagem, conceitos tão plurais em significados, foi preciso eleger um ponto de partida. Para o jardim, adotamos a abordagem de Cauquelin, visto que ela busca descobrir a sua essência, isto é, identificar o que lhe é intrínseco e fundamental. Para a paisagem, escolhemos a abordagem de Besse, ou seja, admitimos que as “cinco portas da paisagem” sintetizam a diversidade das questões paisagísticas e, juntas, constituem um conceito mais amplo para a mesma. Em seguida, verificamos que o jardim em sua forma mais simples, como define Cauquelin, pode ser considerado paisagem por cada uma das portas propostas por Besse.

Através do jardim de Cauquelin (2005), isto é, em sua forma mais simples, de uso ordinário, como o que qualquer pessoa pode ter em sua casa, chegamos à compreensão de que a essência do jardim é a vida promovida e mantida em ordem pelo constante trabalho do jardineiro, pelo uso que ele faz da terra dentro deste espaço limitado, mas aberto. Isto significa que o jardim é construído continuamente, conforme as intenções do jardineiro, pela repetição cotidiana de uma série de tarefas fragmentadas e ritmadas tais como o tempo cíclico das estações e de desenvolvimento das plantas, do que vive. Metaforicamente, Cauquelin define o jardim como um relato escrito pelo jardineiro, ou ainda como um auto-retrato do mesmo. Especialmente, este relato se expressa no passeio que os caminhos do jardim proporcionam por entre seus canteiros e demais elementos, cada um deles revelando uma escolha desse jardineiro, os gestos que realizou para expressá-la (plantio de uma espécie,

determinada poda, execução de um caminho etc.) e, conseqüentemente, o próprio jardineiro, seu retrato. Desta forma, é impossível conceber ou falar de um jardim sem jardineiro.

Quanto à paisagem, dentre as diferentes formas de tratá-la, as cinco “portas” de Besse, ou seja, cinco abordagens para estudá-la e compreendê-la considerando seu caráter multidisciplinar são: representação cultural e social; território fabricado e habitado; meio ambiente material e vivo; experiência fenomenológica e projeto. Cada uma destas pode ser mais apropriada aos interesses de um campo específico do conhecimento - geografia, artes, filosofia, ecologia etc - ou de aplicação prática. Todavia, elas não se excluem, mas podem ser combinadas e se encontrar o que, segundo Besse, acontece notavelmente no campo do projeto onde atua o paisagista. De fato, o paisagista lida com fatores sócio-culturais, territoriais, ambientais dentre outras que o contexto de seu projeto pode exigir. É por esta razão que Besse o define como “operador de complexidade”.

E como afirmamos anteriormente, o jardim de Cauquelin é paisagem por todas essas abordagens conforme recapitulamos de forma resumida a seguir:

1. Pela porta de representação cultural e social, a paisagem é definida, segundo ideais estéticos ou culturais, como uma expressão humana. Tal como o jardim que, por ser um relato ou retrato do jardineiro, também expressa sua maneira de pensar, seus gostos etc.
2. Pela porta do território fabricado e habitado, a paisagem é definida como uma escrita na superfície da Terra segundo práticas e valores da sociedade para atender suas necessidades. Da mesma maneira, o jardim é fabricado de acordo com as práticas do contexto de sua produção a fim de atender necessidades humanas.
3. Pela porta do meio ambiente material e vivo, a paisagem é definida como uma totalidade dinâmica fruto da relação entre as decisões humanas e esse ambiente. O jardim é um exemplo claro de uma “totalidade dinâmica” porque é construído pelo jardineiro à semelhança do ambiente vivo, a partir de seus elementos: solo, água, plantas etc. Há jardins que são verdadeiros ecossistemas.
4. Pela porta da experiência fenomenológica, a paisagem é definida como uma realidade sensível apreendida conforme as vivências sensoriais diretas. E o jardim, pela riqueza de cores, texturas, cheiros etc., é privilegiadamente apreendido por essa vivência sensorial. Para Cauquelin, seu “pertencimento a ordem do sensível” é inquestionável.

5. Pela porta do projeto, a paisagem é definida como a busca do possível no real, isto é, como uma realidade a ser revelada pelo trabalho do paisagista de combinar múltiplas variáveis. Do mesmo modo, o jardim só se estabelece como uma realidade possível em decorrência do trabalho do jardineiro, de seu esforço de articular diversos elementos e fatores.

Como a porta de projeto evidencia, tanto jardineiro quanto paisagista trabalham associando diversas variáveis, por exemplo as mencionadas nas demais portas da paisagem: (1) estéticas e culturais; (2) práticas e produtivas; (3) ambientais e materiais; e (4) sensíveis. Assim, entendemos que a equivalência entre jardim e paisagem se reflete em seus criadores, ou seja, entre jardineiro e paisagista de forma que podemos estender ao jardineiro o termo “operador de complexidade”, atribuído ao paisagista por Besse. Além disto, embora o paisagista seja requisitado a projetar em escalas que extrapolam a escala do jardim - por exemplo, urbanas e territoriais onde convém denominá-lo como tal - compreendemos que ao projetar jardins, ele é jardineiro. Pela mesma lógica, o jardineiro é paisagista já que, ao construir jardins, também constrói paisagens.

É interessante observar que para estabelecer esta equivalência entre jardineiro e paisagista foi preciso, previamente, explicitar o protagonismo e importância do jardineiro. Isso foi possível graças ao jardim ordinário de Cauquelin que, apresentado como um espaço modesto e utilitário, é destituído de tudo aquilo que não é fundamental para sua existência. Então, essencialmente, o jardim é definido por Cauquelin como uma criação contínua do jardineiro, cotidianamente construída, cuja vida - principalmente em virtude da fragilidade do elemento vegetal - depende dos cuidados jardineiros.

Contudo, como expomos na introdução desta pesquisa, na realidade brasileira e particularmente recifense, há uma compreensão limitada do ofício jardineiro e consequente desvalorização dessa profissão o que, por sua vez, impõe desafios à manutenção de jardins e compromete sua conservação. Uma implicação disto é o risco de perda de obras de paisagistas respeitados e com relevante valor patrimonial, como as de Burle Marx em Recife, por falta de jardineiros competentes para dar continuidade à sua criação e perpetuar sua mensagem.

Assim, a relação entre jardineiro e paisagista que a equivalência entre jardim e paisagem evidencia é uma das contribuições desta pesquisa no sentido de ampliar a compreensão da complexidade do ofício do jardineiro e, consequentemente, do seu valor. Com este mesmo objetivo, buscamos revelar o “olhar jardineiro” por trás de

paisagistas renomados que declaradamente valorizam os jardineiros: o brasileiro Burle Marx e o francês Gilles Clément. Apesar de serem reconhecidos principalmente como paisagistas, isto é, pelos projetos de jardins, parques e afins que idealizaram, ambos destacam o valor da prática da jardinagem em suas trajetórias, do ato de, literalmente, colocar as mãos na terra e aprender observando as plantas, a vida, tal como um jardineiro.

Um exemplo prático desta postura jardineira de Burle Marx e Gilles Clément é o fato de que eles construíram jardins particulares que, dentre outras funções, eram utilizados como laboratório de experimentação prática e de observação do comportamento vegetal. Para estes paisagistas, saber trabalhar com a natureza é resultado da combinação de conhecimentos botânicos e afins com a prática contínua de atenta observação da natureza, sua dinâmica e razões de ser, bem como de uma sensibilidade para aprender com a própria natureza. A “coerência ecológica” que Burle Marx busca em seus projetos, assim como o “jardim em movimento” defendido por Gilles Clément, são conceitos elaborados pelos paisagistas em virtude do que aprenderam observando a lógica inerente à vida vegetal.

Em síntese, o que denominamos “olhar jardineiro” destes paisagistas é esta atenção voltada para a vida, sobretudo do elemento vegetal, não somente como matéria-prima de suas composições paisagísticas mas também como fonte de inspiração compositiva e de ensinamentos. Em outras palavras, é um olhar que respeita a vida das plantas que estão sendo utilizadas porque as conhece bem. Uma decorrência direta desta forma de ver a vida é uma consciência ecológica da interdependência entre humanos e demais seres vivos e a natureza como um todo. Nesse sentido, as trajetórias de Burle Marx e de Gilles Clément são exemplos de um esforço de transmitir a importância da natureza através de suas práticas e discursos.

Entendemos, inclusive, que a valorização dos jardineiros é um exemplo desta consciência desenvolvida por Burle Marx e Gilles Clément. Cientes da complexidade de trabalhar com o elemento vivo que - em virtude de seus “mistérios” (MARX, 2004) e de sua dinâmica “inventiva” (CLÉMENT, 2001) - precisa ser continuamente estudado, eles demonstram profundo respeito pela sabedoria do jardineiro. Clément, por exemplo, prefere ser tratado como jardineiro e fala do mesmo como um modelo de cidadão a ser adotado por todos. Ele acredita que quando uma pessoa tem uma atitude ecológica, isto é, consciente de seu impacto no planeta, ela está se comportando como um jardineiro. Já Burle Marx demonstra o valor que atribui a este ofício formando jardineiros a fim de superar a lacuna de carência de profissionais capacitados no Brasil.

Em síntese, “o olhar jardineiro” dos paisagistas estudados revelam que ser jardineiro é ser sensível, capaz de aprender pela observação, saber trabalhar com as plantas e ter consciência da importância de seus gestos na natureza como um todo. Isto também se confirmou ao longo das entrevistas que aplicamos à 11 jardineiros que atualmente trabalham no Sítio Roberto Burle Marx, dentre os quais apenas um não conviveu com este paisagista. Este grupo específico de entrevistados, em razão da estrutura e incentivo que tiveram para aprenderem a ser jardineiros, se desenvolveram de forma contínua no ofício adquirindo conhecimento consistente de como praticá-lo. Por isso, além de confirmarem o perfil jardineiro que identificamos através dos paisagistas, eles nos permitiram conhecer o que é necessário para se tornar um bom jardineiro.

A partir da análise das entrevistas feitas, compreendemos que um bom jardineiro é dotado da sabedoria de praticar os conhecimentos técnicos que possui de acordo com as necessidades específicas de cada planta, em diferentes momentos. Com base nisto, podemos dizer que sua principal habilidade é trabalhar a partir do que observa em dois sentidos: olhando atentamente para compreender e respeitando, por exemplo, determinados cuidados. Inicialmente, ele observa as características de cada planta a fim de saber como multiplicá-las e onde plantá-las; em seguida, ciente de que ela é um ser vivo frágil, ele adota os gestos adequados ao plantá-la ou manuseá-la a fim de não agredi-la, e então, ele acompanha seu desenvolvimento a fim de identificar os cuidados que precisam a cada fase de sua vida, a cada estação, sempre respeitando suas características.

Essa observação constante é necessária devido à dinâmica do que vive, sempre em transformação, como bem evidenciam as fases de frutificação e floração vegetais. E é esta dinâmica que torna o trabalho do jardineiro tão complexo, afinal, a cada instante, a combinação de fatores que orientam esse movimento inerente à vida é único. Isto significa que para obter os resultados que deseja em um jardim, o jardineiro precisa saber prever este movimento e pacientemente orientá-lo de acordo com as possibilidades que oferece. E para tanto, além de conhecimento, as entrevistas revelam que construir com a vida depende, sobretudo, de cuidado, carinho e respeito pelas plantas.

O desenvolvimento desta relação afetiva com o jardim e da capacidade de observar e compreender as plantas é, por sua vez, função da prática contínua ao longo do tempo. A maioria dos entrevistados destaca que só adquiriram desenvoltura no ofício após um período de dedicação interessada. Além disto, é importante destacar que, inicialmente, o

aprendizado básico de jardinagem destes entrevistados se deu através do convívio com jardineiros mais experientes, bem como com o próprio Burle Marx, de quem receberam orientações e pelos quais eram acompanhados e, caso necessário, corrigidos. Ao longo desse aprendizado pela convivência, as entrevistas revelam que não somente as instruções foram aprendidas, mas também o respeito pelas plantas enquanto seres vivos, assim como uma consciência ecológica, isto é, da repercussão do gesto jardineiro na vida das florestas, do planeta e do próprio homem.

Considerando que a formação dos jardineiros entrevistados foi privilegiada e atípica, pelo menos na realidade brasileira, entendemos que não podemos afirmar que o perfil jardineiro que traçamos traduz a realidade deste profissional de forma geral. Para isso, é de grande valia que, em pesquisas posteriores, seja realizado um estudo comparativo entre jardineiros de diferentes formações a fim de compreender com maior profundidade a especificidade desta prática. Todavia, justamente por terem sido formados por Burle Marx, - reconhecido nacional e internacionalmente por sua produção paisagística e o qual se dedicou de forma ímpar à valorização e conservação da flora e recursos paisagísticos brasileiros, - acreditamos que os jardineiros entrevistados fornecem informações consistentes para a compreensão da complexidade deste ofício e de sua importância.

Pelo mesmo motivo, acreditamos também que as etapas desta formação, conforme identificamos ao longo da análise das entrevistas, podem ser convertidas em recomendações para uma gestão de jardins que reconhece o protagonismo do jardineiro na sua manutenção como recomenda a Carta de Jardins Históricos Brasileiros ou Carta de Juiz de Fora (2010) ao afirmar que o *“reconhecimento, de forma clara e efetiva, da importância e singularidade do ofício do jardineiro”* é uma das ações imprescindíveis para a *“preservação e manutenção dos jardins históricos”* e, ao nosso ver, de todos os jardins de maneira geral. Então, vendo o jardineiro como esse personagem indispensável para a conservação de jardins e paisagens, propomos (no item 4.1) recomendações iniciais para uma gestão de jardins as quais, evidentemente, podem e devem ser aprimoradas em pesquisas que se aprofundarem na problemática da gestão propriamente dita.

E além da contribuição prática de garantir uma boa manutenção dos jardins, o jardineiro representa um exemplo que, se observado, contribui significativamente para a conscientização de quem o observa. Seus gestos cotidianos para manter a vida mostram como conviver com a natureza e também os efeitos das decisões humanas sobre a mesma. Ao

perceber como isso acontece no jardim - essa paisagem que ao mesmo tempo, conforme Besse (2014), representa uma intenção humana, se inscreve no solo, possui usos que atendem diversas necessidades do homem, abriga um ecossistema e é um convite à experiências multissensoriais - podemos compreender melhor outras paisagens. Como vimos, para Burle Marx, o jardim tem esse potencial educativo, de sensibilizar o ser humano para vivenciar a paisagem. E é nesse mesmo sentido que Gilles Clément propõe que cada ser humano seja um jardineiro, isto é, tenha consciência dos efeitos de suas ações no mundo em que vive.

Segundo Cauquelin (2005), o jardim é uma continuidade do próprio jardineiro, uma expressão de seu trabalho, preferências e escolhas, em síntese, ele é resultado e objeto dos cuidados jardineiros. Isto significa que a existência do jardim depende do jardineiro. E quando entendemos que o jardineiro também está criando paisagens, podemos nos conscientizar sobre a responsabilidade humana sobre as mesmas. A consciência ecológica de que Burle Marx e Gilles Clément falam é, de certa forma, uma consciência de que as paisagens são cotidianamente construídas, como um jardim, em decorrência de como o homem orienta a vida. A busca pela coerência ecológica, empreendida por Burle Marx, ou pela estética do movimento, proposta por Gilles Clément, são exemplos práticos da maturidade desses paisagistas que, ao desenvolverem um olhar jardineiro – essa atenção para com a vida – produziram paisagens escolhendo respeitar a matéria prima do seu trabalho.

Desta forma, concluímos que as contribuições jardineiras para a conservação de jardins e paisagens ultrapassam a dimensão prática da manutenção porque também significam um importante meio de conscientização sobre nossa responsabilidade pelas mesmas. Afinal, se formos capazes de olhar à nossa volta como um jardineiro, então poderemos compreender a vida que anima as paisagens e aprender a trabalhar com ela, conservando-a. Como demonstram os exemplos de Burle Marx e Gilles Clément, ser jardineiro é mais do que um trabalho braçal, mas sim um saber construído permanentemente, ao longo de demorada observação da vida que, em sua dinâmica, torna o trabalho do jardineiro um complexo exercício de perpetuá-la.

5.1 RECOMENDAÇÕES PARA UMA GESTÃO DE JARDINS CENTRADA NO JARDINEIRO

Ao longo desta pesquisa, como exposto, definimos o jardineiro e o paisagista como operadores de complexidade porque eles atuam no centro de diversas questões, articulando variáveis de diferentes campos do conhecimento. Na construção de um jardim, como também foi pontuado, isso significa que eles compõem uma equipe multidisciplinar composta por botânicos, biólogos, geógrafos, engenheiros dentre outros, conforme o caso. Considerando as fases práticas da criação de um jardim - projeto, execução e manutenção - podemos dizer que todos os profissionais da equipe pode ser mais ou menos requisitado em cada uma delas, mas que a atuação do paisagista é especialmente importante na fase de projeto e a do jardineiro nas fases de execução e manutenção.

Tendo em vista que a gestão de um jardim deve preocupar-se em conservá-lo de acordo com o sentido para o qual foi criado, entendemos que ela deve ser capaz de identificar as ações necessárias para uma manutenção adequada. Isso significa, por exemplo, saber qual profissional acionar em eventuais problemas (o paisagista ou o botânico, etc.) e, sobretudo, assegurar que todos os profissionais que venham a atuar nessa manutenção conheçam as características do jardim (caminhos, limites, elementos vegetais, mobiliário etc.), bem como o porquê destas, a fim de não realizarem transformações que possam prejudicar a sua coerência. Além disso, lembrando que a principal matéria prima do jardim é a planta, o ser vivo, é preciso garantir que a sua manutenção seja um gesto cotidiano.

O jardineiro, além de ser quem executa o que o paisagista projetou, ele é também o responsável direto por acompanhar o desenvolvimento das plantas, cuidar das mesmas e identificar o que elas necessitam - inclusive, se for o caso, a intervenção de um botânico ou outro profissional especializado. Como afirma Clément (2011, p.2), o jardineiro “*couvre le champ de la complexité des fonctions assumées séparément par le paysagiste et le technicien, mais avant tout il s’occupe du vivant*”¹⁰⁵. Além disso, como vimos, ao longo do tempo cuidando de um jardim, o jardineiro desenvolve uma relação afetiva com o mesmo e, consequentemente, um comprometimento ainda maior com sua manutenção. Diante disto, acreditamos que o jardineiro é a chave para uma gestão bem-sucedida desde que bem capacitado e com condições de se afeiçoar pelo jardim do qual será responsável.

¹⁰⁵ “cobre o campo da complexidade das funções assumidas separadamente pelo paisagista e o técnico, mas antes de tudo, ele se ocupa do ser vivo” (Tradução da autora).

Então, com base no que discutimos ao longo desta dissertação, definimos as seguintes recomendações básicas para a gestão de jardins:

1. Promover a formação de bons jardineiros.

Visto que a vida do jardim depende do cuidado jardineiro, esta é uma recomendação fundamental sem a qual as demais não fazem sentido. Adotando a formação dos jardineiros que entrevistamos como referência, podemos dizer que, para se formar bons jardineiros, o mais importante é proporcionar aos aprendizes acesso aos jardineiros já capacitados e experientes, bem como um lugar para praticar a jardinagem sob sua supervisão até adquirirem autonomia. A convivência com outros profissionais como botânicos e paisagistas também é relevante e contribui significativamente para a qualidade do jardineiro formado.

2. Assegurar a troca de conhecimento entre o jardineiro, o paisagista e demais técnicos envolvidos na criação do jardim.

Comumente, em relação ao jardineiro que acompanha a vida do jardim, a atuação do paisagista e outros técnicos costuma ser eventual ao longo do tempo. Desta forma, a convivência entre os mesmos é essencial para que o jardineiro, em sua prática cotidiana, possa dar continuidade ao que foi pensado em equipe. Podemos dizer que ele é o responsável por perpetuar a mensagem do jardim desde que, obviamente, a conheça bem.

3. Proporcionar condições para que o jardineiro que executou o jardim possa permanecer à frente de sua manutenção tempo suficiente.

A importância de um mesmo jardineiro executar o jardim e ser responsável por sua manutenção reside no pressuposto de que quem executa o jardim convive com o paisagista e outros técnicos e, por isso, conhece melhor a mensagem que ele deve transmitir. Além disso, como explicamos, quanto mais tempo o jardineiro trabalha em um jardim mais afeto desenvolve por ele e melhor cuida do mesmo. Então, é interessante manter o mesmo jardineiro como responsável de um jardim o máximo de tempo possível, pelo menos até que ele transmita seu conhecimento à outro capaz de substituí-lo.

4. Promover a transmissão de conhecimento de jardineiros mais experientes para os mais jovens em cada jardim específico.

Embora as técnicas de jardinagem possam ser aprendidas em qualquer jardim, cada jardim é singular em suas características, pelas espécies que o compõem, pela mensagem que representa etc. Então, o ideal é que o responsável por um determinado jardim transmita seu conhecimento para outros jardineiros da equipe a fim de que estes continuem o mantendo de forma coerente. Sendo importante lembrar que, desta forma, os jardineiros mais novos estarão tendo tempo de se afeiçoar pelo jardim em que trabalham e até mesmo de aprenderem a consciência e sabedoria que o jardineiro mais experiente demonstrar. E este ciclo deve ser permanentemente mantido.

5. Garantir uma infraestrutura de apoio à manutenção.

Embora a presença de uma equipe de jardineiros capacitada possa ser considerada um pilar da gestão de jardins, ela não a sustenta sozinha. É preciso que exista uma infraestrutura de apoio capaz de suprir as demandas materiais (como água, adubo, mudas de plantas, ferramentas etc.) e também de aperfeiçoamento dos jardineiros, como formações específicas ou mesmo a consultoria de profissionais especializados em botânica, paisagismo ou no campo do conhecimento que se fizer necessário.

Observadas essas recomendações, ao longo do tempo, cada jardim com um bom jardineiro responsável à frente de sua manutenção pode, inclusive, ser um ponto de apoio estratégico para a formação de outros jardineiros em consonância com o que diz a 4ª recomendação proposta. Isso significa, por exemplo, uma possibilidade do sistema de gestão de jardins, com uma infraestrutura sólida (conforme a recomendação 5), se tornar auto-sustentável no que tange o principal recurso humano que precisa: o jardineiro. Enfim, o que queremos demonstrar com essas recomendações básicas é que, uma gestão centrada no jardineiro, se bem estruturada e articulada, tem melhores condições de operar a complexidade do jardim de maneira integrada e, efetivamente preservar os jardins e os benefícios que sua presença traz para a cidade e para a vida humana.

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, Carlos Drummond de; ATAK, Georg Barber (ilustrações). O Jardim. São Paulo: Companhia das Letras, 2015
- ASSIS, Machado de. Quincas Borba. Capítulo CXLI. In: ASSIS, Machado de. Obra Completa. vol. I, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/Quincas%20Borba.pdf. Acesso em janeiro de 2018.
- ASSUNTO, Rosario. *A paisagem e a estética*. In: SERRÃO, A. V. (org.). Filosofia da Paisagem. Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- BERJMAN, Sônia. El Paisaje y el Jardín como Elementos Patrimoniales. Una Visión Argentina. In: TERRA, Carlos G., ANDRADE, Rubens O. De (orgs.). Paisagens culturais: contrastes sul – americanos. Rio de Janeiro, 2008.
- BERQUE, Augustin (Dir.). Cinq propositions pour une théorie du paysage. Seyssel: Champ Vallon, 1994.
- BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BURNETT, Frances Hodgson. O Jardim secreto. Tradução de José Luiz Perota e Bianca Carvalho. São Paulo: Editora Dracaena, 2012.
- CARTA DE FLORENÇA (1981). In: CURY, I. (Brasil). Cartas Patrimoniais. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. p. 253-258. Edições do Patrimônio.
- CARTA DE JUIZ DE FORA (2010). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro: IPHAN, 2010. Edições do Patrimônio.
- CARTA DE VENEZA (1964). In: CURY, I. (Brasil). Cartas Patrimoniais. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. p. 91-96. Edições do Patrimônio.
- CAUQUELIN, Anne. *Petit traité du jardin ordinaire*. Paris: Payot & Rivages, 2005
- CLÉMENT, Gilles. *Burle Marx e a Concepção Contemporânea do Jardim*. In: LEENHARDT, Jacques. Nos jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994. p. 85-96.
- CLÉMENT, Gilles. *La sagesse du jardinier*. Paris: Editions JC Béhar, 2012

CLÉMENT, Gilles. *Jardins, paysage et génie naturel*. Paris : Collège de France, 2011. Disponível em: <<http://books.openedition.org/cdf/496>>.

CONVENÇÃO Européia da Paisagem. Decreto n. 4/2005. Florença, 20 out. 2000.

CORREIO DA MANHÃ. *Burle Marx e a renovação do jardim*. Recife, 18 de julho de 1962.

COSTA, Lúcio. *Roberto Burle Marx: senhor de guaratiba*. In QUEIROZ, Paulo; QUEIROZ, Lucia Victoria Peltier de; Boff, Leonardo (Organizadores). Roberto Burle Marx. Homenagem à natureza. Rio de Janeiro: Vozes, 1979. p. 13-16

ERLWEIN, Alfredo. *Gilles Clément*. Entrevista, AUS (Valdivia), 2010, no.7, p.28-31. Disponível em: <http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-72622010000100008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em março de 2018.

FEITOSA JÚNIOR, Wilson de Barros. O jardineiro na conservação dos jardins públicos do Recife, 2017. 83p. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

GIÉDION, S. *Burle Marx e o Jardim contemporâneo*. In QUEIROZ, Paulo; QUEIROZ, Lucia Victoria Peltier de; Boff, Leonardo (Organizadores). Roberto Burle Marx. Homenagem à natureza. Rio de Janeiro: Vozes, 1979. p. 39-40

GUIMARÃES, Fernando (compositor e intérprete). Cantilena de Jardim. In: Cantilenas de Jardim, 2007. 1 CD. Faixa 01.

LAVOCAT, Lorène. Gilles Clément : Jardiner, c'est résister. Entrevista. Reporterre [online], abril de 2014. Disponível em: <https://reporterre.net/Gilles-Clement-Jardiner-c-est>. Acesso em março de 2018.

L'ART des jardins. *Comprendre Gilles Clément*. Produzido por Stand Alone Media. Entrevista (16 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xM7P7MzPxFs>. Acesso em fevereiro de 2018

LE JARDIN en Mouvement. *Extrait du film*. (2013). APRES production.(2'44'') Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=36&v=JQsdXWmLNDE. Acesso em março de 2018.

LEENHARDT, Jacques. O jardim: jogos de artificios. In: LEENHARDT, Jacques. Nos jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994. p. 7-46.

LEENHARDT, Jacques. A exigência social de paisagem: reflexões a partir de Burle Marx. In: TERRA, Carlos; ANDRADE, Rubens. Paisagens Culturais: Contrastes Sul-Americanos. Rio de Janeiro: EBA, 2008. p. 37-45.

LINAJE, María Teresa González. Concepto y vivencia del paisaje em la antiga China. In: CHECA, M.M.; GARCÍA, A.; SOTO, P.; SUNYER, P. Paisaje y Territorio. Articulaciones teóricas y empíricas. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2014.

MALAURE, Julie. Visite privée de la maison verte de Gilles Clément. Le Point Culture [online] julho de 2009. Disponível em: http://www.lepoint.fr/culture/visite-privee-de-la-maison-verte-de-gilles-clement-04-07-2009-921718_3.php. Acesso em março de 2018.

MARX, Roberto Burle. *As áreas verdes no espaço urbano*. In: QUEIROZ, Paulo; QUEIROZ, Lucia Victoria Peltier de; Boff, Leonardo (Organizadores). Roberto Burle Marx. Homenagem à natureza. Rio de Janeiro: Vozes, 1979. P. 79-84

MARX, Roberto Burle. *Depoimento*. In: Xavier, Alberto (org.). Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira [edição revisada e ampliada]. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, pp. 305-313.

MARX, Roberto Burle; TABACOW, José (organização e comentários). *Arte e Paisagem: conferências escolhidas*. 2ª ed. Rev. e ampl. - São Paulo: Studio Nobel, 2004.

MAURIÈRES, Arnaud. *Burle Marx na História da Paisagem Moderna*. In: LEENHARDT, Jacques. Nos jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994. p. 85-96.

NIEMEYER, Carlos Augusto da C. Paisagismo no Planejamento Arquitetônico. Uberlândia: EDUFU, 2011.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. *Gilles Clément e o jardim planetário*. Entrevista, São Paulo, ano 01, n. 002.03, Vitruvius, jul. 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.002/997>. Acesso em janeiro de 2018.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. *Roberto Burle Marx*. Entrevista, São Paulo, ano 02, n. 006.01, Vitruvius, abr. 2001 Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/02.006/3346>. Acesso em maio de 2017.

PAYSAGE. *Conferência com Gilles Clément*. (61 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8pQrMTJwy5M>> Acesso em março de 2018.

QUEIROZ, Paulo; QUEIROZ, Lucia Victoria Peltier de; Boff, Leonardo (Organizadores). Roberto Burle Marx. Homenagem à natureza. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

ROGER, Alain. Natureza e cultura. A dupla artialização. In: SERRÃO, A. V. (org.) Filosofia da Paisagem. Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; SILVA, Joelmir Marques; BARROS, Marília Lucena; FERRAZ, Carla Santos e MEDEIROS, Talys Napoleão. A arte dos jardineiros na conservação do jardim histórico. In: ANDRADE, Rubens de; FASOLATO, Douglas; PESSOA, Ana. (orgs.). Jardins históricos: a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2015.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; FIGUEIRÔA, Aline; SILVA, Joelmir Marques da. Jardins de Burle Marx no nordeste do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SERPA, Angelo. Paisagem em Movimento : O Parque André -Citroën em Paris. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 19 - São Paulo - p. 137 - 162, 2004.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. Da Essência do Jardim. In: SERRÃO, A. V. (org.). Filosofia da Paisagem. Estudos. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. A paisagem como problema da filosofia. In: SERRÃO, A. V. (org.). Filosofia da Paisagem. Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

SGARD, Jaques. *Burle Marx e a Estética da Paisagem*. In: LEENHARDT, Jacques. Nos jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994. p. 69-74.

SILVA, Christiani Margareth de Menezes e. *O conceito de doxa (opiniões) em Aristóteles*. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 29, n. 2, p. 43-67, dez. 2016

SIQUEIRA, Vera Beatriz. Burle Marx. Rio de Janeiro: Cosac & Naif, 2004.

TABACOW, José. In MARX, Roberto Burle; TABACOW, José (organização e comentários). Arte e Paisagem: conferências escolhidas. 2ª ed. Rev. e ampl. - São Paulo: Studio Nobel, 2004.

VINCENT, Claude. *O Arquiteto-Paisagista Roberto Burle Marx*. In: QUEIROZ, Paulo; QUEIROZ, Lucia Victoria Peltier de; Boff, Leonardo (Organizadores). Roberto Burle Marx. Homenagem à natureza. Rio de Janeiro: Vozes, 1979. P. 35-38

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA DOS JARDINEIROS

IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Escolaridade:

QUESTÕES

Formação:

1. Há quanto tempo trabalha como jardineiro(a)?
2. Na sua família tem algum jardineiro, alguém que te incentivou a ser jardineiro?
3. Como você aprendeu a jardinagem?

Prática do ofício:

4. O que deve ser feito para manter um jardim bem cuidado?
5. Com que frequência (diária, semanal, mensal) normalmente realiza essas tarefas?

Conhecimento específico sobre as plantas:

6. Como você sabe qual o local apropriado para cada planta?
7. Quanto tempo deve observá-la quando ela muda de local? (Da sementeira pro jardim, por exemplo)
8. Como você sente o que a planta precisa?
9. De forma geral, por quanto tempo você acompanha o desenvolvimento das plantas?
10. Qual a época que o jardim que o senhor cuida exige mais atenção e porque?

Relação com o ofício / plantas

11. Você gosta do seu trabalho? Porque?
12. Você tem uma planta preferida? O que te chama atenção nela?
13. E um jardim, tem um preferido? Porque?
14. Você tem um jardim em sua casa? Qual a importância dele para você?
15. O que significa ser jardineiro para você?

Conselho ou orientação

16. O que você tem a dizer para quem quer começar a praticar a jardinagem?